

**FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ANDRÉ DANIEL REINKE

**O SIONISMO CRISTÃO E SUA INFLUÊNCIA
NA CULTURA PROTESTANTE BRASILEIRA**

São Leopoldo

2018

ANDRÉ DANIEL REINKE

**O SIONISMO CRISTÃO E SUA INFLUÊNCIA
NA CULTURA PROTESTANTE BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração:
História das Teologias e Religiões

Orientador: Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R372s Reinke, André Daniel

O sionismo cristão e sua influência na cultura protestante brasileira / André Daniel Reinke; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2018. 153 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Sionismo cristão. 2. Antissemitismo. 3. Israel – Política e governo. 4. Israel – História. 5. Protestantismo – Brasil. 6. Dispensacionalismo. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

ANDRÉ DANIEL REINKE

**O SIONISMO CRISTÃO E SUA INFLUÊNCIA NA CULTURA PROTESTANTE
BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: História das
Teologias e Religiões

Data de Aprovação: 10 de julho de 2018

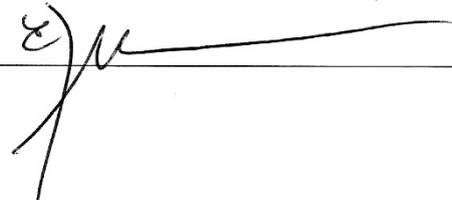
Prof. Dr. Wilhelm Wachholz (Presidente)



Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper (EST)



Prof. Dr. Eber Ferreira Silveira Lima (UNINOVE)



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento disponibilizado, o que tornou esta pesquisa possível. Agradeço a Faculdades EST pelo acolhimento competente e pela disponibilização de sua excelente estrutura física e humana para a pesquisa acadêmica.

Meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. Wilhelm Wachholz pela orientação bastante precisa, inteligente, amável e sempre disponível. Agradeço também à equipe de professores da EST que foram, sem exceção, atenciosos e estimuladores do aprofundamento das reflexões. Fica o meu respeito para com instituição que eles representam pela completa liberdade de opinião, abertura ao debate e estímulo ao livre-pensamento. É um alento encontrar uma academia onde o encontro dos diferentes é incentivado e as cercas metodológicas conduzem a portas abertas para novos horizontes.

Agradeço a Eliana Denise Grimm, esposa e melhor-amiga, que sempre acreditou nas minhas investidas acadêmicas com bom-humor, companheirismo e incentivo, além de revisar e corrigir as traduções do inglês. E principalmente pelas vezes em que manteve nosso filho Lucas ocupado, nos momentos em que papai não podia brincar.

Não posso esquecer daqueles que me incentivaram a iniciar o mestrado na Faculdades EST, certos de que ela era “a minha cara”: Paulo Felipe Teixeira Almeida, Tiago Garros, Marcelo Saldanha e Rogério Ribeiro. As dicas deles, inclusive na leitura do anteprojeto de pesquisa, foram fundamentais.

Finalmente, agradeço, acima de tudo, a Jesus Cristo – Aquele-que-era, Aquele-que-é, Aquele-que-vem. Cada dia tem sido uma prova da sua graça.

RESUMO

O presente estudo tem por objeto o desenvolvimento histórico do sionismo cristão, a influência na cultura protestante brasileira e seus desdobramentos no posicionamento político das igrejas em relação ao Estado de Israel. A primeira parte da pesquisa se deu em torno do surgimento do sionismo cristão na Grã-Bretanha do século XIX, a gênese do dispensacionalismo e seus fundamentos teóricos, e a atuação dos protestantes britânicos para a solução nacionalista do problema judaico do antissemitismo. A segunda parte da pesquisa procurou compreender o contexto para a chegada e desenvolvimento do dispensacionalismo nos Estados Unidos da América no século XX e o sucesso definitivo desta doutrina, bem como seu engajamento na causa sionista e apoio para a formação do Estado de Israel. A terceira parte desta pesquisa tratou da influência do dispensacionalismo norte-americano entre os brasileiros, especialmente por meio das traduções de literatura e divulgação em televisão e mídias digitais, sendo então verificadas as ações sionistas cristãs concretas, por parte dos brasileiros, em viagens a Israel, organizações de apoio ao Estado israelense e em manifestações no cenário político nacional. O estudo demonstrou a predominância do dispensacionalismo como doutrina escatológica no contexto do protestantismo do Brasil, e seu produto político, o sionismo cristão, em processo de engajamento crescente pela Bancada Evangélica no Congresso Nacional.

Palavras-chave: Sionismo Cristão. Escatologia. Dispensacionalismo. Protestantismo Anglo-Saxão. Protestantismo Brasileiro. Teologia Política.

ABSTRACT

The object of this study is the historical development of Christian Zionism, its influence on Brazilian Protestant culture and its ramifications into the political positioning of the churches in relation to the State of Israel. The first part of the research revolved around the emergence of Christian Zionism in Great Britain in the 19th century, the beginning of dispensationalism and its theoretical foundations, and the actions of the British Protestants toward the nationalist solution of the Jewish problem of anti-semitism. The second part of the research sought to comprehend the context of the arrival and development of dispensationalism in the United States of America in the 20th century and the definitive success of this doctrine, as well as its engagement in the Zionist cause and support for the formation of the State of Israel. The third part of this research dealt with the influence of North American dispensationalism among the Brazilians, especially through the translations of literature and propagation on television and digital medias, after which the concrete Christian Zionist actions of the Brazilians, were verified, on trips to Israel, through organizations supporting the Israeli state and in manifestations on the national political scene. The study showed the predominance of dispensationalism as an eschatological doctrine in the context of Protestantism in Brazil, and its political product, Christian Zionism, in the process of growing involvement through the Evangelical Block in the National Congress.

Keywords: Christian Zionism. Eschatology. Dispensationalism. Anglo-Saxon Protestantism. Political Theology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. A GÊNESE DO SIONISMO CRISTÃO NA GRÃ-BRETANHA DO SÉCULO XX	19
1.1 O Império Britânico e os protestantes do século XIX	19
1.1.1 O colonialismo britânico e a missão protestante	20
1.1.2 A expectativa milenista no protestantismo britânico	22
1.1.3 Milenismo, protestantismo britânico e a conversão dos judeus	23
1.2 A gênese do dispensacionalismo	26
1.2.1 John Nelson Darby e a igreja em ruínas	26
1.2.2 A hermenêutica literalista radical do dispensacionalismo	30
1.2.3 Igreja e Israel: o Reino de Deus dividido	32
1.2.4 O sionismo como sinal dos tempos	33
1.3 O movimento sionista e o sionismo cristão britânico	35
1.3.1 A questão judaica: o antissemitismo europeu	36
1.3.2 A solução sionista: o nacionalismo judaico	39
1.3.3 Os protestantes britânicos, a política externa e a questão judaica	43
1.3.4 Convergência de interesses: Império Britânico e sionismo	44
1.3.5 Reflexões sobre a gênese do sionismo cristão	47
2. O DESENVOLVIMENTO DO SIONISMO CRISTÃO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XIX E XX	49
2.1 Os Estados Unidos da América e o protestantismo	49
2.1.1 Povo escolhido, Destino Manifesto e impulso missionário	49
2.1.2 Avivamentos e milenismos: marcas da espiritualidade norte-americana ...	53
2.1.3 Desenvolvimento do fundamentalismo nos Estados Unidos da América ..	56
2.1.4 Surgimento do pentecostalismo nos Estados Unidos da América	60
2.2 O desenvolvimento do dispensacionalismo nos Estados Unidos da América ...	63
2.2.1 John Nelson Darby nos Estados Unidos da América	63
2.2.2 Os principais líderes do dispensacionalismo norte-americano na fase de consolidação	67
2.2.3 O apelo midiático do dispensacionalismo norte-americano	69
2.3 A formação do Estado de Israel e o sionismo cristão nos Estados Unidos da América	73
2.3.1 A formação e consolidação do Estado de Israel	74
2.3.2 Os sionistas cristãos no universo protestante norte-americano	76
2.3.3 A influência protestante na política externa norte-americana	79
2.3.4 O ativismo político das organizações sionistas cristãs	82

3. A INFLUÊNCIA DO SIONISMO CRISTÃO NA CULTURA PROTESTANTE BRASILEIRA	87
3.1 As raízes históricas do protestantismo brasileiro	87
3.1.1 Os diversos rostos do protestantismo brasileiro	88
3.1.2 O rosto norte-americano do protestantismo brasileiro	93
3.1.3 O rosto sobrenaturalista do protestantismo brasileiro	98
3.2 As manifestações do dispensacionalismo e do sionismo cristão na cultura protestante brasileira	102
3.2.1 Dispensacionalismo e sionismo cristão em livros publicados no Brasil ..	102
3.2.2 Reflexos do dispensacionalismo nas obras que não subscrevem a doutrina: explicações, oposições	108
3.2.3 O dispensacionalismo e o sionismo cristão nas mídias brasileiras	111
3.3 As ações sionistas cristãs dos protestantes brasileiros	114
3.3.1 Viagens bíblicas a Israel promovidas no Brasil	115
3.3.2 Organizações sionistas cristãs no Brasil	117
3.3.3 Manifestações sionistas cristãs no cenário político brasileiro	119
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	145
ANEXO I: Tendências teológicas e sionistas cristãs dos milenismos	145
ANEXO II: Livros dispensacionalistas e sionistas cristãos atuais	146
ANEXO III: Livros dispensacionalistas e sionistas cristãos esgotados	148
ANEXO IV: Sites, blogs e fanpages de sionistas cristãos	150
ANEXO V: Empresas especializadas em viagens bíblicas	151

ABREVIATURAS E SIGLAS

CPAD: Casa Publicadora das Assembleias de Deus

EUA: Estados Unidos da América

ICEJ: International Christian Embassy Jerusalem
[Embaixada Cristã Internacional Jerusalém]

ONU: Organização das Nações Unidas

INTRODUÇÃO

O objeto dessa pesquisa é o desenvolvimento histórico do sionismo cristão, a influência na cultura protestante brasileira e seus desdobramentos no posicionamento político das igrejas em relação ao Estado de Israel. O objetivo foi fazer um resgate histórico do surgimento do sionismo cristão no contexto britânico do século XIX, seu desenvolvimento no meio norte-americano naquele século e no XX, bem como sua migração e conseqüente influência entre os protestantes brasileiros.

Antes de mais nada, algumas revisões conceituais. O **sionismo** é um movimento de cunho nacionalista judaico, que promove o retorno do povo judeu para a Palestina e a retomada de uma soberania israelense na forma de Estado, ocupando o espaço que foi a terra de Israel na Antiguidade.¹ O **sionismo cristão**, por sua vez, é o apoio cristão ao sionismo, ou “um movimento de cristãos pré-milenistas, dispensacionalistas, fundamentalistas/evangélicos, que aderem e promovem as crenças e objetivos do sionismo político e religioso”.² Ao longo de sua história, o movimento sionista contou com o apoio dos cristãos da principal potência protestante do mundo no século XIX (a Grã-Bretanha), o que se repetiu com a potência protestante do século XX (os EUA).

O assunto das origens e conseqüências desse movimento tem sido aprofundado no eixo protestante anglo-saxão. A discussão sobre as influências da teologia dispensacionalista e de sua crescente manifestação política na forma de sionismo cristão já vem de algumas décadas na língua inglesa, mas as principais obras que tecem críticas a ambos os movimentos (sionismo cristão e dispensacionalismo) não foram traduzidos para a língua portuguesa. Esse fato já é um indicativo da influência à qual a comunidade protestante brasileira está submetida. Críticos como Clarence Bass (autor de *Backgrounds to dispensacionalism*),³ Timothy Weber (*On the road to*

¹ SIZER, Stephen. *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?* Downers Grove, Illinois, EUA: InterVarsity Press, 2004. p. 17.

² Orig.: “For its part, Christian Zionism is a movement of premillennial, dispensational, fundamentalist/evangelical Christians who adhere to and promote the beliefs and goals of political and religious Zionism”. BUSH, Andrew F. The Implications of Christian Zionism for Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 144-150, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

³ Bass publicou suas críticas ao dispensacionalismo em 1960, antes da Guerra dos Seis Dias, que alçou o Estado de Israel e o sionismo cristão a um novo patamar. BASS, Clarence. *Backgrounds to*

Armageddon),⁴ e o controverso Stephen Sizer (pesquisador que publicou *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?*),⁵ não são conhecidos dos leitores brasileiros, restando ao nosso público apenas a visão apoiadora do movimento em autores como o pré-milenista dispensacionalista Thomas Ice (traduzido no livreto *Sionismo Cristão*),⁶ ou em autores consagrados nos EUA e no Brasil, oriundos da mesma escola teológica, como Hal Lindsey (autor de *A Agonia do Grande Planeta Terra*),⁷ e Tim LaHaye (da série de ficção escatológica *Deixados para trás*),⁸ *best-seller* internacional traduzido em várias línguas. O único autor encontrado, traduzido para o português, que levanta a questão do sionismo cristão e sua relação com a política do Estado de Israel, não é do meio cristão: trata-se do historiador israelense Shlomo Sand, que teve publicados no Brasil os livros *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo*⁹ e *A invenção da terra de Israel: da Terra Santa a terra pátria*,¹⁰ os quais estão contemplados nessa pesquisa.

A polêmica é intensa no contexto norte-americano, onde reside hoje o grande centro dispensacionalista e sionista cristão. Pouco desse debate chega ao Brasil, ou, quando chega, é apresentado da ótica sionista cristã, não raro afirmando que os opositores estão “lutando do lado errado da história, da justiça e da Bíblia”¹¹ – e, por conseguinte, da batalha espiritual do tempo do fim. Tem sido comum a acusação de antissemitismo e de “ser contra Deus” pelo simples fato de alguém não apoiar o Estado de Israel.¹² Apenas tais acusações, em um contexto brasileiro no qual a posição de Israel não é severamente questionada – pelo contrário, é alvo de estima pela

dispensationalism: The historical genesis and ecclesiastical implications. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

⁴ WEBER, Timothy P. *On the road to Armageddon: how evangelicals became Israel's best friend*. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2005.

⁵ SIZER, 2004.

⁶ ICE, Thomas. *Sionismo cristão*. Porto Alegre: Actual Edições, 2010.

⁷ LINDSEY, Hal. *A agonia do grande planeta Terra*. 7. ed. São José dos Campos, SP: CLC Editora, 1984.

⁸ Série de 12 volumes, traduzida e publicada pela Editora Hagnos (São Paulo), em 2000.

⁹ SAND, Shlomo. *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá, 2011.

¹⁰ SAND, Shlomo. *A invenção da Terra de Israel: de Terra Santa a terra pátria*. São Paulo: Benvirá, 2014.

¹¹ Acusação de um artigo traduzido do inglês para o português. SCOTT, Bruce. *Anti-Sionismo Cristão: do lado errado da história, da justiça e da Bíblia*. Disponível em:

<http://www.chamada.com.br/mensagens/anti_sionismo_cristao.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

¹² Acusação também traduzida do inglês para o português. GOODENOUGH, Stan. *Israel – Dividindo a Igreja, ou definindo-a?* Disponível em:

<http://www.chamada.com.br/mensagens/israel_igreja.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

quase totalidade das publicações protestantes –, já seriam suficientes para estimular uma pesquisa mais detalhada sobre o tema, apenas para equilibrar as fontes de informação.

Tenho percebido o resultado desse “bombardeio” de literatura dispensacionalista nos cursos livres de panorama bíblico que ministro, e até mesmo em relações informais, como diálogos em mídias digitais, quando a confusão entre o povo bíblico descrito na Bíblia e o atual Estado de Israel se faz presente. Na minha experiência, são dois os fatos que demandam investigação mais aprofundada: a propagação indiscriminada da doutrina escatológica do dispensacionalismo como uma verdade praticamente incontestável no meio protestante brasileiro (especialmente o de missão e pentecostal); e um apoio incondicional e pouco questionador destes mesmos protestantes às ações do Estado de Israel e de seus aliados internacionais – não por motivos humanitários ou políticos, mas quase exclusivamente religiosos. Afinal, na opinião deles, o Estado de Israel representa o Povo de Deus e Canaã foi dada a ele em estatuto perpétuo.

Estes fatos revelam a importância do estudo das origens históricas desse movimento e suas implicações para a cultura protestante brasileira. Portanto, a pergunta central desta pesquisa é: Como o sionismo cristão, que surgiu na Grã-Bretanha do século XIX e se desenvolveu nos EUA no século XX, pode ter influenciado a teologia das igrejas protestantes brasileiras e seu entendimento político em relação ao Estado de Israel? A resposta foi colocada em três partes.

A primeira parte da pesquisa foi bibliográfica e se deu em torno do surgimento do sionismo cristão na Grã-Bretanha do século XIX, levantando as características do Império Britânico e suas relações com o protestantismo. Também foi verificada a característica milenista do protestantismo britânico, o que o colocou como um dos principais atores mundiais diante da grande angústia judaica – o antissemitismo. O segundo momento pesquisou a gênese do dispensacionalismo e seus fundamentos teóricos, embora essa teologia não tenha tido relação direta com o sionismo cristão naquele momento histórico. Finalmente, foi tratado o problema do antissemitismo na Europa e a solução nacionalista para a questão, bem como a importante atuação

dos protestantes britânicos, a qual foi definitiva para o início do processo político que levaria à fundação do Estado de Israel.

A segunda parte da pesquisa, também bibliográfica, procurou compreender o relacionamento entre o nacionalismo e o protestantismo nos EUA, especialmente a partir da saga dos peregrinos, identificados como povo eleito de Deus e inspirados profundamente pelas histórias bíblicas de conquista da terra prometida. Também procurou-se compreender a influência que o *Destino Manifesto* pode ter tido sobre o espírito missionário norte-americano. Ainda foram pesquisadas as principais características do protestantismo ali desenvolvido, as quais teriam produzido um contexto propício para a chegada e desenvolvimento do dispensacionalismo. O sucesso definitivo dessa doutrina viria após a independência de Israel, em 1948, e sua consolidação a partir da Guerra dos Seis Dias, em 1967, época em que os dispensacionistas se engajaram efetivamente na causa sionista e que foi, também, marcada pelo apoio dos políticos protestantes dos EUA nos momentos cruciais da história da Palestina.

A terceira parte da pesquisa iniciou bibliográfica, tratando da influência do protestantismo norte-americano no Brasil, especialmente por meio do projeto missionário e dos movimentos pentecostais. Algumas características do protestantismo norte-americano presentes no Brasil foram percebidas e enumeradas, as quais garantiram o sucesso do dispensacionalismo entre os brasileiros. Finalmente, a suposta influência dessa doutrina e de seu produto político final no Brasil, o sionismo cristão, foram verificados em pesquisa documental, registrada na forma de listas: das traduções de literatura norte-americana de livros dispensacionistas e sionistas cristãos, e de grupos empenhados em divulgar os mesmos pressupostos nas mídias digitais. Finalmente, foram verificadas as ações sionistas cristãs concretas, por parte dos brasileiros, em viagens a Israel, organizações de apoio ao Estado israelense e em manifestações no cenário político nacional.

A partir desse levantamento, foi possível realizar uma reflexão a respeito de como a teologia e a ação política podem estar interligadas e mutuamente influenciadas no Brasil.

1. A GÊNESE DO SIONISMO CRISTÃO NA GRÃ-BRETANHA DO SÉCULO XIX

O sionismo cristão teve sua origem na Grã-Bretanha do século XIX, durante o auge do imperialismo britânico e casado com o protestantismo altamente engajado e politizado de então. Tratou-se de um movimento que surgiu como expectativa escatológica, com ação exclusiva no campo religioso, mas que veio a ter reflexos políticos importantes para o sionismo e o início do processo histórico que viria a confluir para a criação de um lar judaico na Palestina.

1.1 O Império Britânico e os protestantes no século XIX

O mundo do século XIX pode ser chamado de genuinamente global. Até o fim do século, quase todo o planeta era relativamente bem mapeado, e as tecnologias da ferrovia e navegação a vapor diminuíram as viagens continentais e intercontinentais para questão de semanas. Esse estreitamento do mundo veio marcado pela intensificação da divisão entre sociedades avançadas e atrasadas, entre nações ricas e pobres. O contato dos europeus com o restante do mundo ampliou o contraste entre o desenvolvimento tecnológico da Revolução Industrial e as sociedades não-industrializadas. Enfim, às portas da década de 1880, havia um sistema global que combinava dois setores: “o desenvolvido e o defasado, o dominante e o dependente, o rico e o pobre”.¹³ Nesse contexto, a Grã-Bretanha era o grande produtor e comerciante de industrializados, o maior exportador de capital e também o principal comprador de matéria-prima do planeta, dominando o mercado mundial de determinados produtos.¹⁴ O século XIX foi marcado pelo desenvolvimento de uma

economia global única, que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações e movimentos de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não desenvolvido.¹⁵

¹³ HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 29-33.

¹⁴ HOBBSAWM, 1988, p. 64.

¹⁵ HOBBSAWM, 1988, p. 95.

É também neste período que o avanço dos “desenvolvidos” sobre os “atrasados” determinou uma *Era de Impérios*, na expressão do historiador Eric Hobsbawm. Os líderes de muitas nações se autodenominavam “imperadores”, como os governantes da Alemanha, Áustria, Rússia, Turquia e Grã-Bretanha. Mais do que uma questão honorífica, eles colocaram em prática em um novo tipo de império, o colonial. Entre os anos de 1880 e 1914, os continentes asiático, africano e australiano foram divididos em territórios sob dominação direta ou indireta de uma das potências: Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália, Holanda, Bélgica, EUA e Japão.¹⁶ Mas, de todas estas potências, o único império de alcance realmente mundial, desde a metade do século XIX, foi o Império Britânico.¹⁷ E, ciente de sua soberania internacional, expandiu-se na esfera militar, política e industrial, contando também com o ingrediente ideológico reforçado pelo pensamento religioso das missões protestantes, que atingiram seu auge durante aqueles anos.

1.1.1 O colonialismo britânico e a missão protestante

O crescimento do poder do Império Britânico ocorreu baseado em patriotismo e capitalismo que, unidos, davam o sentido do imperialismo das ilhas britânicas. Esse período de ouro viria a ser conhecido como a *Era Vitoriana*. Desde o final do século XVIII, os britânicos desenvolveram um império diferente do modelo mercantilista progressivo, tendo seu apogeu entre as décadas de 1870 e 1880. O império permanecia mercantil, mas incluiu a força de sua estrutura industrial e bancária no progresso econômico que era avalizado pelo poderio militar da maior potência naval do mundo.¹⁸ Esse domínio se estenderia até o início do século XX, sob um discurso no qual os britânicos se apresentavam como arautos de uma humanidade civilizadora e pacífica.¹⁹ Entre estes valores civilizatórios estava a fé cristã, pregada pelos missionários no mundo colonizado, apoiados pelo empreendimento colonizador e – em muitos casos, embora não todos – sustentáculo ideológico do império.²⁰

¹⁶ A “Era dos Impérios” é denominação cunhada por Hobsbawm, a qual dá título a um de seus livros. HOBBSAWM, 1988. p. 88.

¹⁷ SCHNERB, Robert. *O século XIX: o apogeu da civilização europeia*. v. 1 e v. 2 (História Geral das Civilizações, tomo VI). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958. p. 187.

¹⁸ SCHNERB, v. 1, p. 190-206.

¹⁹ SCHNERB, v. 1, p. 214-215.

²⁰ SCHNERB, v. 1, p. 216.

Durante o século XVII, o colonialismo inglês restringiu a ação missionária em função da sua prática comercial.²¹ Apesar disso, no final do século XVIII, foram organizadas várias sociedades missionárias, oriundas da iniciativa privada de cristãos protestantes britânicos. Em 1792, foi criada a *Sociedade Missionária Batista em Kettering*; em 1795, foi a vez dos congregacionais fundarem a *Sociedade Missionária de Londres*; os presbiterianos fundaram a *Sociedade Missionária Escocesa* em 1796 e a *Sociedade Missionária de Glasgow* em 1797. No despertar do século XIX, o próprio Império Britânico passou a incentivar a ação missionária, especialmente a partir de 1813, quando a Companhia das Índias Orientais foi obrigada a admitir missionários na Índia, e a China, a receber os religiosos em 1858.²² No caso da Índia, a parceria entre império e missões aumentou gradativamente até atingir seu auge, juntamente com o ápice do imperialismo britânico, depois de 1880, quando agências missionárias e empresas colonizadoras atuavam conjuntamente para levar a salvação às raças menos desenvolvidas do mundo conquistado.²³

As consequências da obra missionária foram amplas: além da pregação evangélica, os missionários informavam o mundo das condições geográficas dos locais que exploravam; também construíam estradas, escolas, e levavam novas técnicas de plantio e comércio. Muitos missionários colaboravam com o imperialismo britânico por entenderem, sinceramente, que o governo defenderia o interesse dos nativos melhor do que os colonizadores privados, muito mais ávidos pelos lucros imediatos.²⁴ Evidentemente, houve missionários que discordavam da imposição política e cultural do Ocidente ao restante do mundo, e criticavam severamente a aliança entre o projeto nacionalista e o missionário; mas eles nunca contestaram a legitimidade do colonialismo e sempre reafirmaram sua lealdade à pátria britânica.²⁵

As ações missionárias dos protestantes britânicos estavam atreladas a uma expectativa escatológica, a qual ganhou força durante os séculos XVIII e XIX: as doutrinas que envolvem o milenismo.

²¹ SCHNERB, v. 1, p. 217.

²² CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 438.

²³ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002. p. 371-372.

²⁴ CAIRNS, 2008, p. 441.

²⁵ BOSCH, 2002, p. 376-377.

1.1.2 A expectativa milenista no protestantismo britânico

Uma das características mais marcantes das missões protestantes britânicas foi o milenismo²⁶ – a “visão bíblica de um último período áureo dentro da história”.²⁷ O milenismo é uma doutrina baseada na interpretação da profecia de Apocalipse 20, na qual é descrito um reino milenar de Cristo. Até o século XVIII, prevalecia uma visão bastante otimista desse milênio, chamada de *pós-milenismo*. Nessa linha, o Reino de Deus será gradativamente implantado na Terra por meio da pregação do evangelho, no esforço missionário que alcançará todos os povos do mundo, os quais encontrarão a solução de seus problemas no desenvolvimento tecnológico e na adoção de princípios sociais cristãos. No final dessa era de progresso, quando a paz estiver totalmente estabelecida, Jesus voltará para “encerrar a história e iniciar o estado eterno”.²⁸ Essa foi uma doutrina bastante difundida entre os protestantes puritanos ingleses, especialmente entre aqueles que migraram para as colônias americanas, que viriam a ser parte fundadora dos EUA.

O pós-milenismo encontrou grande adesão durante a expansão colonizadora e o tempo de paz e prosperidade. Entretanto, no final do século XVIII e início do XIX, o mundo viu um longo período de turbulências políticas e sociais, especialmente na Guerra Americana de Independência (1775-1784), na Revolução Francesa (1789-1793) e nas Guerras Napoleônicas (1809-1815), as quais alimentaram um gradativo pessimismo na visão escatológica a respeito do Reino de Deus. Cresceu então o interesse por outra interpretação do milênio, o *pré-milenismo*.²⁹ Essa linha defende a ideia de que o mundo está em decadência, e seu destino final é o advento do Reino de Deus, quando a degeneração tiver atingido o seu auge:

Segundo o pré-milenismo histórico, a ordem dos eventos pode ser assim resumida: 1) época presente da igreja, da evangelização e da apostasia do homem; 2) grande tribulação de sete anos, ascensão do anticristo e perseguição da igreja; 3) volta de Cristo, arrebatamento, primeira ressurreição e batalha do *Armagedom*; 4) inauguração do milênio e prisão de Satanás no abismo; 5) fim do milênio, soltura de Satanás e rebelião das nações; 6) derrota final de Satanás, ressurreição dos ímpios e julgamento final; 7) estado

²⁶ A nomenclatura em torno do conceito de milênio escatológico, em português, aparece como “milenarismo”, milenarianismo”, ou “milenismo”. Neste trabalho, optamos pelo termo “milenismo”.

²⁷ BOSCH, 2002, p. 378.

²⁸ FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 1104

²⁹ SIZER, 2004, p. 30-32.

eterno. Quase todos os pré-milenistas históricos são pós-tribulacionistas. Esta posição afirma que os crentes vivos serão arrebatados na segunda vinda de Cristo, e que o arrebatamento ocorrerá no final da grande tribulação.³⁰

O pré-milenismo é um movimento complexo, com muitas variantes, mas que possui em comum uma concepção bastante melancólica a respeito dos não-cristãos (e até mesmo de cristãos sinceros), dividindo a realidade em um grande confronto entre bem e mal, separando salvos e perdidos e considerando a conversão uma saída “das trevas absolutas para a luz absoluta”.³¹ Ou você é cristão e milita ao lado de Deus, ou está irremediavelmente condenado, juntamente com o mundo, fadado à destruição, quando novos céus e nova terra serão estabelecidos. Evidentemente, essa é uma descrição reducionista por parte de seus críticos, mas ajuda a compreender o caráter pessimista de sua interpretação.

De qualquer maneira, ambas as perspectivas escatológicas – seja da ótica otimista do pós-milenismo, seja do pessimismo pré-milenista – compõe a visão do Reino de Deus implantado pelo esforço missionário protestante. Foi essa a tônica contínua entre os anglo-saxões dos dois lados do Oceano Atlântico, e marca importante no projeto missionário e colonizador da Grã-Bretanha. O que interessa para esta pesquisa é que, em ambas doutrinas milenistas, existe uma expectativa relacionada ao fim dos dias, e que envolve o antigo povo bíblico, o judeu.

1.1.3 Milenismo, protestantismo britânico e a conversão dos judeus

Uma das afirmações das doutrinas pós-milenistas e pré-milenistas, baseada no texto bíblico de Romanos 9 a 11, é que a conversão futura dos judeus a Jesus de Nazaré, como Messias, traria bênçãos a todo o mundo. Nas versões mais antigas dessa interpretação, está implicada apenas a conversão do povo judeu; em versões mais recentes, significa, além da sua conversão, a restauração nacional na Palestina. Um dos primeiros a defenderem essa interpretação e a preverem a iminente conversão do povo judeu, considerado por isso o pai da doutrina da restauração dos judeus em Jerusalém, foi o clérigo inglês Thomas Brightman (1562-1607), que era

³⁰ FERREIRA, 2007, p. 1102.

³¹ BOSCH, 2002, p. 382.

pós-milenista. Depois dele, outros protestantes também defenderam a ideia de que algum dia os judeus viriam à fé em Cristo e se tornariam parte da igreja cristã.³²

No século XIX, com a ampliação da influência mundial do Império Britânico, o interesse pela Terra Santa e pelo povo judeu tornaram-se mais evidentes entre os britânicos, o que pode ser exemplificado pela publicação de livros como *A Terra e o Livro* (de William Thomson, impresso em 1858) e o romance sionista *Daniel Deronda* (de George Eliot, em 1876), entre outros. A Terra Santa também passou a receber a atenção de muitos artistas, que ilustravam o território até então esquecido.³³ Arqueólogos de toda a Europa e dos EUA escavavam o Oriente Próximo e redescobriam os grandes impérios da Antiguidade em sítios no Egito e Mesopotâmia, em um frenesi que se intensificou desde final do século XVIII e durante o XIX,³⁴ trazendo à vista dos europeus a cultura material dos locais e tempos bíblicos. A sequência de descobertas arqueológicas, expedições militares e publicação de guias de viagens incendiaram a imaginação popular, abastecida por mais de dois mil livros sobre a Terra Santa, publicados entre 1800 e 1875. Como ápice dessa atenção, foi criado, em 1865, o *Fundo de Exploração da Palestina*, organizado por acadêmicos e religiosos britânicos com o objetivo de pesquisar a história, geologia, arqueologia, topografia e ciências naturais na Palestina Bíblica e no Levante.³⁵

Estes fatores políticos, literários, geográficos e educacionais forneceram o contexto para um crescente interesse entre cristãos evangélicos na interpretação futurista da profecia do Antigo Testamento, na redescoberta da terra da Palestina e na conversão e restauração do povo judeu.³⁶

Se a curiosidade sobre os povos antigos, dentre eles os judeus, tornou-se uma “febre” bastante popular, ela encontrou eco entre os protestantes britânicos no que diz respeito às doutrinas milenistas. Em 1809, o teólogo anglicano Georg Stanley Faber (1773-1845) publicou *Gênesis, livro do*, no qual profetizou que, em 1867, a maioria dos judeus retornaria à sua terra com auxílio de uma potência marítima oci-

³² SIZER, 2004, p. 28-29.

³³ SAND, 2014, p. 187.

³⁴ FINKELSTEIN, Israel. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p. 33-36.

³⁵ SIZER, 2004, p. 33.

³⁶ Orig.: “These political, literary, geographical and educational factors provided the context for a growing interest among evangelical Christians in a futurist interpretation of Old Testament prophecy, in the rediscovery of the land of Palestine and in the conversion and restoration of the Jewish people.” SIZER, 2004, p. 34.

dental, convertendo-se à fé cristã.³⁷ Em maio do mesmo ano, ocorreu a fundação da *Sociedade Londrina para a Promoção do Cristianismo entre os Judeus*,³⁸ popularizada como *Sociedade de Judeus de Londres*.

A partir do sentimento produzido pela exploração geográfica da Palestina, de reconhecimento das raízes bíblicas do povo judeu e da necessidade de sua conversão ao cristianismo, entusiastas milenistas passaram a pregar e investir dinheiro em uma possível restauração judaica na sua terra de origem. O bispo anglicano Edward Bickersteth (1825-1906), por exemplo,

escreveu livros, iniciou e organizou um grande número de apresentações para encorajar a emigração dos filhos de Israel para o Oriente. Ele acreditava que só o estabelecimento do reino de Israel faria o filho de Deus retornar à terra e ocasionaria a plena cristianização do mundo.³⁹

Outros importantes colaboradores para a causa da conversão de judeus levantaram-se durante o século XIX. Lewis Way (1772-1840), um dos fundadores da Sociedade de Judeus de Londres, comprou uma mansão em Emsworth⁴⁰ e montou um colégio para converter judeus depois do final das Guerras Napoleônicas, além de promover a causa da emancipação judaica e colonização da Palestina, pressionando estadistas a apoiarem a formação de uma pátria judaica. Charles Simeon (1759-1836), membro da mesma sociedade, era apaixonado pelo trabalho de evangelização de judeus e pregava a restauração de Israel por todo o Reino Unido, crendo que os judeus deveriam voltar para a Palestina como cristãos. Joseph Wolff (1795-1862), um judeu alemão convertido ao catolicismo e depois ao anglicanismo, foi o primeiro grande missionário da sociedade missionária londrina, além de ter certo desprezo pela interpretação tradicional reformada das profecias – sendo considerado, por isso, um antecessor do dispensacionalismo de John Darby. Finalmente, o aclamado “príncipe dos pregadores”, Charles Haddon Spurgeon (1834-1892), acreditava e pregava sobre a conversão dos judeus, sua restauração à terra e a culminância escatológica no retorno de Cristo, seguindo uma interpretação muito próxima do pré-

³⁷ SAND, 2014, p. 188.

³⁸ Orig.: “*London Society for Promoting Christianity amongst the Jews*”, popularizada como “*London Jews’ Society (LJS)*”. SIZER, 2004, p. 34.

³⁹ SAND, 2014, 189.

⁴⁰ Pequena localidade do litoral, em Hampshire, a sudoeste de Londres.

milenismo pactual (ou histórico, o qual compreende a Igreja e Israel unidos espiritualmente sob as mesmas promessas, todas destinadas à Igreja).⁴¹

Enfim, o contexto britânico do século XIX era de entusiasmo: o mundo conquistado pelo império civilizador, cujas ciências descortinaram o passado perdido do Oriente Próximo e reaproximaram os britânicos dos antigos povos bíblicos; e a expectativa protestante pelo milênio de Cristo, seja pela via otimista pós-milenista, seja pelo pessimismo pré-milenista, levantando pregadores na empreitada de trazer os judeus à fé cristã, agindo como arautos promotores do Reino de Deus. Entretanto, a relação entre Igreja cristã, povo de Israel e o reino milenar de Cristo teria novo ingrediente ainda mais pessimista em relação ao progresso do mundo, nascido dentro da escatologia pré-milenista – o dispensacionalismo.

1.2 A gênese do dispensacionalismo britânico

O protestantismo britânico do século XIX vivia intenso sectarismo: além da Igreja Anglicana, havia ramificações puritanas dos presbiterianos, congregacionais, batistas e metodistas. Todas elas cresciam e estavam envolvidas em missões, seja com viés escatológico pós ou pré-milenista. Havia igrejas confessionais estabelecidas e reconhecidas pelo poder público, mas manifestava-se uma grande insatisfação dentro das mesmas: eram cristãos que buscavam uma vida espiritual mais intensa e que não encontravam resposta às suas expectativas nas igrejas das quais eram membros. Para eles havia algo errado, e este sentimento, aliado a uma nova forma de interpretação bíblica, daria origem ao dispensacionalismo.

1.2.1 John Nelson Darby e a igreja em ruínas

Ideias milenistas ferviam entre os protestantes britânicos no início do século XIX. Edward Irving (1792-1834), um popular ex-ministro presbiteriano da Escócia, pregava a respeito dos julgamentos e terrores que se abateriam sobre o mundo antes da volta de Cristo, considerando a Revolução Francesa e a Revolução Industrial como sinais do iminente retorno de Cristo, além de estar convencido de que a igreja dos gentios havia terminado. Entre os anos de 1826 e 1830, um rico banqueiro cha-

⁴¹ SIZER, 2004, p. 35-41.

mado Henry Drummond (1786-1860), conhecido de Irving e entusiasta das profecias sobre o fim dos tempos, passou a promover encontros em sua mansão em Albury Park⁴² a fim de debater o cumprimento das profecias bíblicas, especialmente no que se referia ao julgamento da igreja visível e ao retorno do povo judeu à Palestina. Os encontros, que reuniam cerca de 20 pessoas, foram chamados de *Parlamento Profético* e *Escola de Profetas*, e suas discussões repercutiram na publicação do jornal *Morning Watch*.⁴³

Outra conferência profética semelhante à de Albury aconteceu, entre 1830 e 1833, em Powerscourt House.⁴⁴ Eram promovidas pela Lady Powerscourt para algumas dezenas de participantes, contando com a participação de diversos pregadores. Entre eles, John Nelson Darby (1800-1882), um ex-ministro anglicano que rompera com a igreja oficial. Esse pregador seria determinante para o futuro do movimento pré-milenista, configurando o que viria a ser conhecido como *dispensacionalismo*. Darby acabou por dominar as conferências com sua liderança carismática, expondo um pensamento bastante semelhante ao de Irving: a visão pessimista dos eventos mundiais e a esperança do retorno de Cristo, ao mesmo tempo em que denunciava a igreja estabelecida.⁴⁵ As ideias promovidas naqueles encontros também eram desenvolvidas nas reuniões que Darby participava com outro grupo de protestantes em Dublin, igualmente decepcionados com suas respectivas denominações.

O grupo de Dublin começou suas reuniões em 1825, na casa de certo dentista chamado Groves, de quem vieram os dois princípios que regiam o movimento: que cada Dia do Senhor deveria ser reservado para partir o pão em lembrança da morte de Jesus, e que a liberdade do ministro do evangelho viria apenas do chamado de Cristo e da ação do Espírito Santo, e não da ordenação de homens – ou seja, de igrejas institucionalizadas.⁴⁶ Darby participava das reuniões lideradas por Groves pelo menos desde 1827 e rapidamente alçou a liderança, especialmente pelo seu magnetismo pessoal. Com entusiasmo missionário, veio a abrir novos grupos na In-

⁴² Em Surrey, Inglaterra.

⁴³ Orig.: “*Prophetic Parliament*” e “*School of the Prophets*”. “*Morning Watch*” significa algo como *Sentinela da Manhã*. SIZER, 2004, p. 43-49.

⁴⁴ Em localidade próxima a Dublin, Irlanda.

⁴⁵ SIZER, 2004, p. 50-51.

⁴⁶ BASS, 1960, p. 65-71.

glaterra, Alemanha, Suíça, França e Estados Unidos.⁴⁷ Como Darby era contrário ao uso de nomes denominacionais, passou a utilizar o termo *Irmãos*⁴⁸ para denominar o grupo, sendo que foi na cidade de Plymouth,⁴⁹ em 1940, que os cerca de 800 participantes foram chamados de *Irmãos de Plymouth* pela primeira vez – nomenclatura que designa o movimento até hoje. Na Irlanda, os *Irmãos* acabaram sendo conhecidos como *darbyistas*, dada a influência de John Darby.⁵⁰

A natureza dos grupos dos quais Darby participava e liderava era de uma profunda decepção com a igreja na forma como se encontrava. Essa perspectiva é significativa, pois toda reflexão teológica é o segundo momento de uma experiência espiritual. Em outras palavras, existe uma experiência original que, para se comunicar melhor, será teologizada posteriormente.⁵¹ É nesse sentido que houve uma experiência fundante no pensamento teológico de Darby, o qual pode ser resumido no pronunciamento frequente de suas pregações e escritos: “A igreja está em ruínas”. Para ele, a igreja perdeu a unidade, o poder e a santidade, deixando de testemunhar Deus e tornando-se centro de maldade e orgulho humano. Mais do que a perda de propósito nas denominações, a sua natureza foi tão pervertida que acabou por se opor totalmente à razão pela qual ela foi instituída por Cristo. Para John Darby, e este é o ponto central do surgimento do dispensacionalismo, a Igreja falhou e deverá sofrer o julgamento divino.⁵²

É em função dessa suposta corrupção da Igreja em todas as suas manifestações históricas – seja catolicismo, igrejas reformadas ou as confissões constituídas no protestantismo – que emergiu o conceito de *dispensação*. *Dispensação* é a maneira pela qual “Deus revela algo para a humanidade, que a humanidade não consegue cumprir, e com isso surge uma nova dispensação e uma nova revelação”.⁵³ A ideia não era nova; por exemplo, Irineu mencionou quatro dispensações: o pacto com Adão, até o dilúvio; com Noé, até o Êxodo; com Moisés, até o nascimento de

⁴⁷ SIZER, 2004, p. 51.

⁴⁸ Orig.: “*Brethren*”.

⁴⁹ Plymouth fica no sudoeste da Inglaterra.

⁵⁰ BASS, 1960, p. 72.

⁵¹ Gustavo Gutiérrez elabora o conceito de experiência fundante e a teologia como segundo momento refletindo sobre a experiência em GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 48-52, 60-62.

⁵² BASS, 1960, p. 100-102.

⁵³ GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 95.

Jesus; e com Cristo, que iria até o fim dos tempos.⁵⁴ Contudo, se em interpretações progressas havia a convicção da Igreja ser povo redimido final e manifesto da vontade de Deus, em Darby ela se tornou uma dispensação que falhou como as outras. Adão caiu, Noé pecou, os israelitas fizeram um ídolo de ouro e Arão ofereceu fogo estranho, os descendentes de Davi apostataram, e quando Israel também foi cortado, veio a Igreja.⁵⁵ Mas ela também caiu de seu propósito e igualmente encontrará o fim de seu tempo. E neste ponto está outra novidade na leitura darbysta, segundo Clarence Bass: a Igreja começou a sua corrupção logo depois de ter nascido, ainda no livro bíblico de Atos, e continuou decadente até que o extremo pecado atual demonstrou toda a sua ruína. A responsabilidade é da própria Igreja:

Que a igreja é responsável por seu estado de corrupção atual é inquestionável. Toda sua história tem sido um desvio de seus verdadeiros princípios. Consumiu-se em “construir um sistema”; com a busca de liderança humana; com desejo de números em vez de conversos genuínos; com justiça humana, ordenanças, sucessão, observâncias cerimoniais, ministério profissional, procedimentos carnis – confundindo a administração espiritual com a imaginação humana.⁵⁶

A lógica aplicada para as dispensações anteriores também se aplica à Igreja: assim como Deus deu fim àquelas, também o fará com esta. Mesmo que queira, o crente verdadeiro não poderá restaurar a Igreja, e qualquer tentativa de fazê-lo terminará em fracasso, pois, segundo Darby, Deus nunca restaurou uma dispensação fracassada, mas sempre promoveu um novo meio de lidar com o ser humano.⁵⁷ O conceito de dispensação, embora utilizado antes, foi desenvolvido como um sistema teológico distinto e que deve ser creditado a John Darby, segundo Paul Wilkinson, pois Darby entendia os acordos de Deus com a humanidade em termos de períodos definidos com precisão.⁵⁸

Mas, para Darby, o fato da Igreja visível estar em ruínas não significava que não existia um verdadeiro corpo de Cristo. A assembleia dos crentes é a reunião dos

⁵⁴ GONZÁLEZ, 2009, p. 94.

⁵⁵ BASS, 1960, p. 103.

⁵⁶ Orig.: “*That the church is responsible for its present state of corruption and ruin is beyond question. Its entire history has been a deviation from its true principles. It has become consumed with “making a system”; with seeking human leadership; with desire for numbers instead of genuine converts; with human righteousness, ordinances, succession, ceremonial observances, professional ministry, carnal procedures – confusing spiritual administration with human imagination.*” BASS, 1960, p. 104.

⁵⁷ BASS, 1960, p. 105-106.

⁵⁸ WILKINSON, Paul Richard. *For Zion’s sake: Christian Zionism and the role of John Nelson Darby*. Milton Keynes: Paternoster, 2007. p. 98.

salvos em nome de Cristo, com ação do Espírito Santo, livres de outra autoridade externa (como as instituições eclesiásticas). Essa Igreja é corpo de Cristo de um modo muito literal, como entidade separada para a qual os verdadeiros crentes são trazidos. Como parte do corpo de Cristo, ela tem uma existência celestial.⁵⁹ E este é um ponto importante de sua eclesiologia: “a igreja não é terrena, mas celestial, pois sua existência está em Cristo”.⁶⁰ O fato de não ser terrena é uma das bases para a ideia de arrebatamento da Igreja (que será tratado adiante), pois ela precisa ser compreendida como celestial e composta por pessoas celestiais, associadas a Cristo em sua glória. Portanto, qualquer restauração da noiva de Cristo somente será possível na eternidade, quando o Senhor a reunir para si mesmo.⁶¹ Só então a Igreja estará reformada em seu propósito original.

Darby considera que a dispensação da igreja falhou, mas isso não envolve as promessas de Cristo, já que ele mesmo é o fiador, razão pela qual congregará para si os verdadeiros membros de seu corpo. Entretanto, há outra dispensação anterior, a de Israel, que, diferente da Igreja, tem uma existência terrena, e cujas promessas também são inalienáveis, princípio que está associado à emergência de uma nova hermenêutica literalista radical.

1.2.2 A hermenêutica literalista radical do dispensacionalismo

As doutrinas milenistas estiveram na origem de diversos novos movimentos no século XIX, como os movimentos de santidade e o conservadorismo evangélico, todos engajados em projetos missionários. Esses movimentos aderiram a dois princípios que seriam definitivos em uma nova hermenêutica: o primeiro, representado pelo lançamento da Aliança Evangélica Mundial (1846), em Londres, quando se afirmou o direito ao julgamento privado na interpretação das escrituras, por meio do qual cada crente poderia chegar a uma conclusão livre das estruturas eclesiásticas; e o segundo, a inerrância da Bíblia, ou seja, entendida como literalmente verdadeira em todas as suas afirmações. Para muitos desses grupos, a interpretação literal da Bíblia foi insatisfatória na Reforma, devendo ser continuada e ampliada. Unindo-se o individualismo da interpretação (o qual abandonava a tradição eclesiástica) com a

⁵⁹ BASS, 1960, p. 109-112.

⁶⁰ Orig.: “*The church is not earthly, but heavenly, since its existence is in Christ*”. BASS, 1960, p. 112.

⁶¹ BASS, 1960, p. 117.

leitura literalista e radical do texto sagrado se chegou à fragmentação dos grupos protestantes, cada um deles defendendo dogmas inegociáveis, usados para acusar outros grupos, sempre com apelo direto às Escrituras.⁶²

Princípio semelhante se deu com John Darby. Procurando uma fé simples, que buscava nas Escrituras – e apenas nelas – todo o ensino, ele abandonou o argumento abstrato e aquilo que compreendia como estudo estranho ao texto bíblico, construído ao longo de séculos por uma “igreja em ruínas”, e decidiu simplesmente abrir a Bíblia para tirar dela sua orientação.⁶³ O princípio basilar da doutrina de Darby era um rígido literalismo da Bíblia, especialmente no que se refere ao elemento profético. Esta leitura da Escritura, que é chamada pelos seus defensores de *sentido simples*, tornou-se marca característica do dispensacionalismo.⁶⁴

Esse novo tipo de literalismo hermenêutico foi fundamental para a estrutura do pensamento dispensacionalista: apesar de Cristo ser o cumprimento das profecias do Antigo Testamento relativas ao Messias, as promessas sobre a terra, tendo por alvo o povo bíblico de Israel, continuam sendo válidas, mesmo depois da vinda de Cristo, e devem ser interpretadas literalmente. Na compreensão dispensacionalista, as promessas dadas a Abraão, nas quais um povo judeu tem direito divino eterno sobre Canaã, ainda não teriam sido cumpridas – ou o foram apenas de maneira limitada durante o período veterotestamentário. Por isso, elas demandariam uma realização que ainda está por vir, cujo tempo propício seria a história recente, mais especificamente depois de 1880.⁶⁵ Claro que há outros problemas a resolver nessa interpretação. As promessas relativas a Israel demandam ser literalmente cumpridas; igualmente as promessas relativas à Igreja devem ser preservadas. A engenhosa solução encontrada por Darby, e que viria a ser o segundo pilar dos teólogos dispensacionalistas, é a dicotomia, a radical separação, entre Israel e Igreja.

⁶² BOSCH, 2002, p. 381-382.

⁶³ BASS, 1960, p. 61.

⁶⁴ POCOCK, Michael. The Influence of Premillennial Eschatology on Evangelical Missionary Theory and Praxis from the Late Nineteenth Century to the Present. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 131.

⁶⁵ CHAPMAN, Colin. Premillennial Theology, Christian Zionism, and Christian Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 137.

1.2.3 Igreja e Israel: o Reino de Deus dividido

Há duas atuações diferentes de Deus na história humana na estrutura interpretativa de John Darby: a primeira, por Israel, cujas promessas estão estabelecidas no Antigo Testamento; e a segunda, por meio da Igreja, cuja existência aparece registrada no Novo Testamento. Ambos os relacionamentos com Deus não terminaram bem: Israel rejeitou o Messias e a Igreja abandonou as ordens de Cristo. Israel foi uma dispensação que teve fim quando veio a Igreja, e esta está com seus dias contados, aguardando o iminente julgamento divino. Mas há promessas incondicionais de Deus a ambas, que demandam ser cumpridas. Como resolver essa dualidade? Darby a soluciona separando as esferas de esperança das promessas: a esperança da Igreja está na glória celestial de Cristo, enquanto a esperança de Israel está no reino messiânico e terrenal de Cristo em Jerusalém:

Este resumo reflete novamente a dicotomia do sistema – que há uma esperança diferente para a Igreja e para Israel. A esperança da Igreja é que ela compartilha a glória de Cristo, tanto terrestre como celestial. A esperança de Israel é o reino na Terra com Cristo sentado no trono de Davi.⁶⁶

Há também promessas de glória terrena para a igreja. Mas a glória especial, aquela que revela a sua natureza, é que os santos ressurgirão antes dos incrédulos para ocupar lugar especial no plano divino, como corpo de Cristo, compartilhando sua glória – pois a glória da Igreja na terra é puramente transitória, e sua esperança está com Cristo, no céu. E neste ponto nasceu uma doutrina jamais conhecida na cristandade até então: o *arrebatamento* dos santos, secreto, separado e anterior à volta de Cristo.⁶⁷ Nessa inovada concepção, os santos crentes da Igreja (os verdadeiros cristãos, não corrompidos pela igreja arruinada) serão elevados aos céus, juntamente com os santos ressuscitados, antes do início das tribulações finais, sendo livres das pragas descritas no Apocalipse para, finalmente, retornarem com o Senhor e testemunharem a implantação do reino milenar na terra.

É justamente nesse momento que entra o aspecto terrenal das promessas de Deus: Israel, que havia rejeitado o Messias, não foi rejeitado por Deus; antes,

⁶⁶ Orig.: “*This summary reflects again the dichotomy of the system – that there is a different hope for the church and for Israel. The hope for the church is that it will share in Christ’s glory, both earthly and heavenly. The hope of Israel is the kingdom on Earth with Christ seated on the throne of David.*” BASS, 1960, 132.

⁶⁷ BASS, 1960, p. 133-139.

continua sendo depósito de sua misericórdia. As promessas de Deus a Israel, no Antigo Testamento, teriam sido incondicionais. A rejeição do Reino de Deus não alteraria o plano divino: o trono do Messias em Jerusalém deve ser literal, o povo israelita deve ocupar toda a terra prometida (do Egito até a fronteira do Iraque), o templo deverá ser reconstruído no mesmo local em que Salomão erguera o seu, e toda a terra deve reconhecer Israel como o povo favorecido de Deus. Isso acontecerá no momento em que o remanescente de Judá sair da grande tribulação e tiver reconhecido Jesus de Nazaré como o Messias. Apenas então Cristo voltará e dará início ao reino milenar, tendo Israel como glória e governo do mundo.⁶⁸

Na concepção de Darby, a Igreja não é o cumprimento das profecias referentes a um povo de Deus no Antigo Testamento; ela é o Corpo de Cristo. Além disso, teve seu tempo e propósito cumpridos. Israel permanece com as promessas de glória terrena, enquanto a Igreja as possui no nível celestial. Israel e Igreja permanecem eternamente separados como Reino de Deus em duas partes distintas.

A doutrina de Darby, que já existia de forma embrionária na abordagem de Edward Irving, não foi unanimemente aceita. Charles Spurgeon, já mencionado, defendia a restauração, mas não apoiava as ideias dispensacionalistas. Mesmo entre os Irmãos de Plymouth havia desacordo, como no caso de Benjamin Newton (1807-1899), um dos primeiros líderes do movimento, que rejeitou o arrebatamento da Igreja e a ideia de que os judeus seriam abençoados à parte da fé em Jesus Cristo, de forma separada da Igreja. Para ele, isso era “virtualmente dizer que há duas formas de Cristianismo, dois evangelhos, dois caminhos, e dois fins de salvação”.⁶⁹

1.2.4 O sionismo como sinal dos tempos

Viu-se que o século XIX experimentou algumas mudanças significativas em relação à esperança escatológica da cristandade, especialmente no contexto protestante do Império Britânico. A esperança milenista da volta de Cristo, após a conversão dos judeus, foi um elemento que já estava presente na doutrina otimista do pós-milenismo, na qual a evangelização dos judeus se tornou uma prerrogativa impres-

⁶⁸ BASS, 1960, p. 139.

⁶⁹ Orig.: “*It was 'virtually to say there are two kinds of Christianity, two Gospels, two ways, and two ends of salvation'.*” FROMOW (s.d.) apud SIZER, 2004, p. 53.

cindível para a chegada do Reino de Deus. Depois, entre os pré-milenistas, a partir de uma profunda decepção com a igreja atual, ascendeu um pensamento que veio ancorado em dois elementos fundamentais: uma hermenêutica literalista, que deu sentido futuro para as promessas divinas a Israel no Antigo Testamento; e a separação conceitual entre Israel e Igreja, o primeiro com propósito terreno de consumação do Reino de Deus, e a segunda, com propósito celestial, como Corpo de Cristo. Além destes, há a corrente amilenista, não tratada nesta pesquisa, que também possui certa expectativa com respeito à conversão dos judeus, mas não relativa à formação de um Estado político.⁷⁰

A ideia escatológica de Darby não representou atuação política concreta naquele momento, embora ele afirmasse uma realidade terrena de consumação profética destinada a Israel. Segundo Thomas Ice, pesquisador dispensacionalista americano e entusiasta do sionismo cristão, o dispensacionalismo de Darby – e ele próprio – não tiveram qualquer influência na política externa britânica; o restauracionismo judaico estava vinculado a pensamentos pós-milenistas e pré-milenistas de ordem histórica. Para Ice, Darby não foi atuante politicamente na Grã-Bretanha, o que parece ser correto. Este fato se deu, possivelmente, porque o movimento dos Irmãos de Plymouth ocorria como uma rejeição da institucionalização eclesiástica, auto-excluída das igrejas organizadas, justamente onde se encontravam os políticos mais influentes do contexto britânico. Entretanto, mesmo para Ice, não há dúvida de que a sua doutrina dispensacionalista, chegada nos EUA, acabaria se tornando elemento fundamental para o atual sionismo cristão norte-americano, que será tratado no próximo capítulo desta dissertação.⁷¹

Esta tendência sionista cristã na vertente dispensacionalista do pré-milenismo viria a crescer e ganhar suas verdadeiras proporções de ação política efe-

⁷⁰ As diferenças básicas entre essas escolas podem ser verificadas no **Anexo I** (página 145). Esta tabela é uma projeção das tendências contemporâneas dos milenismos, a qual pretende demonstrar os conceitos mais amplos de cada escola, sem esgotar suas proposições. Criar uma tabela é um risco, porque trata sempre de simplificações e agrupamentos que podem, com razão, gerar protestos da parte de defensores desta ou daquela posição. Um resumo destas posições, no que se refere aos pressupostos teológicos na interpretação teológica, pode ser verificado em FERREIRA, 2007, p. 1101-1111. O nível do comprometimento com o sionismo cristão de cada uma das posições que aparecem na tabela parte da percepção do autor a partir da pesquisa realizada para esta dissertação.

⁷¹ ICE, Thomas. Lovers of Zion: A History of Christian Zionism. *Article Archives*, Lynchburg, USA, Paper 29, p. 1-27, May 2009. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/29>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 11-12.

tiva um século mais tarde, no contexto norte-americano, embora com níveis diferentes de intensidade, desde o radicalismo de dispensacionalistas “apocalípticos” até o apoio menos engajado e mais crítico dos progressivos.⁷² O que importa, nesse caso, é perceber o fator comum de que todas as esperanças escatológicas protestantes contemporâneas possuem algum tipo de expectativa em relação ao povo judeu e seu destino como sinal do fim dos tempos. As versões históricas (pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo),⁷³ mais ligadas aos reformadores e à tradição teológica cristã progressiva, pensam o povo judeu no sentido de conversão ao cristianismo, enquanto o dispensacionalismo e seus derivados acrescentam a este elemento os aspectos físicos e literais da profecia, que envolvem a questão do Estado de Israel, pelas razões já apresentadas. É deste grupo que viriam a emergir os principais aglutinadores e promotores do sionismo cristão.

Poucas décadas depois da emergência dos milenismos e de formatação inicial da doutrina dispensacionalista iniciou o movimento sionista judaico, o qual encontrou um campo fértil no imaginário protestante britânico, e que seria definitivo para o desenvolvimento de suas pretensões e necessidades políticas.

1.3 O movimento sionista e o sionismo cristão britânico

O pesquisador Shalom Goldman, analisando diversos autores que tratam da relação entre os cristãos evangélicos e o movimento sionista, afirma que a influência dos cristãos sobre os judeus continua sendo uma questão aberta: alguns acreditam que ela é apenas marginal, enquanto outros sustentam que é profunda, inclusive

⁷² Não foi criada uma categoria de “dispensacionalistas apocalípticos” porque a maioria deles está vinculada aos clássicos, como uma radicalização desse movimento. Mesmo entre os clássicos, há severas críticas ao radicalismo daqueles que rejeitam os direitos dos palestinos a um Estado, ou que assumem posturas triunfalistas e apocalípticas nas vertentes mais beligerantes do sionismo cristão – os quais não deixam de ser consequência, mesmo que não intencional, do pensamento pré-milenista dispensacionalista (POCOCK, 2009, p. 131). Além disso, há grandes discussões dentro do movimento, como a crítica de alguns clássicos que não consideram os progressivos como verdadeiros dispensacionalistas (WILKINSON, 2007, p. 240). Por estas razões, esta tabela não pode ser considerada absoluta em suas proposições.

⁷³ É preciso sempre ressaltar que essa pesquisa trata das expectativas escatológicas no meio protestante conservador. No meio progressista, ou entre católicos, o que é entendido como amilenismo pode ter variações que situariam a doutrina em campos hermenêuticos distintos.

fazendo parte importante da história religiosa britânica.⁷⁴ Essa também é a postura do historiador israelense Shlomo Sand. Para ele, não há como avaliar com precisão qual o nível da influência do cristianismo, mais especificamente do puritanismo, na promoção do novo modelo patriótico judaico que iria desembocar no sionismo; mas, ao mesmo tempo, ele reconhece que os protestantes britânicos foram forças atuantes no encontro histórico ocorrido entre o esforço judaico por uma nação independente e o projeto de colonização do Império Britânico.⁷⁵ A relação de causa-efeito, com certeza, não é possível de ser comprovada de forma cabal, mas a coincidência de interesses, e os resultados desta coincidência, parecem ter sido determinantes para a história do sionismo judaico e do sionismo cristão.

1.3.1 A questão judaica: o antissemitismo europeu

A situação judaica na Europa foi insegura em grande parte do medievo, e continuou sendo durante a modernidade. Muitos judeus foram perseguidos pela Igreja Católica Apostólica Romana durante a Idade Média, pois, segundo a teologia corrente, eles teriam sido rejeitados por Deus ao negarem a Jesus como seu Messias. Os judeus também se viram em dificuldades no mundo islâmico, no qual se proclamava o Islã como herdeiro legítimo dos patriarcas de Israel. Era uma guerra pela filiação divina: tanto cristãos quanto muçulmanos se consideravam o novo povo de Deus, o que trouxe sérios problemas para os judeus, no mundo cristão e no islâmico.⁷⁶ O preconceito religioso levado a efeito nestas duas grandes religiões monoteístas, aliado a uma tendência judaica ao isolamento comunitário pela sua própria compreensão histórica como povo separado por Deus, levou-o a se comportar como “um povo que habita à parte” de maneira cada vez mais exagerada.⁷⁷

Depois, no contexto da modernidade, motivos econômicos aumentaram o preconceito com judeus na Europa. Durante o período de formação dos Estados nacionais, especialmente na expansão estatal do século XVII, os ricos banqueiros ju-

⁷⁴ GOLDMAN, Shalom. Christians and Zionism: A Review Essay. *American Jewish History*, Volume 93, Numer 2, p. 245-260, June 2007. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/220295>>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 248.

⁷⁵ SAND, 2014, p. 313.

⁷⁶ Esta é a interpretação histórica do rabino Roy Rosenberg, entre outros. ROSENBERG, Roy. *Guia conciso do judaísmo: história, prática, fé*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 16-17.

⁷⁷ ROSENBERG, 1992, p. 17-18.

deus emprestavam dinheiro às monarquias, gozando de certos privilégios na corte, havendo vantagens para os judeus ricos em se manterem como classe social especial.⁷⁸ É deste período a ascensão, por exemplo, da casa Rothschild, importante família de banqueiros que operava nas cinco principais capitais europeias, o que ajudava a reforçar a ideia popular de que os judeus eram uma grande comunidade judaica, rica e unida.⁷⁹ Além disso, banqueiros judeus eram fornecedores e financiadores em tempos de guerra, mas jamais tomavam partido nos conflitos, o que contribuiu para uma visão que os distinguia como grupo.⁸⁰

Essa condição poderia ter sido transformada pelos ideais da Revolução Francesa (1789-1799), os quais trouxeram esperança para a condição judaica, pois emergia um novo conceito laico de cidadania, no qual a identidade religiosa não poderia mais ser utilizada como base para considerar alguém cidadão ou não.⁸¹ A nova situação abriu possibilidades de assimilação judaica na comunidade local. Por isso, é das primeiras décadas do século XIX a tentativa dos intelectuais judeus, filhos dos ricos comerciantes, de abandonarem as tradições de seu povo para serem aceitos pela sociedade.⁸² Mas as tentativas acabaram por fracassar, e esses “assimilacionistas” abandonaram os aspectos religiosos de sua cultura, especialmente a antiga esperança religiosa do Messias. Mas continuavam persuadidos de que eles, como judeus, “eram o sal da terra”, e permaneciam como um povo à parte.⁸³ A imagem do judeu, mesmo o que procurava se integrar à sociedade, permanecia como um “semação”, mesmo que intelectual e multimilionário.

Portanto, a visão popular do semita se mantinha como a do usurário, baseado na proeminência econômica e nas vantagens usufruídas junto aos governos europeus. Por outro lado, a divulgação por toda a Europa das ideias socialistas do pensador de origem judaica, Karl Marx (1818-1883), ajudava a construir um outro mito no lado oposto do poder do capital: o judeu como um revolucionário, empenhado em destruir os valores tradicionais. Qualquer que fosse a ótica, alargavam-se os

⁷⁸ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 33.

⁷⁹ ARENDT, 1989, p. 46-47.

⁸⁰ ARENDT, 1989, p. 40.

⁸¹ ROSENBERG, 1992, p. 18.

⁸² ARENDT, 1989, p. 86.

⁸³ ARENDT, 1989, p. 96.

sentimentos antissemitas: se os judeus eram ricos, é porque espoliavam o povo e ocupavam funções públicas indevidamente; se eram pobres e revolucionários, trabalhavam para desagregar os valores da sociedade. Os tradicionalismos locais, que então operavam na construção de seus mitos fundadores e nacionalistas, exploraram estes preconceitos, clamando por medidas de segregação, expulsão e até chacina de judeus.⁸⁴ Foi o que começou a acontecer em 1881.

Seis semanas após o assassinato do czar Alexandre II, em março de 1881, estourou uma onda de *progroms* na Rússia, quando massas populares furiosas atacaram judeus em mais de duzentas cidades, matando e saqueando propriedades judaicas sob a vista grossa das autoridades. Depois disso, as Leis de Maio de 1882, que expulsaram e restringiram a atuação de judeus em solo russo, tornaram insustentável a vida judaica. Uma imensa maré migratória de judeus – cerca de 2.750.000 judeus orientais de fala iídiche, pobres e iletrados, representando praticamente um quarto da população judaica mundial – abandonou o Leste em busca de melhores condições de vida.⁸⁵ Tinha início um imenso problema social para toda a Europa: onde alocar tantos imigrantes?

Se na Europa Oriental o antissemitismo se manifestou de forma sanguinária, na Europa Ocidental ele apareceu de maneira sutil na explosão dos mesmos preconceitos contra os judeus, na França, durante o caso Dreyfus. Em 1894, um oficial judeu chamado Alfred Dreyfus foi acusado injustamente de espionagem em favor da Alemanha, sendo rapidamente condenado à prisão perpétua. O caso viria a ser revisto, sofrendo várias reviravoltas até a anistia do acusado em 1899 e sua reabilitação definitiva em 1906. Questões jurídicas à parte, a França se dividiu durante o processo em discussões e atos de violência contra judeus, revelando um arraigado antissemitismo, o qual deixou muitos perplexos – tanto pela injustiça do evento, como por ter ocorrido justamente na França, pátria onde foi levantada a bandeira revolucionária da liberdade, igualdade e fraternidade.⁸⁶

⁸⁴ SCHNERB, 1958, v.2, p. 218.

⁸⁵ LANGE, Nicholas de. *Povo judeu: odisseia através dos séculos*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007. p. 59.

⁸⁶ O detalhamento do caso Dreyfus está registrado em ARENDT, 1989, p. 111-143.

O antissemitismo, portanto, revelou-se entranhado na Europa ao final do século XIX, de maneira explícita no Oriente, e de forma velada no Ocidente. O resultado foi o nascimento do movimento nacionalista judeu, o sionismo, uma resposta política e a única ideologia na qual foi levada a sério a hostilidade do mundo contra os judeus – conforme concluiu Hannah Arendt.⁸⁷

1.3.2 A solução sionista: o nacionalismo judaico

O conceito de *nação* não pode ser considerado como algo dado, que sempre existiu, e que pode ser extraído, por exemplo, dos textos da Antiguidade, e traduzido diretamente ao contexto contemporâneo. É opinião de muitos historiadores, entre eles Eric Hobsbawm, de que a nação pertence a um lugar histórico, a um tempo específico e recente.⁸⁸ Não há que se naturalizar o termo, pois, antes de 1884, a palavra significava simplesmente um agregado de habitantes de uma província, país ou reino, e também um grupo estrangeiro. Mas tudo mudou há menos de um par de séculos, como conclui Hobsbawm. A nação

agora era dada como um “Estado ou corpo político que reconhece um centro supremo de governo comum” e também “o território constituído por esse Estado e seus habitantes, considerados como um todo” – e, portanto, o elemento de um Estado comum e supremo é central a tais definições, pelo menos no mundo ibérico.⁸⁹

O significado de nação como um discurso político surgiu na Europa a partir de 1830. Depois, a soma dos conceitos de *nação*, *Estado* e *povo soberano* vinculou estes três elementos a uma *terra*, definindo um Estado como essencialmente territorial. Os conceitos se concretizavam em uma época que surgia uma multiplicidade de Estados-nação territorialmente demarcados, dentro de uma proclamada autodeterminação popular.⁹⁰ Junto ao conceito de nação, vieram novas questões em torno do nacionalismo: O que define quem faz parte ou não de uma nação? A raça? A língua? A religião? O território, a história, ou a cultura? Nenhuma explicação era completa, e o debate se intensificou a partir de 1880, pois havia um interesse político

⁸⁷ ARENDT, 1989, p. 143.

⁸⁸ HOBBSAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 19.

⁸⁹ HOBBSAWM, 1990, p. 27.

⁹⁰ HOBBSAWM, 1990, p. 31-32.

ainda maior das autoridades na busca de um apelo ideológico às massas, que já eram potenciais eleitores a serem manipulados.⁹¹

O historiador Benedict Anderson refletiu sobre as origens do nacionalismo, e como ele se tornou “o valor de maior legitimidade universal na vida política dos nossos tempos”.⁹² Assim como Hobsbawm, Anderson considerou a nacionalidade e o nacionalismo como produtos culturais específicos, criados no final do século XVIII, e que se tornaram um modelo capaz de ser transplantado para diversas experiências políticas e ideológicas. Aqui não se escapa de um paradoxo: entre o olhar do historiador, que percebe o nacionalismo como uma construção recente, e o olhar dos nacionalistas, que defendem a antiguidade supostamente óbvia de sua “nação”, há um abismo.⁹³ Para estudar este fenômeno, Anderson assim definiu a nação:

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.⁹⁴

A comunidade é *imaginada* porque os membros que dela fazem parte nunca encontrarão a totalidade dos outros membros deste grupo, embora acreditem estar em comunhão com eles; ela é *limitada*, porque possui fronteiras que a separam de outras nações; é *soberana*, porque sua legitimidade e liberdade são oriundas não mais de um reino sob ordem divina, mas de um Estado soberano; e é *comunidade* porque é concebida como uma camaradagem entre seus membros, a despeito de toda a desigualdade e exploração que possa existir internamente.⁹⁵ Depois de Anderson, o antropólogo Ernest Gellner ampliaria o conceito de nação e nacionalismo, reforçando inclusive o seu aspecto subjetivo, cultural e voluntarista. Para ele, dois homens pertencem a uma mesma nação se compartilham uma mesma cultura (um sistema de ideias e signos), e se eles se reconhecem como pertencentes à mesma nação. Neste caso, as nações são construções a partir de convicções, fidelidades e solidariedades dos homens, que se reconhecem com direitos e deveres mútuos.⁹⁶ É por estas razões que a historiografia contemporânea considera o nascimento de

⁹¹ HOBBSAWM, 1990, p. 55.

⁹² ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 28.

⁹³ ANDERSON, 2008, p. 30-31.

⁹⁴ ANDERSON, 2008, p. 32.

⁹⁵ ANDERSON, 2008, p. 32-34.

⁹⁶ GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2001. p. 20.

uma nação um processo histórico, não puramente espontâneo, mas que surge de um sentimento nacionalista que lhe é anterior, mesmo que imaginado.

No século XIX, já existia um conceito de nação e nacionalismo fortemente arraigado no imaginário europeu, em desenvolvimento havia trezentos anos, e que viria a ser copiado e adotado em todos os cantos do planeta pelos movimentos nacionalistas. Fervia, portanto, um sentimento de vínculo coletivo que era mobilizado em prol de políticas nacionalistas modernas.⁹⁷ É dentro desta esfera de construção nacionalista que entra a questão judaica anteriormente levantada, e foi precisamente esta a solução adotada pelos judeus.

Tudo começou na obra de Heinrich Graetz (1817-1891), que publicou, na década de 1850, o livro *História dos Judeus*, o primeiro ensaio com o objetivo de apresentar um povo judeu com o mesmo significado dado à nação moderna – quando, segundo Shlomo Sand, a *judeidade* deixou de ser uma civilização rica e variada, sobrevivendo em meio aos gigantes nacionais, para se imaginar como uma nação, cujos membros tinham em comum serem uma raça desenraizada de sua pátria.⁹⁸

Com a grande vitória da ideia de nação em toda a Europa Central e Meridional, a concepção pré-nacionalista de Graetz amadureceu e tomou sua forma definitiva. Só depois de ter resumido a história dos judeus em sua época e de ter concluído seu livro com um requisitório doloroso sobre o presente do século XIX, Graetz se deixou levar ao passado através do tempo para reconstituir o nascimento do “povo moral eleito”. Nele, o depois determinou o antes, e não é por acaso que o ponto culminante da primeira epopeia histórico-nacional sobre os judeus nunca antes escrita se tornou o período bíblico.⁹⁹

Portanto, já havia entre os judeus a construção de um mito fundador – a narrativa bíblica – para dar base a uma ideia nacional moderna. Mas foram os sentimentos antissemitas verificados nas ações terríveis dos *progroms* de 1881, na Rússia, e no trágico caso Dreyfus, julgado na França, que impulsionaram a deflagração do movimento sionista. O início do sionismo propriamente dito se deu com Leon Pinsker (1821-1891), que publicou em 1882 sua *Auto-emancipação*, e Theodor Herzl (1860-1904), que redigiu em 1896 seu *Estado Judeu: tentativa de uma solução mo-*

⁹⁷ HOBBSAWM, 1990, p. 63.

⁹⁸ SAND, 2011, p. 136-137.

⁹⁹ SAND, 2011, p. 138-139.

*derna da questão judia.*¹⁰⁰ Herzl era um jornalista judeu-húngaro, que ficara profundamente comovido com o antissemitismo que viu emergir no desenrolar do caso Dreyfus, chegando à conclusão de que as condições de liberdade e igualdade para os judeus não seriam conseguidas pela assimilação, mas apenas dentro de uma nação judaica própria.¹⁰¹

Foi nas condições de intenso antissemitismo europeu que Theodor Herzl fundou a *Organização Sionista*, no final da década de 1880, influenciado pelos trágicos acontecimentos em torno das comunidades judaicas e pelas ideias nacionalistas modernas já estabelecidas.¹⁰² Logo organizou congressos sionistas e procurou negociar com chefes de Estados europeus. Como era motivado por interesses exclusivamente políticos, teria aceito inclusive a oferta de um território em Uganda para estabelecimento de uma pátria judaica, mas a proposta foi rejeitada pelo Congresso Sionista em 1903.¹⁰³ Não seria fácil produzir um Estado-nação judeu na versão padronizada do século XX, pois “implicava tomar um território, inventar uma língua e laicizar as estruturas de um povo cuja unidade histórica tinha consistido exclusivamente na prática de uma religião comum”.¹⁰⁴

Herzl morreu em 1904, sem ver seu sonho sionista realizado. Mas lançara a ideia fundamental que seria levada adiante nas décadas seguintes: a de que um Estado nacional judaico era a única saída para o problema do antissemitismo. E provavelmente estivesse certo; mas seriam necessárias novas configurações políticas internacionais e convergências de interesses para concretizar a luta de sua vida.

¹⁰⁰ LANGE, 2007, p. 64.

¹⁰¹ ROSENBERG, 1992, p. 158.

¹⁰² Para Shlomo Sand, influenciado talvez pelas ideias nacionalistas alemãs. SAND, 2014, p. 204.

¹⁰³ SCHNERB, 1958, v. 2, p. 219.

¹⁰⁴ HOBBSAWM, Eric. *A era do capital*, 1848-1875. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 134 (nota de rodapé). Hobsbawm trata, no texto que a nota comenta, sobre as ideias nacionais que se multiplicavam no século XIX, mas que não representavam exatamente o que se entende como padrão do programa nacional do século XX, ou seja, um povo uno, com Estado independente, homogêneo territorial e linguisticamente, laico e republicano. Os judeus precisariam construir artificialmente cada um desses itens.

1.3.3 Os protestantes britânicos, a política externa e a questão judaica

Difícilmente o sionismo teria alcançado êxito sem o auxílio de um império poderoso, que lhe desse suporte político e até militar. Nesse sentido, a participação de aristocratas britânicos, de profundas convicções cristãs, foi fundamental.

Anthony Ashley Cooper, o Lorde Shaftesbury (1801-1885), estava convencido de que a restauração dos judeus na Palestina tinha um duplo propósito, pois cumpria as profecias bíblicas e coincidia com os interesses estratégicos da política externa britânica. O Lorde Shaftesbury era um anglicano entusiasmado com a possibilidade de conversão de judeus para trazer todo o mundo à fé antes da volta de Cristo, e foi o primeiro líder inglês a propor um Estado judaico soberano na Palestina. Sua proposta considerava um Estado que tivesse por capital Jerusalém, permaneceria sob domínio turco e contaria com a proteção britânica, ideia esta defendida em um artigo publicado em 1839.¹⁰⁵ Segundo Shlomo Sand, este artigo de Shaftesbury, escrito para o *The Times* e intitulado *O Estado e o renascimento dos judeus*, foi “para o sionismo cristão o que o Estado judaico, de Theodor Herzl, foi para o sionismo judaico em 1896”.¹⁰⁶ Thomas Ice corrobora a atuação do lorde, que teria influenciado o político Henry John Temple Palmerston (1784-1865), conhecido como Lorde Palmerston, a escrever ao sultão, em 1840, pedindo-lhe para encorajar os judeus que viviam no Império Turco a se instalarem na Palestina.¹⁰⁷

O pedido ao sultão não encontrou resposta, tampouco o artigo de Shaftesbury foi levado adiante em termos concretos. Por outro lado, a Grã-Bretanha tinha poucos súditos no Oriente Médio, e a ideia dos cristãos britânicos de auxiliar o retorno de judeus à Palestina veio a ser encarada como uma forma de estabelecer um aliado na região. Membros do exército inglês passaram a apoiar as ideias de Shaftesbury, entre eles o oficial George Gawler (1795-1869), que em 1849 esboçou “um plano para ‘restaurar os judeus na sua terra’, basicamente para criar uma zona tampão segura para os britânicos entre o Egito e a Síria”.¹⁰⁸ Lorde Shaftesbury ainda seria o presidente fundador do *Fundo para Exploração da Palestina*, criado em 1865

¹⁰⁵ SIZER, 2004, p. 55-57.

¹⁰⁶ SAND, 2014, p. 191.

¹⁰⁷ ICE, 2009, p. 9.

¹⁰⁸ SAND, 2014, p. 194.

para pesquisar e mapear a Palestina – que ele imaginava vazia, praticamente abandonada, sem nação que a habitasse.¹⁰⁹ Os árabes locais, uma população significativa, não eram motivo de preocupação naquele momento.

Outro líder que se destacou naquele tempo foi o ministro anglicano William Hechler (1845-1931), que se tornou capelão da embaixada britânica em Viena, onde veio a conhecer e estabelecer uma profunda amizade com Theodor Herzl. O reverendo Hechler estava convicto de que as profecias do Antigo Testamento haviam previsto o retorno dos judeus à Palestina,¹¹⁰ e acreditava que era destino dos cristãos auxiliar na restauração.¹¹¹ Hechler colocaria o amigo sionista em contato com Frederico I, grão-duque de Baden e fervoroso cristão, para expor as ideias sionistas e as vantagens que elas representavam para a política germânica.¹¹² Pouco desenvolvimento houve deste encontro com o grão-duque, mas ficou evidente a simpatia de uma parte da igreja protestante à causa de Herzl.

Portanto, líderes britânicos, aristocratas e religiosos como Lorde Shaftesbury, Lorde Palmerston, George Gawler e William Hechler alimentaram o movimento sionista judaico, em parte por convicções religiosas de cunho escatológico, e em parte para servir aos propósitos patrióticos de sua política externa. O movimento de Herzl era essencialmente secular; ele mesmo não compreendia plenamente os motivos dos cristãos em apoiá-lo, pois considerava a teologia pré-milenista um tanto excêntrica,¹¹³ mas confiou imensamente nos sionistas cristãos, reverentes pela Bíblia, que tinham a “certeza apaixonada de que a Terra de Israel era o destino judaico”.¹¹⁴

1.3.4 Convergência de interesses: Império Britânico e sionismo

A Inglaterra conhecia os judeus cultos e bem estabelecidos financeiramente, que chegaram na ilha, oriundos de Portugal no século XVIII, e relativamente bem

¹⁰⁹ SIZER, 2004, p. 59.

¹¹⁰ LISSOVSKY, Alexandre. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/tfhj9>> Acesso em: 18 jul. 2017.

¹¹¹ SIZER, 2004, p. 61.

¹¹² LISSOVSKY, 2009, p. 65.

¹¹³ Segundo o rabino ARIEL, Yaakov. An unexpected alliance: Christian Zionism and its historical significance. *Modern Judaism: a journal of Jewish ideas and experience*, Oxford, Inglaterra, Volume 26, Issue 1, p. 74-100, Feb. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/mj/kjj005>>. Acesso em: 18 jul. 2017. p. 78.

¹¹⁴ Orig.: “[...] *passionate certainty that Eretz Israel was the Jewish destiny*”. SIZER, 2004, p. 63.

integrados nas classes mais altas. A situação era tranquila e não encetaria mudanças até os *progroms* de 1881, quando começaram a chegar as massas de judeus pobres e incultos de fala ídiche do Oriente europeu, causando constrangimento aos irmãos abastados de Londres.¹¹⁵ A situação se tornara insustentável, e a solução britânica foi promulgar, em 1905, a Lei dos Estrangeiros, repelindo a entrada dos “indigentes” orientais, o que foi imitado pelos demais membros da comunidade britânica, como Austrália e Nova Zelândia.¹¹⁶

A situação era crítica para os judeus, que sofriam com o antissemitismo nas terras europeias, ao mesmo tempo em que não encontravam local que os recebesse. Em 1902, Theodor Herzl propusera ao secretário colonial britânico a transferência maciça dos judeus para Chipre ou a península do Sinai, o que foi rejeitado pelo governo; no ano seguinte, o representante do Império propôs a Herzl um território de Uganda, o que não foi aceito, desta vez, pelos sionistas. Não fora possível ainda o estabelecimento judaico de forma massiva na Palestina, mas o movimento sionista estava, pela primeira vez, negociando diretamente com uma potência imperialista ocidental.¹¹⁷ O passo definitivo teria que aguardar ainda uma década, especialmente por causa da morte prematura de Herzl (em 1904, aos 44 anos de idade). O movimento sionista ficou destituído de uma liderança forte,¹¹⁸ e um tanto dividido entre os “práticos” (que pensavam em uma colonização progressiva da Palestina), os “políticos” (que desejavam construir um Estado independente) e os “socialistas” (que aceitavam construir um movimento de libertação em qualquer lugar do mundo).¹¹⁹

A maioria dos judeus emigrantes não queria ir para a Palestina, pois ela oferecia poucos atrativos; desejava os países desenvolvidos da Europa e, principalmente, os EUA, para onde muitos iriam emigrar. Os judeus que se estabeleciam em colônias na Palestina chegavam com auxílio de organizações beneficentes ou ricos banqueiros judeus, e eram poucos – apenas 43 colônias agrícolas por volta de

¹¹⁵ ARENDT, 1989, p. 92-93.

¹¹⁶ SCHNERB, 1958, v. 2, p. 218.

¹¹⁷ SAND, 2014, p. 204-206.

¹¹⁸ LISSOVSKY, 2009, p. 95.

¹¹⁹ LISSOVSKY, 2009, p. 96-101.

1914,¹²⁰ nas quais trabalhavam 12 mil judeus dos cerca de cem mil que viviam na Palestina, então correspondentes a 15% da população local.¹²¹

Tudo viria a se alterar durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando três grandes eventos tiveram importante efeito na questão judaica, segundo Nicholas Lange: a Revolução Russa, a ascensão dos EUA como potência mundial e a conquista da Palestina pelo Império Britânico. Na Rússia, a revolução modificou a legislação e terminou com a opressão aos judeus, quando eles vieram a ter oportunidades dentro do sistema comunista; nos EUA, os judeus norte-americanos passaram a se envolver mais com o sionismo, sendo que em 1914 o *Comitê Judaico-Americano* (fundado em 1906) organizou uma executiva mundial para proteger os direitos dos judeus europeus depois da guerra; e, finalmente, o avanço britânico na Palestina abriu novas possibilidades às pretensões sionistas.¹²² Havia, então, um renovado interesse do Império Britânico no controle do antigo território bíblico de Israel:

Do ponto de vista prático, os britânicos aspiravam expandir a zona de segurança militar em torno do canal de Suez conquistando de fato a Palestina, e estavam prestes a fazer isso. De sua perspectiva, era necessário que a rota conectando o mar Mediterrâneo ao golfo Pérsico fosse defendida por representantes de Sua Majestade.¹²³

O Império tinha, então, interesse estratégico na região da Palestina, o que encontraria eco em antigas ideias religiosas. Foi em 1916 que ocorreu a convergência entre crenças protestantes, interesses do Império Britânico e necessidades do movimento sionista, quando David Lloyd George (1863-1945) assumiu o cargo de Primeiro Ministro da Grã-Bretanha e Arthur Balfour (1848-1930) foi nomeado Secretário de Relações Exteriores.¹²⁴ David Lloyd George era um devoto batista, e Arthur Balfour também cresceu em um lar protestante simpático à causa sionista. Balfour era amigo muito próximo de Chaim Weizmann, químico judeu e assessor do governo britânico no desenvolvimento de explosivos, com quem tinha muitas conversas sobre a implementação de uma nação judaica.¹²⁵ Arthur Balfour acabaria convencido

¹²⁰ LANGE, 2007, p. 63.

¹²¹ LISSOVSKY, 2009, 110.

¹²² LANGE, 207, p. 67-68.

¹²³ SAND, 2014, p. 213.

¹²⁴ SAND, 2014, p. 212.

¹²⁵ SIZER, 2004, p. 63.

pelos argumentos sionistas de Chaim, e publicaria em novembro de 1917 a versão final daquela que ficou conhecida como a *Declaração Balfour*:

O governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento, na Palestina, de um Lar Nacional para o Povo Judeu, e empregará todos os seus esforços no sentido de facilitar a realização desse objetivo, entendendo-se claramente que nada será feito que possa atentar contra os direitos civis e religiosos das coletividades não-judaicas existentes na Palestina, nem contra os direitos e o estatuto político de que gozam os judeus em qualquer outro país.¹²⁶

Um mês depois da declaração, em dezembro de 1917, as tropas britânicas ocuparam Jerusalém. Os estadistas protestantes do Império Britânico garantiam sua base de operações na Palestina, e o anseio sionista judaico começava a ser atendido. Nas décadas seguintes, os ventos políticos teriam uma reviravolta significativa, pois a Grã-Bretanha se retiraria do processo e os protestantes dos EUA assumiriam a ponta de apoio político ao sionismo. Mas o primeiro passo para a organização de um Estado judaico na Palestina fora dado – com um apoio bastante significativo dos milenistas britânicos.

1.3.5 Reflexões sobre a gênese do sionismo cristão

O historiador Shlomo Sand resume bem a configuração histórica que se estabeleceu até o final de 1917, ocasião da Declaração Balfour, quando três eixos estavam alinhados: primeiro, a sensibilidade protestante entrelaçada com as metas coloniais do Império Britânico desde metade do século XIX; segundo, as privações sofridas por grandes massas de judeus orientais, vítimas do antissemitismo e das restrições à imigração na Europa Ocidental; e terceiro, o surgimento de um ideal nacionalista em Sião como solução para a questão judaica.¹²⁷ Como ele bem percebeu, a esperança escatológica do milenismo protestante, os interesses do imperialismo britânico e a produção de uma solução sionista para o problema do antissemitismo se entrelaçaram na passagem entre o século XIX e XX.

¹²⁶ Orig.: *“His Majesty’s Government view with favor the establishment in Palestine of a national home for the Jewish people, and will use their best endeavors to facilitate the achievement of this object, it being clearly understood that nothing shall be done which may prejudice the civil and religious rights of existing non-Jewish communities in Palestine, or the rights and political status enjoyed by Jews in any other country”*. BALFOUR Declaration. Disponível em:

<https://knesset.gov.il/lexicon/eng/BalfourDeclaration_eng.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017.

¹²⁷ SAND, 2014, p. 217.

É difícil estabelecer relação de causa e efeito direta entre o movimento sionista propriamente dito e o sionismo cristão. Teria o próprio pensamento protestante sobre a restauração dos judeus na Palestina, anterior em quatro décadas à primeira proposta sionista, incentivado seu surgimento? Ou foi o sionismo cristão uma ideia que, nascida em uma escatologia em constante mudança, teve impulsionado o seu desenvolvimento em função dos acontecimentos em torno da causa judaica? Difícil escolher e comprovar a hipótese. O que parece claro é que, se não é possível estabelecer que o sionismo seja fruto da expectativa protestante sobre a restauração dos judeus, os resultados obtidos pelos sionistas tiveram por base uma política internacional influenciada pelo pensamento teológico milenista – mesmo de alguns poucos líderes, estrategicamente bem posicionados. Nesse caso, a teologia resultou em ação política concreta, com consequências históricas impressionantes.

Esse foi o ápice do apoio da Grã-Bretanha à causa sionista. Primeiro grande império protestante, ela uniu missões com ideologia expansionista, e na esteira de seu discurso vieram as expectativas escatológicas milenistas, as quais favoreceram a causa nacionalista judaica. Foi no contexto britânico que nasceu o sionismo cristão, mesmo local em que surgiu a doutrina escatológica do dispensacionalismo. Essa nova doutrina, que não teve influência direta no sionismo em si, foi divulgada na América do Norte por Darby a partir de 1862. Seria entre os norte-americanos que o sionismo cristão acabaria sendo associado diretamente aos dispensacionalistas, com resultados políticos ainda mais significativos do que no caso britânico.

2. O DESENVOLVIMENTO DO SIONISMO CRISTÃO NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA NOS SÉCULOS XIX E XX

O primeiro capítulo tratou da origem do sionismo cristão na Grã-Bretanha do século XIX, bem como a gênese, naquele contexto, da doutrina dispensacionalista. Essa inovadora interpretação escatológica não influenciou diretamente o sionismo cristão entre os britânicos, então orientados por uma visão pós-milenista e pré-milenista histórica. O destaque dado à gênese do dispensacionalismo foi necessário em função da grande relevância que ele viria a ter para o sionismo cristão nos EUA, o que será tratado a seguir.

2.1. Os Estados Unidos da América e o protestantismo

O Império Britânico foi a primeira potência internacional protestante, e o principal promotor de missões durante o século XIX. Foi entre os britânicos que nasceu o sionismo cristão e foram dados os primeiros passos para concretizar o sonho judaico de um lar nacional na Palestina. O final do século viu a ascensão de uma nova superpotência, os EUA, que consolidaria seu poder mundial ao longo das primeiras décadas do século XX, especialmente ao término da Segunda Guerra Mundial. Não por acaso, este país – também com muitos protestantes – viria a ser o “melhor amigo” dos judeus e apoiaria a formação do Estado de Israel.

2.1.1 Povo escolhido, Destino Manifesto e impulso missionário

A formação populacional da América do Norte foi bastante variada. As treze colônias originais, em grande medida, eram formadas por imigrantes pobres em busca de melhores condições de vida, ou grupos minoritários religiosos chamados de *peregrinos* – fugidos das perseguições religiosas do anglicanismo na Grã-Bretanha. Além destes, integraram-se ao sonho americano outros grupos religiosos, como católicos e protestantes das mais diversas partes da Europa.¹²⁸ Esses fatos

¹²⁸ KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 44-50.

dariam às colônias norte-americanas uma diversidade religiosa intensa desde sua origem, além de impulsionarem a formação do seu imaginário nacionalista.

Os peregrinos, que eram protestantes calvinistas, identificaram a perseguição que sofriam com a história bíblica do Êxodo, espelhando-se nos antigos hebreus como refugiados que escapavam da opressão de um império perverso em busca de uma nova pátria. As narrativas bíblicas foram motivação na luta pelo espaço da terra, uma vez que uma nova Canaã estava diante deles para ser conquistada. O imaginário bíblico aparece nos nomes dados para as novas vilas, chamadas de *Hebron*, *Bethlehem*, *Nazareth*, *Salem*, *Shiloh* e *Zion*, para citar alguns exemplos.¹²⁹ A influência da Bíblia e mesmo da língua hebraica permaneceu: de 1638 a 1785, hebraico era disciplina obrigatória em Harvard.¹³⁰ Em 1630, John Winthrop, primeiro governador de Massachusetts, escreveu um texto no qual afirmava que Deus havia feito uma aliança com os pais peregrinos para estabelecer na América uma nova Sião, ideia frequente em muitos grupos religiosos norte-americanos, como os *Zionitic Brotherhood*, *The Shakers*, mórmons e Testemunhas de Jeová.¹³¹

Os desdobramentos da cultura bíblica trazida pelos puritanos marcaram o nascente protestantismo norte-americano, desejoso de construir uma sociedade humana segundo a revelação divina.¹³² Foi em solo americano que se desenvolveu o princípio do denominacionalismo, a fim de não mais repetir a perseguição religiosa vivida na Inglaterra, libertando as igrejas da tutela do Estado e invocando a associação voluntária – ao mesmo tempo em que mantinham o propósito de influenciar a sociedade, cristianizando-a e estendendo sua influência para o resto do mundo.¹³³ Esse princípio de liberdade religiosa beneficiaria também os judeus após a Guerra da Independência (1775-1783), quando receberam garantias de liberdade de culto, além da remoção de exigências religiosas para participação no serviço público.¹³⁴ O sentimento religioso e a liberdade de expressão de fé, portanto, fizeram parte da base de formação nacional dos norte-americanos.

¹²⁹ WILKINSON, 2007, p. 230-231.

¹³⁰ WILKINSON, 2007, p. 231.

¹³¹ WILKINSON, 2007, p. 232.

¹³² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Aste, São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995. p. 50.

¹³³ MENDONÇA, 1995, p. 51.

¹³⁴ WILKINSON, 2007, p. 233-234.

Uma segunda característica da formação dos EUA pode ser verificada no *Destino Manifesto*. A identidade nacional foi também elaborada em contraposição a inimigos externos a serem combatidos, tendo como primeira aventura a expansão para o Oeste “selvagem” como missão que unificaria os estados da nova federação. Foi no discurso religioso que nasceu a convicção de serem eles um povo escolhido por Deus, portadores de um destino civilizatório – que seria espalhar a democracia e a liberdade para outros povos necessitados.¹³⁵ Essa ideia de destino foi praticada de forma mais concreta pelo presidente James Monroe, em 1823, quando anunciou a política que ficou conhecida como *Doutrina Monroe*: um acordo de não-interferência entre norte-americanos e europeus em questões internas mútuas, o que pode ser resumido na expressão “a América para os americanos”. Os EUA colocavam-se como juízes das questões que envolvessem o continente, tornando-se protetores da América.¹³⁶ Mas o que era apenas um princípio orientador tornou-se chavão a partir da publicação de John O’Sullivan, editor da *Democratic Review*, que em 1845 anunciava “o direito de nosso destino manifesto a expandirmos e possuir a totalidade do continente que a Providência nos tem dado para o desenvolvimento deste grande experimento de liberdade e autogoverno federado”.¹³⁷ Esse destino manifesto foi a justificativa para a expansão em direção ao Oeste, com a compra de territórios dos impérios coloniais, envio de colonos, guerra com o México e extermínio ou assimilação de nações indígenas. O crescimento territorial foi extraordinário, com o aumento de 16 para 45 no número de estados filiados à federação. Ao final do século, já eram uma potência industrial e alvo de imenso fluxo de imigrantes.¹³⁸

O espírito do empreendedorismo expansionista era evidente quando o país assumia a liderança das nações industriais. Em 1885, Josias Strong escreveu o livro *Nosso País*,¹³⁹ no qual defendia o dever das raças anglo-saxônicas de difundir para os outros países os benefícios do protestantismo, da democracia e da livre iniciativa.¹⁴⁰ As duas características da formação dos EUA – a religiosidade das primeiras

¹³⁵ KARNAL, 2007, p. 125.

¹³⁶ KARNAL, 2007, p. 105-106.

¹³⁷ BENDER, Thomas. *Historia de los Estados Unidos: una nación entre naciones*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011. p. 220.

¹³⁸ KARNAL, 2007, p. 170.

¹³⁹ Orig.: “*Our Country*”.

¹⁴⁰ MELANDRI, Pierre. *História dos Estados Unidos desde 1865*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 72-73.

colônias, cuja simbologia bíblica impregnou a cultura, e a crença em um destino manifesto de ser o país responsável por expandir a liberdade da civilização democrática a todo o mundo – foram um dos componentes justificadores do ímpeto missionário dos norte-americanos nos séculos XIX e XX. O legado da Doutrina Monroe, segundo a análise de Arturo Piedra, fortaleceu as ideias religiosas dos protestantes dos EUA de que deveriam ser eles, e não os europeus, a introduzir a fé dos reformadores na América Latina.¹⁴¹ A ideologia do Destino Manifesto fundiu a política externa com a missão de evangelização. Não é por acaso que as diferentes instituições missionárias protestantes aprovaram as ações militares do seu país em Cuba, Porto Rico e Filipinas durante a guerra com o Império Espanhol, representante da fé católica.¹⁴² Esta é a conclusão de Mendonça:

Durante todo o século XIX, imperava a ideia de que a religião e civilização estavam unidas na visão da América cristã e que Deus tem sempre agido através de povos escolhidos. Os de língua inglesa, escolhidos mais do que quaisquer outros, são obrigados a propagar as ideias cristãs e a civilização cristã. Alguns autores escreveram que a mais alta expressão da civilização anglo-saxônica eram os Estados Unidos.¹⁴³

A exemplo do que aconteceu na Grã-Bretanha, o empreendimento missionário cresceu à sombra da política nacional. No caso norte-americano, o discurso era de libertar os países atrasados do imperialismo europeu – que começara com eles na luta contra os ingleses em fins do século XVIII, e no final do século XIX se manifestava na guerra contra a Espanha. No conflito entre potências, a expansão missionária protestante dos EUA coincidiu com o expansionismo colonialista das nações protestantes europeias.¹⁴⁴ Colonialismo, imperialismo e missões frequentemente caminharam juntos, como concluiu David Bosch:

O empreendimento missionário ocidental do período que estamos analisando partia não apenas da premissa da superioridade da cultura ocidental sobre as demais, mas também da convicção de que Deus, em sua providência, escolhera as nações do Ocidente, com base em suas qualidades únicas, para serem os porta-bandeiras de sua causa, inclusive nos confins da terra. Essa convicção, geralmente denominada como noção do “destino manifesto”, quase não era perceptível durante as primeiras décadas do século 19, mas aprofundou-se gradualmente e alcançou sua expressão máxi-

¹⁴¹ PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)*. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006. p. 30.

¹⁴² PIEDRA, 2006, p. 38.

¹⁴³ MENDONÇA, 1995, p. 61.

¹⁴⁴ MENDONÇA, 1995, p. 63-64.

ma durante o período de 1880 a 1920, conhecido também como o “apogeu do colonialismo”.¹⁴⁵

A ideologia do Destino Manifesto fundiu-se à crença de povo eleito, produzindo o impulso civilizador que foi abraçado pelas missões protestantes. Nos EUA havia a certeza de que a “providência divina” – expressão corrente entre os puritanos fundadores da pátria – os enviara a inaugurar uma nova era.¹⁴⁶

2.1.2 Avivamentos e milenismos: marcas da espiritualidade norte-americana

O puritanismo dos pais peregrinos diminuiu seu fervor religioso com o passar do tempo em razão das guerras da independência, influência do Iluminismo ou pela teologia disciplinadora das igrejas calvinistas.¹⁴⁷ Isso mudaria a partir dos despertamentos do século XVII, no eixo anglo-saxão, representado pelos movimentos do *Grande Despertar* (nas então colônias norte-americanas), pelo surgimento do metodismo e pelo reavivamento evangelical dentro do anglicanismo (ambos no contexto britânico, mas cujo movimento se estendeu para a América).¹⁴⁸ Os principais nomes do período foram os pastores Jonathan Edwards (1703-1758) e o metodista George Whitefield (1714-1770), expoentes entre outros tantos em uma fase de crescimento das igrejas congregacionais, metodistas e presbiterianas.¹⁴⁹ Foi comum a todos eles a insistência na experiência pessoal de conversão, que principiava por uma convicção do pecado e do perdão de Deus, ao qual deveria seguir uma vida de santificação, devoção e estudo das escrituras.¹⁵⁰ O avivamento do Grande Despertar mostrou influência de doutrinas, de certa maneira, “iluministas” por causa da crença no progresso humano, na possibilidade da busca de perfeição – marcas de uma teologia um tanto antropológica, segundo a análise de Mendonça.¹⁵¹ Johathan Edwards assumia uma escatologia pós-milenista, otimista por natureza, acreditando que a experiência de despertamento espiritual que viviam naquele momento anunciava a chegada dos últimos dias, razão pela qual ele conclamava o povo ao arrependimento e ao encontro com o Senhor. Sua pregação é exemplar de um movimento que

¹⁴⁵ BOSCH, 2002, p. 362.

¹⁴⁶ BOSCH, 2002, p. 362-364.

¹⁴⁷ MENDONÇA, 1995, p. 54.

¹⁴⁸ BOSCH, 2002, p. 337.

¹⁴⁹ MENDONÇA, 1995, p. 55-57.

¹⁵⁰ GONZÁLEZ, Justo. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 364.

¹⁵¹ MENDONÇA, 1995, p. 58.

representou a mescla do puritanismo calvinista original das colônias com o pietismo da conversão pessoal, tornando-se típico da experiência religiosa norte-americana.¹⁵²

Um segundo avivamento ocorreu nos EUA no final do século XVIII e primeira metade do XIX. Esse movimento foi marcado pelas grandes reuniões ao ar livre, chamadas “reuniões de acampamento”, às quais milhares de pessoas compareciam. A primeira delas foi realizada pelo pastor presbiteriano de Cane Ridge em 1801, no estado de Kentucky, durou uma semana e serviu de modelo para diversas outras reuniões nas décadas seguintes. Em meio presbiteriano, este tipo de reunião foi combatido, mas ganhou imensa popularidade entre batistas e metodistas, sendo uma das razões do crescimento dessas denominações. Foram batistas e metodistas que passaram a investir em pregadores leigos e na simplicidade da oratória.¹⁵³

Todos os movimentos avivamentistas foram, de certa maneira, milenistas – ou seja, tinham importante foco na volta de Cristo e implantação do Reino de Deus. A posição teológica predominante do século XVII até o XIX, entre os protestantes, era pós-milenista, tanto na América como na Grã-Bretanha. O reino amadureceria gradativamente até que não houvesse mais injustiça, miséria ou guerras. Os americanos também se viam como os inauguradores de uma nova ordem mundial,¹⁵⁴ o que afetou o movimento missionário do século XIX:

De certo modo, o pós-milenismo iria usar a educação como estratégia, como veículo de transplante de instituições sociais; visava a cristianização da sociedade como um todo, era uma cultura a serviço do Reino de Deus.¹⁵⁵

Esse otimismo pós-milenista foi predominante entre os protestantes norte-americanos no século entre a Declaração da Independência (1776) e o início da Guerra Civil (1861). O reino milenar de Cristo foi tema corrente em movimentos religiosos, reflexo de tempos efervescentes que a América do Norte vivia. Neste sentido, não eram apenas os protestantes ortodoxos que produziram expectativas escatológicas, mas também se manifestavam em outras experiências espontâneas, como o grupo surgido em torno de Mother Ann Lee (1736-1784), que se considerava en-

¹⁵² BOSCH, 2002, p. 338.

¹⁵³ GONZÁLEZ, 2011, p. 378-379.

¹⁵⁴ BOSCH, 2002, p. 343.

¹⁵⁵ MENDONÇA, 1995, p. 69.

carnação feminina de Cristo, e John Humphrey Noyes (1811-1886), o qual acreditava que Cristo havia voltado no ano 70, mas não permanecera porque faltava amor no mundo. Algumas igrejas derivadas de crenças em torno do milênio e de um novo paraíso também surgiram no século XIX, como a Igreja de *Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, fundada por Joseph Smith (1805-1844), as *Testemunhas de Jeová*, organizada por Charles Taze Russell (1852-1916), e a *Igreja Adventista do Sétimo Dia*, surgida a partir das interpretações escatológicas de William Miller (1782-1849) e, posteriormente, Hellen White (1827-1915).¹⁵⁶

Novo ingrediente nas expectativas milenistas veio com a Guerra Civil Americana (1861-1865), a qual afetou a expectativa escatológica norte-americana, a exemplo do que ocorrera em meio britânico em face às Guerras Napoleônicas. Muitos mudaram suas posições otimistas pós-milenistas para o pessimismo pré-milenista. Novamente, a sincronia do eixo anglo-saxão se fez presente, pois a mesma derivação pré-milenista surgida na Grã-Bretanha, o dispensacionalismo, penetrou nos EUA. Essa nova doutrina chegou por meio de John Nelson Darby,¹⁵⁷ conforme será detalhado adiante. Logo depois de sua primeira visita, em 1862, os pré-milenistas publicavam reedições de autores da primeira metade do século, como Edward Winthrop (*Palestras sobre o Segundo Advento*,¹⁵⁸ de 1843), Jacob Janeway (*Esperança para os Judeus*,¹⁵⁹ de 1853), John Cumming (*Sinais dos Tempos*,¹⁶⁰ de 1854) e Joseph Seiss (*Os Últimos Tempos e a Grande Consumação*,¹⁶¹ de 1856).¹⁶² Periódicos também publicavam tratados pré-milenistas, como *O Literalista* (1840-1842),¹⁶³ *Resenha Milenarista e Profética Americana* (1842-1844)¹⁶⁴ e *Tempos Proféticos* (1863).¹⁶⁵

O século XIX, portanto, marcou profundamente a espiritualidade protestante norte-americana. Dois foram os resultados dos processos deste século: o avivamen-

¹⁵⁶ WEBER, 2004, p. 11-13.

¹⁵⁷ WEBER, 2004, p. 13.

¹⁵⁸ Orig.: "*Lectures on the Second Advent*".

¹⁵⁹ Orig.: "*Hope for the Jews*".

¹⁶⁰ Orig.: "*Signs of the Times*".

¹⁶¹ Orig.: "*The Last Times and the Great Consumation*".

¹⁶² WILKINSON, 2007, p. 237.

¹⁶³ Orig.: "*The Literalist*".

¹⁶⁴ Orig.: "*American Millenarian and Prophetic Review*".

¹⁶⁵ Orig.: "*Prophetic Times*". WILKINSON, 2007, p. 239.

tismo, que produziu um protestantismo engajado em campanhas de evangelização conversionista, cujo caráter voluntarista se destaca; e o milenismo, inicialmente pós-milenista, mas depois cada vez mais pré-milenista. Mas haveria ainda um novo ingrediente a partir do início do século XX: o fundamentalismo.

2.1.3 Desenvolvimento do fundamentalismo nos Estados Unidos da América

O termo *fundamentalismo* é comumente usado para destacar atitudes intolerantes, preconceituosas ou simplesmente intransigentes, na maioria das vezes com uma carga negativa e imprecisa.¹⁶⁶ Nessa pesquisa, utilizaremos o conceito de Roger Olson, que o define como uma “forma distinta de protestantismo ortodoxo do século XX definida, em grande parte, pela reação às teologias liberal e modernista”.¹⁶⁷ Jürgen Moltmann define o fundamentalismo em termos semelhantes, reativos: “Os fundamentalistas não reagem às crises do mundo moderno, mas às crises que o mundo moderno provoca em sua comunidade de fé e em suas convicções básicas”.¹⁶⁸ Trata-se de uma reação à influência sobre a teologia e prática de fé nas igrejas provocada pelos princípios e métodos do cientificismo moderno. Breno Campos assim registra o conflito de ideias que produz o fenômeno:

Para evitar a confusão quanto à extensão indevida do termo – resultado do sucesso de sua utilização –, e para retornar às circunstâncias precisas do advento do movimento, será sempre necessário registrar que, no encontro das ideias com as condições materiais em contexto norte-americano de fim de século (XIX), o fundamentalismo foi uma *reação* ruidosa e beligerante contra inimigos do protestantismo conservador: internamente, o liberalismo teológico (especialmente a crítica bíblica); externamente, o humanismo secular (a ciência que desacredita a Bíblia, notadamente o darwinismo) e os novos movimentos religiosos.¹⁶⁹

O fundamentalismo surgiu a partir de influência teológica pregressa: ele deve ser remontado aos grandes avivamentos dos séculos anteriores. Eles trouxeram

¹⁶⁶ MALHEIROS, Isaac. Teologia ou estereótipo: O que define o fundamentalismo cristão? *PLURA, Revista de Estudos da Religião*, vol. 6, n. 2, p. 256-277, 2015. Disponível em: <https://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1114/pdf_141>. Acesso em: 28 nov. 2017.

¹⁶⁷ OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 570.

¹⁶⁸ MOLTSMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium: Fundamentalismo: um desafio ecumênico*, n. 241, p. 141-148, 1992-1993. p. 142.

¹⁶⁹ CAMPOS, Breno Martins. The Fundamentals: ontem, hoje e sempre. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 30, p. 124-141, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 7 ago. 2017. p. 139.

um sentimento de unidade ao protestantismo pelo caráter transdenominacional de todo o movimento, o que preparou o cenário para futuras coalizões. No final do século XIX, esse movimento, que tinha cunho teológico conservador, reunia pessoas com intenções muito além da vida piedosa, pois havia um despertar pela exploração dos ensinamentos bíblicos e a busca da verdade por iniciativa própria do leigo, o que foi a origem das conferências bíblicas.¹⁷⁰

A mais famosa das conferências bíblicas, inicialmente chamada *Encontro de Crentes para Estudar a Bíblia*, começou em 1875. Oito anos depois, mudou-se para um novo local em Niagara-on-the-Lake, Ontario, e adotou seu nome mais conhecido, *Conferência Bíblica Niágara*. Era uma série de retiros de verão de uma ou duas semanas com alguns dos principais professores de Bíblia e pregadores da época. Ali juntaram-se *J. H. Brookes, William Eerdman, C. I. Scofield, A. T. Pierson e A. J. Frost*, todos presbiterianos e batistas. Eles e seus ouvintes se uniram para adorar, compartilhar e estudar, aproveitando a beleza do local.¹⁷¹

Havia dois movimentos em operação no protestantismo: uma continuidade que vem desde o avivamentismo, o qual mantém o protestantismo norte-americano ainda vinculado à Reforma; e outro, que sentiu a influência do Iluminismo e passou a adotar premissas liberais já em voga na teologia europeia. O conflito se tornou evidente quando um número cada vez maior de teólogos norte-americanos aderiu à alta crítica bíblica, às teorias darwinistas e à teologia liberal, as quais predominavam nos seminários e eram consideradas pelos conservadores como “modernistas”. Em face das derrotas dos conservadores no meio acadêmico, houve uma retirada deles para novas escolas bíblicas, que produziram seminários conservadores e um endurecimento do fundamentalismo nas décadas seguintes.¹⁷²

Como mencionado, o fundamentalismo é um termo estigmatizado. Isso se dá pelos caminhos que ele tomou após o seu início. Roger Olson percebe dois mo-

¹⁷⁰ AMMERMAN, Nancy T. North American Protestant Fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms observed*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. p. 18-20.

¹⁷¹ Tradução livre. Orig.: “The most famous of the Bible conferences, initially dubbed the Believers’ Meeting for Bible Study, began in 1875. Eight years later it moved to a new location at Niagara-on-the-Lake, Ontario, and adopted its more commonly known name, the Niagara Bible Conference. It was a series of one- or two-week summer retreats featuring some of the leading Bible teachers and preachers of the day. Here gathered J. H. Brookes, William Eerdman, C. I. Scofield, A. T. Pierson, and A. J. Frost, Presbyterians and Baptists all. They and their listeners came together to worship and fellowship and study, enjoying the beauty of the setting.” AMMERMAN, 1994, p. 20.

¹⁷² GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003. p. 348.

mentos: de 1910 a 1925, quando ainda se tratava de uma defesa dos fundamentos mais básicos da ortodoxia protestante; e depois de 1925, quando o foco passou para questões secundárias, alçadas a princípios de fé normativos e envolvendo campanhas contra evolucionismo, comunismo e ecumenismo, e a predominância do dispensacionalismo como doutrina escatológica preferencial.¹⁷³

O primeiro movimento, que deu nome aos fundamentalistas, começou em 1910 com o início da publicação de 12 livros intitulados *Os Fundamentos*,¹⁷⁴ financiada pelos irmãos Lyman e Milton Stewart, dois magnatas do petróleo. Três milhões de volumes da série foram enviados gratuitamente a milhares de pastores, líderes de igrejas e professores.¹⁷⁵ A obra era uma resposta conservadora à teologia liberal e ao evangelho social, com textos de diversos teólogos guiados pela crença de que os males da teologia moderna provinham da falta de fé na inspiração verbal e sobrenatural da Bíblia. Defendiam a exatidão verbal e a inerrância meticulosa do texto sagrado – princípio que passou a ser salvaguarda imprescindível para garantir a autoridade bíblica. Com esta premissa, identificaram o cristianismo autêntico com o sistema doutrinário da ortodoxia protestante e fizeram oposição militante contra todas as formas de teologia liberal ou modernista.¹⁷⁶ Com *Os Fundamentos*, os conservadores, que subscreviam os artigos, passaram a se denominar *fundamentalistas*, então um termo descritivo dos que defendiam os fundamentos da fé protestante ortodoxa. O segundo momento, segundo Olson, se deu depois de 1925, quando a discussão arrefeceu e uma nova característica foi acrescentada: a crença de que cristãos verdadeiros deviam evitar contato com os considerados “falsos cristãos” e suas organizações, inclusive outros evangélicos que dialogavam ou comungavam com os “doutrinariamente impuros”.¹⁷⁷ O que era uma reação de defesa da fé logo se tornou exclusivismo e sectarismo:

Embora procurasse simplesmente preservar a teologia protestante clássica e impedir a acomodação liberal ao pensamento moderno, o fundamentalismo acabou desenvolvendo uma nova forma de teologia protestante racionalista, separatista e absolutista. Isto é, a teologia fundamentalista plenamente

¹⁷³ OLSON, 2001, p. 581.

¹⁷⁴ Orig.: “*The Fundamentals*”.

¹⁷⁵ OS FUNDAMENTOS: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 13.

¹⁷⁶ OLSON, 2001, p. 581-582.

¹⁷⁷ OLSON, 2001, p. 582.

desenvolvida produziu sistemas absolutos de proposições doutrinárias internamente coerentes que devem ser aceitos na íntegra, sem questionamento, ou totalmente rejeitados. Qualquer pessoa que questionasse um único ponto do sistema doutrinário protestante fundamentalista seria acusada de heresia ou mesmo de apostasia. Era uma reação exacerbada típica do fundamentalismo extremo ao relativismo doutrinário da teologia liberal.¹⁷⁸

Tal sectarismo produziu uma série de novas listas de fundamentos de fé, incluindo crenças nunca antes consideradas essenciais, mas que passaram a figurar como princípio exclusivo do que seria a doutrina do verdadeiro cristianismo. Entre estas crenças estava a volta pré-milenar de Cristo. Assim,

a crença de que Cristo voltaria fisicamente e encarnado para governar e reinar na terra por mil anos antes da ressurreição e do juízo final deixou de ser apenas uma opinião sustentada por alguns cristãos e foi elevada a “fundamento da fé” pela Associação Cristã Mundial dos Fundamentos fundada pelo principal ministro fundamentalista W. B. Riley (1861-1947).¹⁷⁹

A ligação entre fundamentalismo e milenismos foi bastante esclarecida em estudo de Ernest Sandeen, publicado na obra *The Roots of Fundamentalism*. Para o autor, o fundamentalismo existiu como movimento religioso antes mesmo da controvérsia dos anos de 1920.¹⁸⁰ Sandeen fez um levantamento que segue linha semelhante à desta dissertação, iniciando no milenarismo britânico, passando pelo norte-americano, a influência de John Darby na Europa e América, a base do literalismo bíblico da doutrina, sua ligação com o movimento das conferências bíblicas, a relação com os *Fundamentals*, a decadência no final do século XIX e início do século XX, para sua consolidação a partir dos anos 1920. Para o pesquisador, o *Fundamentalismo*, tal como surge e se autodenomina em 1919, é nada mais do que uma consolidação e mudança de nome do que era um movimento de cunho teológico milenista, mais especificamente pré-milenista, conclusão de um desenvolvimento de mais de um século.¹⁸¹

Sandeen acrescenta uma conclusão importante a esta pesquisa, embora nem todo fundamentalista seja necessariamente pré-milenista ou dispensacionalista. O fato é que a radicalização do fundamentalismo, como percebido por Olson, trouxe

¹⁷⁸ OLSON, 2001, p. 569-570.

¹⁷⁹ OLSON, 2001, p. 576.

¹⁸⁰ SANDEEN, Ernest. *The roots of Fundamentalism: British and American Millenarianism 1800-1930*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1978. p. xvii.

¹⁸¹ SANDEEN, 1978, p. 246.

em seu bojo a discussão escatológica, prevalecendo entre igrejas conservadoras mais radicais a interpretação pré-milenista. Na introdução do livro *Os fundamentos para o século 21* (que se propõe a repetir a experiência de defesa da ortodoxia de 1910), considera-se a Bíblia de Referência Scofield, que é dispensacionalista, como a segunda grande publicação fundamentalista do século XX, e que passou a ser considerada “A Bíblia” por todos os que seguem essa vertente.¹⁸² Essa Bíblia comentada e seu autor serão tratados adiante; o que interessa para este momento da análise é que a preferência pelo pré-milenismo, em boa parte das igrejas fundamentalistas, vai além – trata-se de um pré-milenismo dispensacionalista.¹⁸³

2.1.4 Surgimento do pentecostalismo nos Estados Unidos da América

É possível que o surgimento do pentecostalismo seja o fenômeno religioso mais importante e impactante do século XX. O fato deste movimento ter se originado nos EUA e encontrado no contexto brasileiro seu maior sucesso é significativo. O pentecostalismo, tal qual os movimentos avivamentistas, a pregação pré-milenista e o fundamentalismo, está relacionado ao contexto agitado no qual reverberavam as convulsões sociais resultantes da Guerra Civil e da libertação dos escravos negros, crise ampliada pelas dificuldades da agricultura no Sul dos EUA, da crescente industrialização no Norte e da chegada de grandes massas de imigrantes europeus fugindo da pobreza. Segundo Leonildo Campos, os encontros de avivamento, que rejeitavam o intelectualismo e buscavam uma fé prática com soluções para os problemas do cotidiano, seriam herança cultural do pentecostalismo.¹⁸⁴ A diferença, no entanto, é que ele ocorreu em meio urbano:

Por isso, o período de industrialização, mobilidade populacional, urbanização e aumento do mal-estar de imigrantes e o sofrimento concreto dos pobres tornou quase necessário que o pentecostalismo viesse beber no poço

¹⁸² OS FUNDAMENTOS para o século 21: examinando os principais temas da fé cristã. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 25-26.

¹⁸³ AMMERMAN, 1994, p. 22. A percepção de que a escatologia dispensacionalista não fazia parte dos fundamentos básicos da ortodoxia protestante no início do século XX pode ser verificada na obra OS FUNDAMENTOS, 2005, na qual os capítulos a respeito de escatologia – o capítulo 62, A esperança da igreja, e o capítulo 63, A vinda de Cristo – não exploram aspectos doutrinários dispensacionalistas, mas apenas os conteúdos aceitos pelas correntes milenistas diversas. O próprio Scofield, um dos autores da série, não tratou da doutrina dispensacionalista, mas do tema da graça de Deus.

¹⁸⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, set./nov. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13458/15276>>. Acesso em: 24 jan. 2018. p. 105-106.

da tradição reavivalista. Entretanto, se os grandes avivamentos se espalharam por uma América ainda rural, os movimentos de santidade e o pentecostalismo iriam operar dentro de um contexto urbano e industrial.¹⁸⁵

Os movimentos de santidade e reavivamento já possuíam, no final do século XIX, traços pentecostais, uma vez que as reuniões de acampamento incluíam a busca de um batismo com o Espírito Santo e experiências de êxtase, as quais trouxeram disputas e divisões dentro das igrejas tradicionais (especialmente metodistas) e viriam a ser típicos da identidade pentecostal. Portanto,

o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, pois nos EUA seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que os antecederam: o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade. Por sua vez, em sua expansão, particularmente, na América Latina, o pentecostalismo seguiu caminhos batidos pela religiosidade popular católica, beneficiando-se, por outro lado, da inserção do protestantismo na América Latina, África e Ásia. Em outras palavras, em sua primeira fase de expansão, o pentecostalismo pescou em aquários onde estavam os peixes colhidos pelo protestantismo histórico.¹⁸⁶

Duas personalidades são tidas como marcos inaugurais do movimento pentecostal denominado “clássico”: Charles Fox Parham (1873-1929), de Topeka, Kansas, e seu aluno William Joseph Seymour (1870-1922). William Seymour levou o movimento para Los Angeles, onde começou a pregar sobre o batismo no Espírito Santo na rua Azuza, em um templo abandonado de uma igreja metodista.¹⁸⁷ Seymour era filho de ex-escravos que atraiu muitos negros e imigrantes pobres a cultos que foram vistos como uma “nova seita de fanáticos”, sofrendo grande oposição da imprensa e das igrejas protestantes tradicionais, e até mesmo do movimento de santidade.¹⁸⁸ Depois, diversos conflitos surgiram dentro do grupo de Seymour, levando dissidentes a formarem novas igrejas pentecostais, como a *Igreja da Fé Apostólica*,¹⁸⁹ em Portland, ou a *Missão North Avenue*, em Chicago. Também derivado deste movimento foi a *Assembleia de Deus*, fundada em 1914 em Hot Springs, Arkansas, reunindo mais de seis mil membros espalhados pelo Texas, Oklahoma, Alabama e

¹⁸⁵ CAMPOS, 2005, p. 106.

¹⁸⁶ CAMPOS, 2005, p. 110.

¹⁸⁷ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: vida Nova, 2013. p. 281.

¹⁸⁸ CAMPOS, 2005, p. 110-111.

¹⁸⁹ Orig.: “*Apostolic Faith Church*”.

Illinois. Mas deve-se creditar a Seymour a capacidade de catalisar sentimentos e tradições em uma nova experiência de fé:

Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso, Azusa Street se tornou o cadinho em que se produziria uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto.¹⁹⁰

O pentecostalismo foi, portanto, uma continuidade dos movimentos de avivamento e santidade do século XIX, mas também uma certa ruptura, pela religiosidade que valorizava a tradição da cultura africana. O crescimento foi espantoso: apenas a Assembleia de Deus possui, nos EUA, mais de três milhões de membros em 13 mil igrejas, e cerca de 67 milhões no mundo.¹⁹¹ Estima-se que mais de 500 milhões de cristãos do planeta sejam pentecostais.¹⁹²

Outro ponto de continuidade do pentecostalismo em relação à história protestante pregressa é o fundamentalismo.¹⁹³ Se este for considerado, como foi definido por Roger Olson, no seu aspecto de rejeição ao modernismo teológico, crença na inspiração verbal e sobrenatural da Bíblia e ligação às doutrinas apostólicas fundamentais da fé ortodoxa, o pentecostalismo (pelo menos o clássico) está ancorado nestes princípios. Por outro lado, se também considerar-se o fundamentalismo como a ampliação de novos fundamentos que definem o que é o “verdadeiro cristianismo” (como o pré-milenismo dispensacionalista) e o conseqüente arrefecimento do sectarismo, o pentecostalismo também pode ser facilmente caracterizado como tal. Portanto, igrejas pentecostais são fundamentalistas, podendo ser, assim como as igrejas protestantes tradicionais, tanto pelo viés de defensor do fundamento da fé, como no aspecto do sectarismo exclusivista.

Acrescentado o ingrediente do pentecostalismo, pode-se afirmar que: 1) os EUA construíram um imaginário nacionalista onde política e religião se uniam nos

¹⁹⁰ CAMPOS, 2005, p. 112.

¹⁹¹ ASSEMBLIES OF GOD. Disponível em: <<https://ag.org>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

¹⁹² CAMPOS, 2005, p. 113.

¹⁹³ Leonildo Campos coloca o fundamentalismo como um desenvolvimento paralelo ao pentecostalismo, mas sem se misturar com ele, sendo o fundamentalismo uma resposta de certeza, enquanto o pentecostalismo teria apenas o aspecto “irracional” da mística religiosa. Nessa pesquisa, discorda-se desta opinião. CAMPOS, 2005, p. 107.

propósitos civilizatórios do Destino Manifesto; 2) o protestantismo norte-americano conservador possui característica avivamentista e conversionista, com escatologia milenista; 3) o fundamentalismo surgiu e se desenvolveu no meio conservador como uma reação ao modernismo teológico, defendendo a ortodoxia protestante, mas re-
crudescendo em movimentos de sectarismo e exclusivismo posteriores. Foi neste contexto que os princípios do dispensacionalismo alçaram a posição de fundamentos da fé cristã entre muitos grupos conservadores dos EUA.

2.2 O desenvolvimento do dispensacionalismo nos Estados Unidos da América

O sionismo cristão nasceu na Grã-Bretanha, onde também surgiu o sistema teológico do dispensacionalismo – embora não tenha influenciado o movimento político em favor da causa judaica. Entretanto, ao migrar para os EUA, encontrou terreno fértil para se desenvolver, acabando por se tornar a base teológica de boa parte do movimento sionista cristão, liderado a partir do século XX pela potência protestante norte-americana.

2.2.1 John Nelson Darby nos Estados Unidos da América

John Nelson Darby (1800-1882), o primeiro a desenvolver o dispensacionalismo como sistema de interpretação das escrituras, realizou sete visitas à América do Norte entre 1862 e 1877. Tinha afeição especial pelo Canadá, deixando fortes impressões na cidade de Gêlph a respeito da doutrina da segunda vinda de Cristo. A primeira visita aos EUA foi para encorajar os Irmãos de Plymouth oriundos da França e Suíça, mas nos quinze anos seguintes ele viajou várias vezes por todo o país, mesmo em plena Guerra Civil.¹⁹⁴

A maior parte do tempo foi investido em Boston, Chicago e St. Louis, cidades que viriam a se tornar centros do dispensacionalismo. Em Boston, encontrou um aliado importante: Adoniram Judson Gordon (1836-1895), um pregador batista e compositor de hinos sacros que se tornou um dos principais propagadores de sua

¹⁹⁴ WILKINSON, 2007, p. 241.

doutrina. Em Chicago, Darby impactou profundamente o evangelista e editor Dwight Lyman Moody (1837-1899), fundador do Instituto Bíblico Moody, o qual investiu considerável tempo na convivência com Darby e os Irmãos, sendo inspirado por sua devoção à escritura, o zelo missionário e a fé na iminente volta de Cristo. Durante o tempo em St. Louis, estabeleceu relações próximas com ministros importantes como James Hall Brookes (1830-1897), proeminente pastor presbiteriano.¹⁹⁵ A presença de Darby deixou marcas indeléveis:

Quando Darby deixou a América, oitenta e oito reuniões regulares de leitura bíblica dos Irmãos haviam sido estabelecidas. Sua realização é melhor expressa, no entanto, em termos do “ímpeto considerável” que ele gerou, um ímpeto levado adiante pelo movimento da Conferência Bíblica e Profética Americana, que colocou a escatologia dispensacionalista de Darby firmemente no mapa teológico da América.¹⁹⁶

As visitas de John Darby na América do Norte foram “sementes” para a difusão do dispensacionalismo entre os norte-americanos, que encontraram “bom solo”, não com os acadêmicos professores de seminários, mas entre os respeitáveis ministros protestantes avivamentistas, líderes das agências missionárias e pastores de grandes igrejas conservadoras.¹⁹⁷ Importante neste contexto foram as conferências bíblicas de verão, promovidas pelos movimentos conservadores, as quais estavam justamente na fase inicial de organização. Entre seus promotores figuravam pré-milenistas conhecidos como James Inglis (1813-1872) e George Needham (1840-1902).¹⁹⁸ Eles foram alguns dos que se reuniram informalmente pela primeira vez em New York a partir de 1868. Com a morte de Inglis, as reuniões foram suspensas até 1875, sendo retomadas na cidade de Chicago, já com a participação de James Brookes, Nathaniel West e William J. Erdman (1834-1903). Adoniran Judson uniu-se ao grupo em Swampscott, Massachusetts, em 1876. Na agenda dos encontros incluía-se a fé dispensacionalista, por meio das exposições de Brookes sobre o arrebatamento pré-tribulacionista típico de Darby. A partir de então, decidiram reunir-se novamente em Watkins Glen, New York, sob o nome de *Encontro de Crentes para*

¹⁹⁵ WILKINSON, 2007, p. 242-244.

¹⁹⁶ Tradução livre. Orig.: “By the time Darby left America, eighty-eight regular Brethren Bible-reading meetings had been established. His achievement is best expressed, however, in terms of the ‘sheer momentum’ he generated, a momentum carried forward by the American Bible and Prophecy Conference movement, which put Darby’s dispensationalist eschatology firmly on America’s theological map.” WILKINSON, 2007, p. 246-247.

¹⁹⁷ WEBER, 2004, p. 34.

¹⁹⁸ WEBER, 2004, p. 32.

Estudo da Bíblia,¹⁹⁹ onde o tema da volta de Cristo e seu governo sobre Israel, a Igreja e o mundo recebeu atenção especial. Novos encontros foram realizados em Old Orchard (em 1881), Mackinac Island (em 1882) e Niagara-on-the-Lake, Ontario, Canadá (de 1883 a 1897), quando o nome mudou para *Conferência Niágara*.²⁰⁰

Inspirada nestes encontros, foi promovida a primeira *Conferência Bíblica e Profética Americana*,²⁰¹ realizada em New York em 1878, e um segundo encontro em Chicago, no qual os defensores do dispensacionalismo ganharam proeminência.²⁰² Depois de 1884, uma crise se instaurou no movimento em razão da oposição sistemática do pastor batista canadense Robert Cameron, quando diminuiu significativamente a influência das ideias de Darby. Entretanto, dispensacionalistas continuaram unidos aos demais conservadores na oposição ao modernismo teológico, como será tratado adiante.²⁰³

Do mesmo movimento das conferências bíblicas emergiram, a partir dos anos 1880, os institutos bíblicos – escolas de formação de leigos, livres do estudo de grego e hebraico, mais interessados no evangelismo do que em uma exegese técnica.²⁰⁴ Exemplos destas instituições são o *Instituto Bíblico de Dwight Moody*, fundado em 1886, e o *Instituto Bíblico de Los Angeles*, criado em 1908 com apoio financeiro dos irmãos milionários do petróleo Lyman e Milton Stewart – que financiaram também os doze volumes de *Os Fundamentos*. Ambos os institutos seriam protótipos de treinamento bíblico e missionário para fazer frente aos seminários, que eram dominados pela hermenêutica histórico-crítica.²⁰⁵ Os principais seminários protestantes com foco escatológico dispensacionalista emergiram deste movimento, caso do *Seminário Teológico de Dallas* e a *Escola Evangélica de Divindade Trinity*,²⁰⁶ em Deerfield, Illinois, além de muitos seminários batistas do sul dos EUA, que atualmente são abertamente pré-milenistas em sua escatologia.²⁰⁷

¹⁹⁹ Orig.: “*Believers’ Meeting for Bible Study*”.

²⁰⁰ Orig.: “*Niagara Conference*”. WILKINSON, 2007, p. 247-248.

²⁰¹ Orig.: “*American Bible and Prophetic Conference*”.

²⁰² WILKINSON, 2007, p. 248-249.

²⁰³ WILKINSON, 2007, p. 250.

²⁰⁴ WEBER, 2004, p. 35.

²⁰⁵ AMMERMAN, 1994, p. 21.

²⁰⁶ Orig.: “*Trinity Evangelical Divinity School*”.

²⁰⁷ POCOCK, 2009, p. 132.

Ernest Sandeen também chegou à conclusão de que uma das principais razões para o sucesso dos milenistas do século XX estava justamente na sua relação com o movimento conservador, na luta contra o liberalismo, mas fundamentalmente por causa de sua característica livre do denominacionalismo:

A insatisfação com as denominações certamente se fortaleceu com o progresso do liberalismo, mas o fator realmente decisivo parece ter sido o desenvolvimento de estruturas institucionais não denominacionais que poderiam funcionar da mesma maneira que a denominação.²⁰⁸

Finalmente, para Timothy Weber, a mais importante razão da aceitação do dispensacionalismo entre os protestantes avivamentistas foi sua defesa da Bíblia em uma época em que sua autoridade era questionada pelo liberalismo. Além disso, a alta crítica acabou desencorajando os cristãos a lerem e interpretar o texto sagrado – função para especialistas –, enquanto os dispensacionalistas defendiam a liberdade de qualquer um tomar o texto usando apenas uma concordância bíblica e métodos de leitura. Evidentemente, o sistema forçava o conteúdo da Bíblia para dentro do complexo sistema dispensacional, mas ele a estava salvando de seus “destratores”, e isso foi fundamental para muitos conservadores.²⁰⁹

Outra característica do dispensacionalismo de Darby foi a lealdade à doutrina apostólica, especialmente na crença sobre a volta de Cristo – o que o colocava diretamente em oposição ao liberalismo teológico de então. Além disso, defendia a intervenção sobrenatural de Deus na história, culminando no literalismo apocalíptico de uma luta de anjos, demônios e do Senhor voltando para estabelecer a justiça no mundo – o que coincidia com os grandes avivamentos e, especialmente, o pentecostalismo que se iniciava.²¹⁰ Daí a acolhida efusiva no movimento pentecostal:

É importante salientar que o dispensacionalismo influenciou muitos dos pioneiros pentecostais, que viram sua escatologia como um “apoio útil para enfatizar a segunda vinda pré-milenista de Cristo, o arrebatamento da igreja, os sete anos da Grande Tribulação, o Milênio, e o julgamento cataclísmico que marcará o fim da presente ordem”. As características essenciais do dispensacionalismo, inclusive o lugar de Israel nos tempos finais, continuam a

²⁰⁸ Orig.: “Dissatisfaction with the denominations certainly grew stronger with the progress of Liberalism, but the really decisive factor seems to have been the development of nondenominational institutional structures which could function in the same manner as the denomination.” SANDEEN, 1978, p. 240.

²⁰⁹ WEBER, 2004, p. 36-39.

²¹⁰ WEBER, 2004, p. 41-42.

ser doutrinas fundamentais para as Assembleias de Deus (EUA), a maior denominação pentecostal do mundo.²¹¹

O dispensacionalismo de John Nelson Darby encontrou um campo fértil entre os norte-americanos por ter ecoado nos temores e aspirações de muitos protestantes conservadores em meio à crise desencadeada nas igrejas pela modernidade. Para combater o inimigo comum, os protestantes conservadores uniram-se em uma coalizão interdenominacional, e, dentro deste imenso movimento, estavam os dispensacionalistas. Se não obtiveram, nas décadas iniciais, uma completa respeitabilidade entre os teólogos conservadores, nem conquistaram o *mainstream* teológico, permaneceram ativos durante o século XX por terem conseguido se tornar numa subcultura altamente flexível e popular.²¹²

2.2.2 Os principais teólogos e líderes do dispensacionalismo norte-americano na fase de consolidação

Alguns teólogos e líderes protestantes norte-americanos foram profundamente inspirados por John Darby, e adotaram o dispensacionalismo como sistema teológico e escatológico fundamental de seu pensamento. O primeiro a ser impactado por Darby foi James Hall Brookes (1830-1897), pastor presbiteriano de Walnut Street, o qual endossou o pré-milenismo futurista e a distinção entre Israel e Igreja. Tornou-se o mais influente lobista do dispensacionalismo nos seus anos iniciais por meio de classes bíblicas, publicação de livros e de panfletos como a revista *A Verdade*,²¹³ a organização da *Conferência Profética de New York* (1878), além de ser palestrante nas reuniões de Niágara. Foi ele o discipulador de Cyrus Scofield, que será tratado adiante.²¹⁴

William Eugene Blackstone (1841-1935) era um leigo: homem de negócios de sucesso, metodista, encontrou grande motivação na visão dispensacional, espe-

²¹¹ Orig.: "It is also important to note that dispensationalism influenced many of the early Pentecostal pioneers, who saw its eschatology as 'a helpful aid to emphasizing the premillennial second coming of Christ, the Rapture of the church, the seven years of the great Tribulation, the Millennium, and the cataclysmic judgment that will mark the end of the present order.' The essential features of dispensationalism, including Israel's place in the end-times, remain foundational doctrines for de Assemblies of God (USA), the world's largest Pentecostal denomination." WILKINSON, 2007, p. 251.

²¹² WEBER, 2004, p. 43.

²¹³ Orig.: "The Truth".

²¹⁴ SIZER, 2004, p. 68.

cialmente no que se refere ao restabelecimento nacional de Israel. Fundou, em 1887, a *Missão Hebraica de Chicago para Evangelização dos Judeus*²¹⁵ e escreveu, em 1908, o livro *Jesus está vindo*,²¹⁶ o qual vendeu mais de um milhão de cópias em três edições.²¹⁷ Blackstone ficou famoso, inclusive entre a comunidade judaica, pelo seu ativismo político em prol do reestabelecimento da pátria judaica na Palestina.

Arno Clemens Gaebelein (1861-1945) era um judeu imigrante da Turíngia, convertido ao protestantismo e que servia como ministro metodista nos EUA. Em parceria com Ernest Stroeter, buscou mudar a evangelização de judeus, insistindo que os convertidos não precisavam abandonar a identidade judaica. Criou uma comunidade cristã messiânica com símbolos judaicos, guarda do sábado e incorporação das festas judaicas na liturgia.²¹⁸ Sua posição foi muito discutida por comprometer o evangelho da graça, segundo os argumentos de seus opositores, levando-o a mudar-se para a Alemanha, onde continuou o trabalho de evangelização de judeus.²¹⁹ Encontrou defensores entre os dispensacionalistas da Grã-Bretanha.²²⁰

Dwight Lyman Moody (1837-1899) foi tratado acima. Muitas referências em seus escritos mostram simpatia pelo povo judeu e pela restauração nacional na Palestina. Embora mais discreto na especulação sobre os sinais do retorno de Cristo, tinha convicção de que Israel era um povo separado da Igreja. A sua maior contribuição à causa dispensacionalista foi por meio da *Sociedade de Evangelização de Chicago*,²²¹ fundada em 1886 e depois renomeada para Instituto Bíblico Moody, importante instituição para o treinamento de líderes, o que trouxe respeitabilidade para o dispensacionalismo.²²²

Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921) é considerado o mais importante divulgador do dispensacionalismo no mundo. Foi profundamente influenciado por James Brookes, que o doutrinou após sua conversão em 1879, além de ter sido próximo a

²¹⁵ Orig.: “*Chicago Hebrew Mission for the Evangelization of the Jews*”. Essa fundação foi renomeada para *American Messianic Fellowship* (Amizade Messiânica Americana) em 1953, hoje conhecida como *AMF International*. WILKINSON, 2007, p. 252.

²¹⁶ Orig.: “*Jesus is coming*”.

²¹⁷ ICE, 2009, p. 17.

²¹⁸ WILKINSON, 2007, p. 254.

²¹⁹ WEBER, 2004, p. 124-125.

²²⁰ WILKINSON, 2007, p. 254.

²²¹ Orig.: “*Chicago Evangelization Society*”.

²²² SIZER, 2004, p. 70.

Dwight Moody. Em 1890, lançou um curso bíblico por correspondência,²²³ o qual seria usado pelo Instituto Moody para promover o dispensacionalismo por todo o mundo. Publicou a *Bíblia de Referência Scofield* em 1909 (revisada em 1967), por meio da qual produziu a mais sistemática e popular expressão do dispensacionalismo clássico.²²⁴ A combinação de um formato atrativo, notas ilustrativas e referências bíblicas cruzadas levou sua Bíblia a ser considerada o mais influente livro entre os protestantes conservadores durante a primeira metade do século XX.²²⁵ Outra participação de Scofield foi como diretor da *Escola de Bíblia do Sudoeste*,²²⁶ em Dallas, onde influenciou Lewis Sperry Chafer (1871-1952) a fundar o *Seminário Teológico de Dallas*, o principal difusor do dispensacionalismo na atualidade.²²⁷

2.2.3 O apelo midiático do dispensacionalismo norte-americano

A fundação do Estado de Israel impulsionou os dispensacionalistas a partir dos anos 1950, e especialmente após os 1970, com a vitória israelense na Guerra dos Seis Dias. Como representantes de uma corrente teológica profética que aparentemente estava se cumprindo – uma vez que Israel de fato se tornara uma nação organizada na Palestina –, os dispensacionalistas lançaram-se em uma indústria nova e crescente: o da profecia bíblica. Dominando a linguagem dos meios de comunicação mais modernos, atingiram em cheio a cultura popular.²²⁸

Essa habilidade em comunicar às massas já se via em nomes como William Blackstone, cujo livro *Jesus está vindo* tornou-se um sucesso de vendas em seu tempo. Também a Bíblia de Scofield, com o apelo visual e linguagem acessível, tornou-se extremamente popular. Mas o maior exemplo desse tipo de capacidade comunicativa deve ser reportado a Hal Lindsey (1929-). Ele é um pastor formado no Seminário de Dallas, onde estudou o dispensacionalismo com seus principais teólo-

²²³ O curso era intitulado “*Bible Correspondence School Course of Study*”.

²²⁴ WILKINSON, 2007, p. 256-257.

²²⁵ SIZER, 2004, p. 75.

²²⁶ Orig.: “*Southwestern School of the Bible*”.

²²⁷ COUCH, Mal. *Dictionary of premillennial theology*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1996. p. 392.

²²⁸ WEBER, 2004, p. 187.

gos. Tornou-se diretor da *Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo*²²⁹ na Universidade da Califórnia durante os anos 1960, onde desenvolveu uma linguagem adequada para uma geração que vivia os horrores da guerra do Vietnã e o clima tenso da Guerra Fria (lembre-se a crise dos mísseis soviéticos em Cuba em 1962). Suas palestras sobre escatologia resultaram em um livro de grande sucesso, *A agonia do grande planeta Terra*, publicado em 1970.²³⁰ O livro de Lindsey foi amplamente distribuído por livrarias seculares, farmácias, bancas de aeroportos e supermercados, exatamente no tempo em que a cultura popular americana se interessava pelo sobrenatural e paranormal.²³¹

A literatura sobre profecias explodiu no meio protestante a partir do sucesso de Lindsey, abrindo-se um novo mercado pré-milenista para tele-evangelistas como Oral Roberts (1918-2009), Rex Humbard (1919-2007), Kenneth Copeland (1936-), Jimmy Swaggart (1935-), Jerry Falwell (1933-2007) e Jim Bakker (1940-). Nos anos 1990, foi criado o *Armageddon Books*²³² – um *site* para venda de livros, filmes e materiais diversos sobre escatologia, ativo até hoje e que demonstra a imensa quantidade de material que os dispensacionalistas produziram e continuam produzindo.²³³ Mas não é apenas no campo da literatura sensacionalista que eles tiveram penetração: também no meio acadêmico conservador. Autores importantes foram despondo, como John Walvoord, Charles Ryrie e Dwight Pentecost, entre muitos outros, e das mais diversas linhas, que vão do dispensacionalismo clássico ao progressivo.²³⁴ O seminário de Dallas, citado acima, mantém muitos artigos sobre o dispen-

²²⁹ Orig.: “*Crusade for Christ*”. No Brasil era chamada de Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo, atualmente simplesmente Cru Brasil. CRU BRASIL. Disponível em: <<http://cru.org.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

²³⁰ Orig.: “*The Late Great Planet Earth*”. Traduzida no Brasil em 1973. LINDSEY, 1984.

²³¹ WEBER, 2004, p. 188-190.

²³² ARMAGEDDON BOOKS. West Jefferson: Cliffside Publishing House. Disponível em: <<http://www.armageddonbooks.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

²³³ WEBER, 2004, p. 192.

²³⁴ Há controvérsias entre os dispensacionalistas a respeito da linha chamada “progressiva”. Nela, vários elementos clássicos do dispensacionalismo não estão presentes, como o número de dispensações (eles operam em três, não as sete tradicionais), a separação entre Igreja e Israel, bem como a reconstrução do templo e retomada dos sacrifícios em Jerusalém. Por isso, esta análise se concentra no que se convencionou chamar de “dispensacionalismo clássico” ou “tradicional”, que é o mais popular nos EUA e também no contexto brasileiro. Os argumentos dos “clássicos” contra os “progressivos” pode ser verificado em BIGALKE JR., Ron. *Problems with Progressive Dispensationalism*. Disponível em: <<http://www.pre-trib.org/articles/view/problems-with-progressive-dispensationalism>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

sacionalismo em sua revista teológica, a *Bibliotheca Sacra Online*.²³⁵ Outro centro acadêmico de difusão da doutrina é o *Master's Seminary*, em Los Angeles, que publica diversos artigos sobre o tema em sua revista teológica chamada *The Master's Seminary Journal*.²³⁶

Mas a maior recepção popular foi mesmo no campo sensacionalista. Lindsey foi o modelo na literatura profética até a chegada de Tim LaHaye (1926-2016), pastor batista e autor de livros de sucesso na área de autoajuda e psicologia cristã, o qual começou a escrever sobre profecia no início dos anos 1970. Preocupado com a diminuição da ênfase no arrebatamento pré-tribulacionista entre as igrejas, veio a ser um dos fundadores do *Pre-Trib Centro de Pesquisas*,²³⁷ em Dallas. Além disso, Tim LaHaye fez uma parceria com o escritor Jerry Jenkins, autor de mais de 140 livros cristãos, com quem transformou a escatologia dispensacionalista em uma narrativa excitante, publicada a partir de 1995 na forma de 12 livros de um grande romance ficcional intitulado *Deixados para trás*.²³⁸ A obra foi um estrondoso sucesso de vendas, chegando inclusive a ter versões cinematográficas dos três primeiros livros.²³⁹ Essa série é um exemplo de como os dispensacionalistas trabalham bem a questão da comunicação de massa, publicando livros, *sites*, filmes e documentários os mais diversos. O resultado deste trabalho pode ser visto no *site* exclusivo da franquia, *LeftBehind.com*, onde são promovidos vídeos com os autores, venda de produtos, notícias e materiais de livre acesso.²⁴⁰ A série tocou fundo na cultura norte-americana, e os ataques terroristas sofridos em 11 de setembro de 2001 ampliaram a visão apocalíptica que o cenário parecia confirmar.²⁴¹

²³⁵ BIBLIOTHECA SACRA ONLINE. Dallas Theological Seminary. Disponível em:

<<https://www.dts.edu/publications/bibliothecasacra/online/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

²³⁶ THE MASTER'S SEMINARY JOURNAL. Disponível em: <<https://www.tms.edu/msj/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

²³⁷ Orig.: "*Pre-Trib Research Center*". PRE-TRIB RESEARCH CENTER. Disponível em: <<http://www.pre-trib.org/>>. Acesso em: 28 nov. 2017. Este centro de pesquisas é patrocinador de conferências acadêmicas sobre o tema e publica textos de dezenas de autores dispensacionalistas.

²³⁸ Orig.: "*Left Behind*".

²³⁹ Foram produzidos três filmes: "*Deixados para trás, o filme*" (2000), "*Deixados para trás II, Comando Tribulação*" (2003) e "*Deixados para Trás III, Mundo em Guerra*" (2006). O primeiro filme teve uma filmagem, estrelada por Nicolas Cage, em 2014, sob o título de "*O Apocalipse*". MOURA, Marcelo. *A franquia Left Behind – Deixados para trás (2000-2014)*. Disponível em: <<http://noset.com.br/franquia-left-behind-deixados-para-tras-2000-2014/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

²⁴⁰ LEFT BEHIND. Tyndale House Publishers. Disponível em: <<http://www.leftbehind.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

²⁴¹ WEBER, 2004, p. 196.

Uma das estratégias dispensacionalistas de trabalhar o imaginário popular está na constante avaliação dos noticiários e o quanto eles estão confirmando profecias escatológicas. Hal Lindsey faz exatamente isso em um segundo livro de sucesso, chamado *Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final*, onde lista uma série de acontecimentos e prevê o que deveria acontecer no contexto político internacional.²⁴² Mas talvez o exemplo mais extremado seja o *Índice do Arrebatamento*,²⁴³ criado em 1995 pelo evangelista Todd Strandberg. Trata-se de uma análise de 45 categorias proféticas como terremotos, tecnologia para a marca da Besta, guerras, fome, peste, ecumenismo e apostasia que, a exemplo da *Dow Jones*, classifica cada categoria com nota de 1 a 5, cuja soma mostra o quanto o mundo está se aproximando do final. Segundo o autor, pontuação 145 significa “apertem os cintos”, pois o arrebatamento estaria próximo. Após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, a pontuação foi de 182.²⁴⁴ Atualmente, com o anúncio da transferência da embaixada norte-americana para Jerusalém, está em 187.²⁴⁵

Essa foi a jornada do dispensacionalismo em solo norte-americano após chegar da Grã-Bretanha na pessoa do próprio criador do sistema, John Nelson Darby. Desde então, desenvolveu algumas características que podem ser assim resumidas: 1) alinhamento à ortodoxia protestante, unido ao movimento avivamentista, sendo divulgado por figuras destacadas deste meio e ganhando cada vez mais notoriedade entre os fundamentalistas; 2) independência das grandes denominações, atuando em instituições para-eclésiásticas como os institutos bíblicos e centros de pesquisa; 3) popularidade conquistada por meio de abundante literatura, tanto teológica quanto ficcional, de caráter sobrenaturalista, e de uma mídia construída com competência, ganhando leitores e adeptos dentre as igrejas, mesmo em denominações que não subscrevem os princípios do seu sistema teológico – o que garantiu a sua alta penetrabilidade.

²⁴² Orig.: “1980s: Countdown to Armageddon”. Publicado no Brasil em 1982. LINDSEY, Hal. *Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

²⁴³ Orig.: “Rapture Index”.

²⁴⁴ WEBER, 2004, p. 211-212.

²⁴⁵ A página está ativa e pode ser encontrada em RAPTURE READY. Disponível em: <<http://www.raptureready.com/rapture-ready-index/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Após os eventos que envolveram a criação do Estado de Israel (em 1948) e a Guerra dos Seis Dias (1967), o dispensacionalismo ganhou notoriedade em meio a à “febre” dos temas proféticos, especialmente relativos à escatologia bíblica. É neste contexto que se deu um passo adiante: quando os dispensacionalistas se tornaram a vanguarda do apoio cristão ao Estado de Israel. Embora sejam distintos – sionismo cristão e dispensacionalismo –, a influência do primeiro sobre o segundo tornou-se generalizada dentro da comunidade dispensacional protestante dos EUA.²⁴⁶ Em outras palavras: o sionismo cristão fundiu a teologia com os movimentos políticos em uma ação concreta na história das nações.

2.3 A formação do Estado de Israel e o sionismo cristão nos Estados Unidos da América

Se no início do movimento sionista, na passagem do século XIX ao XX, o apoio da Grã-Bretanha foi fundamental, o mesmo se deu na continuidade deste suporte por parte de outra superpotência protestante: os EUA. Porém, no caso americano, o dispensacionalismo foi componente constitutivo. Tanto que Paul Wilkinson, ao definir sionismo cristão, rejeita o conceito de “apoio cristão ao sionismo”, afirmando que, para alguém ser caracterizado como tal, deve incorporar uma série de crenças, como: a distinção entre Israel e a Igreja, o arrebatamento pré-tribulacionista, o retorno dos judeus para a Palestina, a reconstrução do templo, a ascensão do Anticristo, os sete anos da Grande Tribulação, a salvação nacional dos judeus, o retorno de Cristo para Jerusalém e o reino de mil anos de Cristo na terra. Este é, precisamente, o resumo da escatologia dispensacionalista.²⁴⁷

Para Wilkinson, portanto, apenas os dispensacionalistas são verdadeiramente sionistas cristãos; todos os outros cristãos que, por algum motivo, apoiam o Estado de Israel, não o fazem pela “correta motivação”. Embora não seja determinante, a opinião de Wilkinson serve para demonstrar a ligação entre a teologia e a ação política que viria a ser desenvolvida pelos norte-americanos. Como percebe Timothy

²⁴⁶ BUSH, 2009, p. 145.

²⁴⁷ WILKINSON, 2007, p. 13.

Weber, a expansão de Israel impulsionou os dispensacionalistas a uma nova fase de visibilidade e sucesso, dominando a indústria da profecia bíblica e resultando em uma nova atitude frente aos acontecimentos históricos – eles se lançaram na política, deixando de ser meros expectadores, e procuraram influenciar as ações governamentais em relação ao Estado de Israel.²⁴⁸

2.3.1 A formação e consolidação do Estado de Israel

O capítulo britânico de apoio ao movimento sionista praticamente terminou com a Declaração Balfour de 1917. Depois, a realidade mostrou-se bem mais complexa, especialmente na relação com as populações árabes residentes na Palestina. Os árabes contrários ao lar nacional judaico começaram uma série de distúrbios, com ações terroristas, os quais eram combatidos por judeus organizados em milícias clandestinas.²⁴⁹ Em meio ao caos, a Liga das Nações conferiu aos britânicos, em 1922, o Mandato da Palestina, criado a partir da partilha do Império Otomano no fim da Primeira Guerra Mundial. A política britânica, interessada no petróleo árabe, deixou de apoiar os sionistas, excluindo a Transjordânia dos territórios passíveis de colonização judaica, isso no mesmo ano do início do mandato.²⁵⁰

Os conflitos entre judeus que chegavam à Palestina e os árabes residentes se ampliaram: embora houvesse 28% de judeus, a compra das melhores terras pelas organizações sionistas e o surto de cidades e indústrias desencadeou o desespero entre as populações palestinas na década seguinte.²⁵¹ Por outro lado, a situação se complicou para os judeus a partir de março de 1939, quando o governo britânico emitiu um *White Paper* restringindo a imigração judaica para a Palestina em 75 mil pelo período de cinco anos, justamente no momento em que Hitler abria as portas de Auschwitz.²⁵² O Império Britânico também fechou o acesso das colônias aos refugiados, enquanto a Alemanha nazista impunha a política de extermínio, executando um terço da comunidade judaica mundial. Os cinco milhões de judeus que vi-

²⁴⁸ WEBER, 2004, p. 187.

²⁴⁹ LISSOVSKY, 2009, p. 146-147.

²⁵⁰ LISSOVSKY, 2009, p. 159-160.

²⁵¹ CROUZET, Maurice. *A época contemporânea*. 3º volume. O desmoronamento dos impérios coloniais; o surto das ciências e técnicas. In.: História Geral das Civilizações. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958. p. 95.

²⁵² WILKINSON, 2007, p. 228.

viam nos EUA, então o maior centro judaico do mundo, receberam as organizações sionistas da Europa e começaram a trabalhar pelo resgate de refugiados a partir de 1943. A trágica situação judaica no mundo demandava uma solução radical. Foi neste contexto que David Ben-Gurion (1886-1973) promoveu a causa sionista a favor de um lar nacional judeu em 1942, na cidade de New York. O fato da decisão pela formação de um Estado judaico na Palestina ter sido tomada em solo norte-americano, e não em Londres ou Jerusalém, demonstra o quanto os EUA se tornaram o grande centro de atividades políticas do sionismo.²⁵³

Quando o governo britânico se recusou a acatar a recomendação de transferir 100 mil refugiados judeus da Europa para a Palestina em 1946, uma crise foi desencadeada na ONU, cujo comitê recomendou a conclusão do mandato britânico e a formação de dois Estados independentes na Palestina, um judeu e outro árabe, o que foi subscrito pela assembleia de 29 de novembro de 1947. Entretanto, os países árabes opuseram-se à repartição da Palestina, os britânicos recusaram-se a efetivar a decisão, e os judeus decidiram estabelecer seu próprio Estado, declarando a independência em 14 de maio de 1948.²⁵⁴ Apenas 11 minutos depois da declaração de independência, os EUA, sob presidência de Harry Truman, reconheceram a soberania do Estado de Israel.²⁵⁵ A iniciativa teve apoio entusiasmado de judeus ao redor do mundo e o novo país ganhou cadeira na ONU em maio de 1949.

Desde então, Israel recebeu imigrantes judeus do mundo inteiro, sendo que, nos anos 1950, os árabes já eram minoria por causa do êxodo de mais de 800 mil muçulmanos, expulsos pelo medo ou pela guerra.²⁵⁶ A unificação da população, uma amálgama de culturas judaicas do mundo inteiro, ocorreu pela educação nacionalista, pela luta contra a hostilidade árabe e pela língua, uma vez que o hebraico foi ensinado por voluntários aos imigrantes judeus recém-chegados.²⁵⁷ A participação israelense na Guerra do Suez em 1956, durante o conflito da França e do Reino Unido com o Egito (em razão da nacionalização do Canal de Suez), fez com que o Estado de Israel aproximasse relações com as potências ocidentais, mas estremecesse

²⁵³ LANGE, 2007, p. 71-73.

²⁵⁴ LANGE, 2007, p. 73.

²⁵⁵ WILKINSON, 2007, p. 229.

²⁵⁶ CROUZET, 1958, p. 96.

²⁵⁷ CROUZET, 1958, p. 97-98.

ainda mais a política com os países árabes. O resultado de longo prazo foi a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando uma coalisão árabe, liderada pelo Egito, foi vencida por Israel de forma espetacular, ocasião em que os israelenses passaram a controlar Jerusalém e ocuparam territórios antes destinados aos árabes em uma situação que permanece indefinida até hoje.²⁵⁸

A independência e a vitória na Guerra dos Seis Dias podem ser considerados os momentos-chave da criação e consolidação do Estado de Israel, ao mesmo tempo em que representaram a ascensão dos EUA como a nova potência protestante apoiadora do sionismo. Esses acontecimentos serviram de estopim para o crescimento e popularização do dispensacionalismo entre os norte-americanos.

2.3.2 Os sionistas cristãos no universo protestante norte-americano

O apoio dos protestantes norte-americanos começou antes da formação do Estado de Israel, ainda nos primórdios do movimento sionista internacional. Dentre os teólogos dispensacionalistas anteriormente mencionados, alguns emergiram como ativos defensores do movimento de judeus em seu retorno à Palestina. William Blackstone, o evangelista dispensacionalista acima tratado, pode ser considerado o primeiro lobista sionista cristão.²⁵⁹ Em 1889, visitou os assentamentos sionistas na Palestina e ficou impressionado, vendo-os como sinais dos tempos.²⁶⁰ Sua primeira ação política concreta em favor dos judeus foi em 1891, quando levantou assinaturas de 413 proeminentes americanos (congressistas, governadores, prefeitos, editores, clérigos e empresários) para defender a imigração dos judeus perseguidos nos *progroms* russos para a Palestina. Essa petição foi enviada para o presidente Benjamin Harrison e depois publicada em jornais, causando grande discussão e interesse pela causa judaica como um todo, embora não tivesse resultado concreto junto ao governo.²⁶¹ Blackstone criou o mito fundador do sionismo cristão na América: de que Estado norte-americano deve desempenhar o papel que Ciro teve na restauração dos judeus a Sião, pois Deus escolheu o país dos puritanos pela sua superioridade.

²⁵⁸ LANGE, 2007, p. 76.

²⁵⁹ SALLEH, Mohd Afandi; ABU-HUSSIN, Mohd Fauzi. The American Christians and the State of Israel. *Journal for the Study of Religions and ideologies*, vol. 12, n. 34, p. 152-172, 2013. Disponível em: <<http://jsri.ro/ojs/index.php/jsri/article/view/628>>. Acesso em: 12 ago. 2017. p. 158.

²⁶⁰ ARIEL, 2006, p. 77.

²⁶¹ ICE, 2009, p. 18.

dade moral, eleição essa que implica em um julgamento conforme o cumprimento da grandiosa missão. Segundo Yaakov Ariel, foi essa teoria que permitiu aos norte-americanos combinarem a crença messiânica com a história no seu senso de patriotismo.²⁶² A Declaração Balfour, britânica, foi saudada nos EUA em 1917 como indicação de que a volta de Cristo estava sendo preparada, alegria que tomou conta das conferências proféticas realizadas na Filadélfia e em New York em 1918.²⁶³

Três décadas mais tarde, no contexto da Segunda Guerra Mundial, os dispensacionalistas viram o Holocausto como o cumprimento da suposta profecia sobre o sofrimento dos judeus, ao mesmo tempo em que os considerava um povo indestrutível. Mas não realizaram ações concretas; apenas oravam para que judeus se convertessem, o que não aconteceu.²⁶⁴ Por outro lado, o interesse de salvaguardar os direitos de judeus à emigração para a Palestina foi iniciativa de líderes cristãos oriundos do liberalismo teológico, os quais patrocinaram o refúgio de mais de 250 mil judeus na América. Em 1942, o *Conselho Cristão sobre a Palestina*²⁶⁵ advogou o direito dos judeus de estabelecerem seu próprio Estado. Um dos mais famosos militantes do CCP foi o teólogo Reinhold Niebuhr (1892-1971), o qual defendia o estabelecimento de um Estado judeu por motivos humanitários. Em 1946, o CCP fundiu-se ao *Comitê Americano Cristão Palestino*,²⁶⁶ contando com o apoio de figuras públicas e mais de 15 mil cristãos, os quais continuaram apoiando a causa sionista e fazendo *lobby* junto ao congresso.²⁶⁷

Com a solução do problema judeu em 1948, por ocasião da criação do Estado de Israel, ficou uma situação estranha para os dispensacionalistas: Jerusalém estava então dividida entre judeus e árabes jordanianos, enquanto o Estado judaico ocupava uma pequena parcela da terra que se esperava. Além disso, tratava-se de um governo laico, na “incredulidade” (ou seja, não crendo em Jesus como o Messias).²⁶⁸ Mas a situação ambígua foi vista como o começo da restauração final, gerando entusiasmo entre os dispensacionalistas, manifestado na publicação de muitos

²⁶² ARIEL, 2006, p. 77-78.

²⁶³ ARIEL, 2006, p. 79.

²⁶⁴ WEBER, 2004, p. 147-148.

²⁶⁵ Orig.: “*Christian Council on Palestine*”.

²⁶⁶ Orig.: “*American Christian Palestine Committee*”.

²⁶⁷ SALLEH e ABU-HUSSIN, 2013, p. 161-162.

²⁶⁸ WEBER, 2004, p. 173.

artigos simpáticos à causa judaica logo após a independência. A imigração dos anos 1950 também era vista como indicação clara da proximidade do fim dos tempos.²⁶⁹

Mas Cristo não voltou, e a situação de Israel continuava semelhante à de sua independência. Por isso, a Guerra dos Seis Dias (1967) atraiu tanta atenção. A repentina ampliação do território nacional, bem como a conquista do setor Oriental de Jerusalém, foram entendidas como um claro cumprimento da profecia. Logo em seguida, em 1970, Hal Lindsey lançava “*A agonia do grande planeta terra*”, marcando a década em que os dispensacionalistas abandonaram a observação da história para entrar em ação e fazer sua parte no cumprimento das profecias. Lindsey tomou as ideias de seu livro e contatou militares da Escola Superior de Guerra Aérea e do Pentágono para apresentar sua análise do Oriente Médio e do que considerava uma iminente Terceira Guerra Mundial. Apesar de não ter sido levado a sério, o acesso que ele teve a tais grupos é revelador da capacidade de aproximação política dos protestantes norte-americanos.²⁷⁰ O livro *Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final* é exemplar de como Lindsey mistura política e profecia em suas análises, convocando os cristãos a agirem na preparação para o Armagedom:

Precisamos colocar no governo indivíduos atuantes que não só irão refletir a moral bíblica em suas funções, mas também moldarão a política interna e externa de modo a proteger nosso país e nossa maneira de viver. É necessário eleger homens e mulheres que tenham coragem bastante para tomar as difíceis decisões exigidas no sentido de assegurar a sobrevivência de nosso povo. Eles devem estar dispostos a cortar as ostentações do governo, a impedir a exploração do sistema de bem-estar social, a manter nossos compromissos com os nossos aliados e a lutar contra a expansão comunista. Precisamos de pessoas que percebam a importância de uma poderosa força militar a fim de manter a paz para nós e para o que resta do mundo livre.²⁷¹

Nesse excerto de Lindsey estão presentes os ingredientes da direita cristã conservadora norte-americana: moralismo, “modo americano de viver” (leia-se liberalismo), Estado mínimo, anticomunismo e armamentismo – exatamente no início da década que elegeria Ronald Reagan para a Casa Branca. Outro nome importante a ser citado é Jerry Falwell (1933-2007), exemplo dos grandes tele-evangelistas norte-americanos da segunda metade do século XX. Ele era pastor batista e se tornou,

²⁶⁹ ARIEL, 2006, p. 80.

²⁷⁰ WEBER, 2004, p. 196-197.

²⁷¹ LINDSEY, 1982, p. 137.

depois da Guerra dos Seis Dias, um ávido defensor de Israel.²⁷² Estabeleceu laços políticos tais que veio a receber a medalha *Vladimir Jabotinsky*, concedida pelo governo israelense a quem realiza algo notável em favor do povo judeu. Falwell utilizou suas relações eclesiásticas e políticas durante as décadas de 1980 e 1990 para patrocinar viagens à Palestina, construindo fortes laços entre o povo norte-americano e israelense. As excursões pouco tinham a ver com a vida de Cristo ou a história bíblica; tratavam principalmente dos direitos de Israel e do conflito contra os árabes palestinos, tomando exclusivamente o lado dos israelenses e considerando os outros como obstáculos aos propósitos divinos.²⁷³

Segundo Yaakov Ariel, os evangélicos conservadores foram os mais ardentes adeptos de Israel entre 1970 e 2000. Os sionistas cristãos promoveram políticas favoráveis ao Estado de Israel, redundando em um maciço apoio norte-americano, que se traduziu em dinheiro, armas e diplomacia diante da oposição árabe. Para os sionistas cristãos, era o cumprimento do papel histórico do povo norte-americano – o que coincidia com os interesses políticos e econômicos dos EUA.²⁷⁴

2.3.3 A influência protestante na política externa norte-americana

Como o que acontecera na Grã-Bretanha no início do século XX, também nos EUA registra-se a presença de protestantes conservadores em cargos da política externa. A primeira figura eminente a ter uma ação concreta na relação com Israel foi com o presidente Truman, ao reconhecer o Estado de Israel logo após a declaração de independência em 1948, apesar do conselho contrário do seu departamento de Estado. Harry Truman (1884-1972) nasceu em uma tradicional família batista e leu a Bíblia várias vezes durante sua juventude. Também acreditava que Deus o havia alçado a uma posição relevante para promover a paz no mundo. Segundo Thomas Ice, embora Truman não tivesse maiores preocupações teológicas, nem defendesse abertamente o pré-milenismo, sua ética uniu a simpatia pelo povo da Bíblia com a preocupação humanitária pelos perseguidos.²⁷⁵ Ao ser apresentado por um amigo judeu a um grupo de professores, anos depois de ter saído da presidência, o

²⁷² SIZER, 2004, p. 90.

²⁷³ WEBER, 2004, p. 218-219.

²⁷⁴ ARIEL, 2006, p. 81-82.

²⁷⁵ ICE, 2009, p. 19.

próprio Truman teria dito que era Ciro, o estadista que ajudou a repatriar Israel. Ice corrobora com entusiasmo a opinião do ex-presidente:

Parece, para a minha mente evangélica, informada biblicamente, que Deus criou Harry S. Truman e colocou-o na Casa Branca com o objetivo de fornecer um agente humano chave através do qual Ele usou, como fez com Ciro séculos atrás, para restaurar Israel à sua terra.²⁷⁶

Com Ronald Reagan (1911-2004), presidente de 1981 a 1989, os dispensacionalistas encontraram um acesso ao poder sem precedentes. Reagan fora impactado pela leitura do livro de Lindsey, e em numerosas ocasiões, em sua campanha presidencial de 1980, mencionou que poderia fazer parte da geração que veria o Armagedom.²⁷⁷ Não há como aferir se as crenças dispensacionalistas influenciaram diretamente a política externa norte-americana, mas certamente elas criaram certa passividade popular ante a corrida armamentista da Guerra Fria e as falhas nas conversações de paz na Palestina. As crises que pudessem levar a uma guerra nuclear eram vistas como a decadência inevitável, mas ninguém queria ver bombas nucleares caindo em sua terra. Neste sentido, o governo de Reagan estava de acordo com os conselhos de Lindsey e as expectativas dos dispensacionalistas mais fervorosos.²⁷⁸

O presidente George Herbert Walker Bush (1924-), próximo aos protestantes, manteve a política amigável em relação a Israel. Bill Clinton (1946-) diminuiu o apoio, embora seja batista, mas George Walker Bush (1946-) retomou fortemente o sentimento protestante pró-Israel.²⁷⁹ No governo de Barack Obama II (1961-), o apoio diminuiu sensivelmente, mas com o presbiteriano²⁸⁰ Donald John Trump (1946-) as relações americano-israelenses retomaram sua proximidade histórica, como demonstra a recente retirada norte-americana da UNESCO em apoio a Isra-

²⁷⁶ Orig.: *"It appears to my biblically informed, evangelical mind that God raised-up Harry S. Truman and put him in the White House for the purpose of providing a key human agent through whom He used, as He did Cyrus centuries ago, to restore Israel to her land."* ICE, 2009, p. 21.

²⁷⁷ SIZER, 2004, p. 86-88.

²⁷⁸ WEBER, 2004, p. 203.

²⁷⁹ ARIEL, 2006, p. 82.

²⁸⁰ CAVIGLIA, Dolores. *Qual é a religião de Trump?* Disponível em:

<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WBfrWKeCbpEJ:https://oglobo.globo.com/mundo/qual-a-religiao-de-trump-21385557+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

el.²⁸¹ O reconhecimento oficial de Jerusalém como capital israelense, reforçado pelo projeto de transferir a embaixada norte-americana para a cidade de Davi, confirma a retomada da parceria.²⁸² Evidentemente, não é possível medir as razões teológicas da decisão de Trump, e as motivações políticas ou econômicas – tanto internas como externas – estão inseridas em um contexto abrangente e complexo. O fato concreto, que interessa a essa pesquisa, é a repercussão da decisão em meio protestante conservador. Muitos líderes de igrejas e comunicadores de massa vinculam a decisão de Trump aos eventos da volta de Cristo.²⁸³

Com esta decisão, a tensão voltou a crescer (ainda mais) no Oriente Próximo. Em um contexto no qual o cristianismo vive um conflito crescente com o islamismo, os fundamentalismos se exacerbam em ambos os lados, como o teólogo Jürgen Moltmann já previa no início dos anos 1990:

O pior que pode acontecer a este tipo de identidade negativa é o desaparecimento do “inimigo” em relação ao qual ela havia se definido. Por isso o fundamentalismo anticomunista entrou em profunda crise de orientação desde a desintegração do marxismo soviético. Quem é agora o inimigo? Pelo fato de ser impossível a definição da identidade sem a imagem do inimigo, este precisa ser encontrado: uns o encontrarão no liberalismo e materialismo do “mundo ocidental”, outros o acharão na superpotência econômica do Japão; e ambos o encontrarão no islamismo e, respectivamente, no cristianismo.²⁸⁴

Este é outro ingrediente explosivo que entra na equação desse relacionamento: o conflito com o Islã. Israel é o aliado histórico dos cristãos protestantes ocidentais, e os acompanhará até o fim do mundo – ou pelo menos até o arrebatamento, para os dispensacionalistas dos EUA.

²⁸¹ POZZI, Sandro; AYUSO, Silvia. *EUA decidem se retirar de novo da Unesco por seu “viés anti-Israel”*. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507814408_360787.html>. Acesso em: 29 nov. 2017.

²⁸² BORGER, Julian; BEAUMONT, Peter. *Defiant Donald Trump confirms US will recognise Jerusalem as capital of Israel*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2017/dec/06/donald-trump-us-jerusalem-israel-capital>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

²⁸³ Apenas para citar um exemplo entre muitos, esta foi a conclusão do pastor David Reagan, fundador do ministério profético *Lion and Lamb* (Leão e Cordeiro). Para mais detalhes, ver CHRISTIAN TODAY. *Second coming of Christ nearer after Trump’s decision on Jerusalem, claims US pastor*. Disponível em:

<<https://www.christiantoday.com/article/second.coming.of.christ.nearer.after.trumps.decision.on.jerusalem.claims.us.pastor/120815.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

²⁸⁴ MOLTSMANN, 1992-1993, p. 146.

2.3.4 O ativismo político das organizações sionistas cristãs

Os protestantes liberais norte-americanos foram simpáticos ao Estado de Israel no início, mas passaram a uma posição crítica após a ocupação israelense de territórios palestinos em 1967. Logo após a Guerra dos Seis Dias, o governo israelense enviou Yona Malachy para observar o protestantismo americano, o qual concluiu o quão os fundamentalistas eram radicalmente amigáveis a Israel. Com isso, o governo israelense começou a focar nos dispensacionalistas norte-americanos, exatamente no momento em que o conservadorismo estava ascendendo politicamente na nova direita cristã. A estratégia foi de duplo apoio: às viagens bíblicas a Israel e às iniciativas politicamente engajadas entre os cristãos conservadores.²⁸⁵ As viagens bíblicas tornaram-se, nas décadas seguintes e até hoje, uma verdadeira “febre” entre os protestantes conservadores, e importante fonte de apoio político angariado junto a uma legião de promotores deste “culto a lugares sagrados”.

Foi a partir das décadas de 1970 e 1980 que os protestantes engajaram-se politicamente na causa do Estado de Israel. Um dos principais articuladores foi o sionista cristão George Douglas Young (1910-1980), criador do *Instituto Americano de Estudos da Terra Santa*,²⁸⁶ que se mudou dos EUA para Jerusalém em 1963.²⁸⁷ Embora ele tenha partido dos princípios dispensacionalistas, cobrava uma ação mais efetiva e engajada em prol de Israel. Por isso, limitou o foco na profecia e rejeitou a evangelização dos judeus, ganhando a simpatia das autoridades israelenses e acesso a elas.²⁸⁸ Essa proximidade levou Young a propor-lhes a *Conferência sobre Profecia Bíblica de Jerusalém*,²⁸⁹ a qual reuniu quase 1.500 evangélicos em Jerusalém de 15 a 18 de junho de 1971, a maioria dos EUA e da Europa Ocidental. Ele não conseguiu o apoio imaginado, pois a questão teológica permaneceu dividida.²⁹⁰ Realizou uma nova conferência em 1978, o *Congresso Internacional para a Paz de Je-*

²⁸⁵ WEBER, 2004, p. 220-221.

²⁸⁶ Orig.: “*American Institute of Holy Land Studies*”.

²⁸⁷ Este instituto hoje é chamado *Jerusalem University College*. JERUSALEM UNIVERSITY COLLEGE. Institute of Holy Land Studies. Disponível em: <<https://www.juc.edu/>>. Acesso em 14 dez. 2017.

²⁸⁸ HUMMEL, Daniel G. A “Practical Outlet” to Premillennial Faith: G. Douglas Young and the Evolution of Christian Zionist Activism in Israel. *Religion and American Culture: A Journal of Interpretation*, Vol. 25, Issue 1, p. 37–81, 2015. Disponível em: <<http://rac.ucpress.edu/content/25/1/37>>. Acesso em 13 dez. 2017. p. 39-40.

²⁸⁹ Orig.: “*Jerusalem Conference on Biblical Prophecy*”.

²⁹⁰ HUMMEL, 2015, p. 57-58.

rusalém,²⁹¹ evitando evangélicos que não apresentassem apoio incondicional a Israel, e tendo entre os preletores judeus o primeiro-ministro Menachem Begin. A conferência terminou com a criação da *Internacional Cristã por Israel*,²⁹² incorporando as ideias sionistas incondicionais de Young.²⁹³

Em 1980, o parlamento israelense declarou Jerusalém como a eterna e indivisível capital de Israel, o que levou 30 embaixadas a se mudarem para Tel Aviv, temendo o embargo do petróleo árabe. Em resposta, cristãos de 23 países estabeleceram sua “embaixada” em Jerusalém, em solidariedade ao Estado de Israel, inspirados pelo texto de Isaías 40.1-2: “Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que seu serviço será cumprido, que sua iniquidade foi expiada, que ela recebeu da mão de lahweh paga dobrada por todos os seus pecados”.²⁹⁴ Assim, foi criada a *Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém*²⁹⁵ em 30 de setembro de 1980.²⁹⁶ Entre as suas atividades estão a promoção do apoio a Israel entre protestantes, programas filantrópicos a judeus e promoção da Festa dos Tabernáculos em Jerusalém – que reúne cristãos para declarar seu apoio e buscar sua bênção.²⁹⁷ A ICEJ possui 100 mil membros em 140 países.²⁹⁸

Muitas outras organizações para-eclésiásticas foram fundadas com o propósito de apoiar o Estado de Israel. Estas são algumas: 1) *Bridges for Peace* (Pontes para a Paz, criada em 1976), encorajou judeus da União Soviética a emigrarem para Israel; mantém sua base em Jerusalém, promovendo engajamento de cristãos pela segurança de Israel.²⁹⁹ 2) *Jews for Jesus* (Judeus para Jesus, 1973) foi criada por um pastor batista judeu com foco na evangelização de judeus por judeus messiâni-

²⁹¹ Orig.: “*The International Congress for the Peace of Jerusalem*”.

²⁹² Orig.: “*International Christians for Israel*”.

²⁹³ HUMMEL, 2015, p. 67.

²⁹⁴ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

²⁹⁵ Orig.: “*International Christian Embassy Jerusalem*”.

²⁹⁶ WILKINSON, 2007, p. 45.

²⁹⁷ ARIEL, 2006, p. 84-85. Para saber mais sobre a Festa dos Tabernáculos, promovida pela ICEJ, ver FEAST OF TABERNACLES. Disponível em: <<https://feast.icej.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

²⁹⁸ SIZER, 2004, p. 101. Para conhecer melhor a missão, ver: INTERNATIONAL CHRISTIAN EMBASSY JERUSALEM. Disponível em: <<https://int.icej.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

²⁹⁹ Conforme visão publicada no site da missão: BRIDGES FOR PEACE. Disponível em: <<https://www.bridgesforpeace.com/>>. Acesso em 30 nov. 2017.

cos.³⁰⁰ 3) *Christian Friends of Israel* (Amigos Cristãos de Israel, 1985) insiste na necessidade dos cristãos de estarem incondicionalmente ao lado de Israel, não importando a fé dos judeus.³⁰¹ 4) *National Christian Leadership Conference for Israel* (Conferência Nacional de Liderança Cristã para Israel, 1978) foi criada para influenciar a opinião pública norte-americana.³⁰² 5) *Christians for Israel* (Cristãos por Israel, 1979) pauta suas atividades em ações humanitárias para judeus, publica artigos pró-Israel e anti-Palestina.³⁰³ 6) *Unity Coalition for Israel* (Coalisão Unida por Israel, 1991), missão judaico-cristã de apoio a Israel, contou com palestras do primeiro ministro Benjamin Netanyahu em 1998 e trabalhou o *lobby* contra a negociação israelense com Yasser Arafat.³⁰⁴ 7) *Christian Friends of Israeli Communities* (Amigos Cristãos de Comunidades Israelenses, 1995) auxiliou 220 mil judeus que estabeleceram colônias nos territórios palestinos ocupados, vinculando-os a cerca de 40 igrejas norte-americanas.³⁰⁵ 8) *International Fellowship of Christians and Jews* (Fraternidade Internacional de Cristãos e Judeus, 1983), criada pelo rabino ortodoxo Yechiel Eckstein, trabalha para o diálogo entre cristãos e judeus com o objetivo de financiar projetos como os programas *Wings of Eagles* (Asas de Águias), de transporte para judeus emigrantes da URSS e Etiópia, e a iniciativa *Stand for Israel* (Apoio para Israel), projeto de apoio político.³⁰⁶ 9) Há ainda a *Christians United for Israel* (Cristãos Unidos por Israel, 2006), auto intitulada maior organização cristã pró-Israel nos EUA, com foco na educação dos cristãos em uma estratégia “similar às das forças de defesa de Israel”, atacando o “inimigo” com velocidade, desenvoltura e inovação.³⁰⁷

³⁰⁰ SIZER, 2004, p. 99. Para conhecer melhor a missão, ver JEWS FOR JESUS. Disponível em: <<https://jewsforjesus.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰¹ SIZER, 2004, p. 103. Para conhecer melhor a missão, ver CHRISTIAN FRIENDS OF ISRAEL. Disponível em: <<http://cfjjerusalem.org/web/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰² WEBER, 2004, p. 222. Para conhecer melhor a missão, ver NATIONAL CHRISTIAN LEADERSHIP CONFERENCE FOR ISRAEL. Disponível em: <<https://www.nclci.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰³ WEBER, 2004, p. 222-223. Para conhecer melhor a missão, ver CHRISTIANS FOR ISRAEL. Disponível em: <<http://www.c4israel.org/c4i/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰⁴ WEBER, 2004, p. 222-223. Para conhecer melhor a missão, ver UNITY COALITION FOR ISRAEL. Disponível em: <<https://unitycoalitionforisrael.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰⁵ WEBER, 2004, p. 225-226. Para conhecer melhor a missão, ver CHRISTIAN FRIENDS OF ISRAELI COMMUNITIES. Disponível em: <<https://www.cfoic.com/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰⁶ WEBER, 2004, p. 229-230. Para conhecer melhor a missão, ver INTERNATIONAL FELLOWSHIP OF CHRISTIANS AND JEWS. Disponível em: <<http://www.ifcj.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³⁰⁷ CHRISTIANS UNITED FOR ISRAEL. *About us*. Disponível em: <<https://www.cufi.org/impact/about-us/mission-and-vision/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Algumas destas organizações têm sido criticadas por teólogos dispensacionistas por adotarem uma abordagem não-evangelística para com judeus, como foi proposto por G. Douglas Young. Para Wilkinson, por exemplo, o verdadeiro apoio ao sionismo deve sempre ter foco evangelístico.³⁰⁸ De qualquer maneira, sendo evangelístico ou não, estar ao lado do Estado de Israel acaba sendo premissa que todos compartilham, independente da motivação.

O sionismo cristão tornou-se, portanto, cada vez mais politizado, vinculado a disputas contemporâneas do Estado de Israel. Mas o perigo se torna maior quando o conflito se refere ao controle do Monte do Templo, onde estão, desde o século VII, a mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha. O esquema dispensacionalista prevê que o templo será reconstruído em Jerusalém antes do fim, pois o Anticristo deverá entrar nele durante a Grande Tribulação e declarar-se deus. O problema é que o terreno está ocupado pelo terceiro lugar mais sagrado do Islã, o *Domo da Rocha*.³⁰⁹ Como qualquer menção a uma reconstrução de um templo judaico neste local é inaceitável para a comunidade muçulmana mundial, não se permite sequer investigação arqueológica. Há temor porque houve algumas tentativas de destruição da cúpula e da mesquita desde a retomada do controle de Jerusalém por Israel.³¹⁰ Um exemplo dessa perigosa iniciativa está no movimento judeu conhecido como *Temple Mount Faithful*,³¹¹ fundado em 1981 por Gershon Salomon e considerado como um grupo de fanáticos pela maioria dos israelenses.³¹² Esse grupo radical ganha apoio no meio de dispensacionistas norte-americanos, como é o caso da missão de mulheres chamada *Batalhão de Débora*, as quais operam por meio de conferências, simpósios, viagens, notícias e *lobby* junto ao Congresso para apoiar Israel.³¹³

A maioria dos dispensacionistas vê a existência do atual Estado de Israel como um ato de providência divina para preservar o povo judeu, embora não necessariamente como uma profecia cumprida do reino milenar – como sustenta o teólogo

³⁰⁸ WILKINSON, 2007, p. 46.

³⁰⁹ WEBER, 2004, p. 250.

³¹⁰ WEBER, 2004, p. 253-255.

³¹¹ Para saber mais sobre o grupo, ver TEMPLE MOUNT & LAND OF ISRAEL FAITHFUL MOVEMENT. Disponível em: <<http://www.templemountfaithful.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

³¹² WEBER, 2004, p. 257.

³¹³ Orig.: "*Battalion of Deborah*". WEBER, 2004, p. 259-260. Para saber mais sobre a missão, ver BATTALION OF DEBORAH. Disponível em: <<http://www.battalionofdeborah.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

dispensacionalista Michel Pocock. Ele critica as posições triunfalistas e apocalípticas de Hal Lindsey e Tim LaHaye, por exemplo, que seriam uma consequência não intencional dos primeiros pré-milenistas.³¹⁴ Há, portanto, críticas dentro do próprio movimento. Mas permanece o fato de que muitos cristãos influenciados por essas ideias se emocionam ao ver acontecimentos históricos se encaixando na sua interpretação, mesmo que isso envolva terrorismo ou guerra santa, como conclui Timothy Weber.³¹⁵ Outros, como Wilkinson, são entusiastas da nova situação:

O dispensacionalismo tem perdurado nos Estados Unidos porque 'foi capaz de criar uma nova subcultura' entre os líderes evangélicos, que ficaram contentes em adotar a escatologia de Darby, mantendo-se dentro de suas próprias estruturas denominacionais. Tais homens fundaram faculdades bíblicas, institutos e seminários teológicos que "expuseram o pré-tribulacionismo dispensacional" e assentaram uma firme fundação sionista cristã dentro da igreja evangélica americana.³¹⁶

Esse sucesso impulsionou o segundo momento da doutrina: quando ela passou a ser a base para a ação política concreta e incondicional em prol do Estado de Israel. É no sentido fundamentalista, para-eclesiástico, sensacionalista e engajado que pode-se situar o sucesso do dispensacionalismo e sua absorção pelo sionismo cristão nos EUA e para além dele: chegou na América Latina e no Brasil – tema do próximo capítulo desta dissertação.

³¹⁴ POCOCK, 2009, p. 131.

³¹⁵ WEBER, 2004, p. 261.

³¹⁶ Orig.: "*Dispensationalism has endured in the United States because 'it was able to create a new subculture' among Evangelical leaders who were happy to adopt Darby's eschatology, while remaining within their own denominational structures. Such men founded Bible colleges, institutes, and theological seminaries which 'expounded dispensational pretribulationism' and laid a firm Christian Zionist foundation within the American Evangelical Church.*" WILKINSON, 2007, p. 258.

3. A INFLUÊNCIA DO SIONISMO CRISTÃO NA CULTURA PROTESTANTE BRASILEIRA

O primeiro capítulo dessa dissertação descreveu a gênese do sionismo cristão no contexto do Império Britânico, mesmo local e temporalidade em que foi desenvolvida a visão escatológica pré-milenista do dispensacionalismo. Esta doutrina foi introduzida nos EUA por John Nelson Darby depois de 1860, onde encontrou um contexto amigável às suas proposições, ganhando impulso após a criação do Estado de Israel e a Guerra dos Seis Dias, popularizando-se e identificando-se com o sionismo cristão a tal ponto de alguns de seus proponentes defenderem que apenas eles são os “verdadeiros sionistas cristãos”. Este capítulo verificará como o sionismo cristão, entrelaçado ao dispensacionalismo, traçou o caminho dos EUA em direção ao Brasil e como conquistou também boa parte da cultura protestante brasileira.

3.1 As raízes históricas do protestantismo brasileiro

O cristianismo teve origem no Brasil dentro do contexto da expansão do capitalismo mercantil, iniciado com a chegada dos portugueses e do cristianismo ibérico, desenvolvendo-se com populações oprimidas de “indígenas, escravos africanos, crioulos, degredados e camponeses”.³¹⁷ No caso do protestantismo, houve duas tentativas de penetração antes das missões do século XIX. A primeira foi oriunda dos huguenotes (calvinistas franceses), que celebraram o primeiro culto protestante na baía da Guanabara em 1557, mas acabaram expulsos. O segundo empreendimento foi dos calvinistas holandeses, quando invadiram Pernambuco, em 1628, e estabeleceram uma colônia. Seus pastores dedicaram-se à evangelização no Nordeste, mas o controle da Holanda durou somente até 1654. Ambas as tentativas foram frustradas pelo poder ibérico, que não admitiria ali outra modalidade de cristianismo.³¹⁸

Portanto, o catolicismo firmou-se isolado no Brasil durante três séculos. A abertura aos imigrantes, a partir de 1824, questionaria esta posição e implicaria no

³¹⁷ DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. p. 327.

³¹⁸ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003. p. 95-102.

gradativo crescimento de outras formas de cristianismo.³¹⁹ Com o advento da República (1889), foi decretada a separação entre Igreja e Estado, resultando na liberdade de culto, o que fez com que o catolicismo precisasse disputar espaços com os protestantismos que chegavam. Com as repercussões do Concílio Vaticano II, a partir do final dos anos 1960, o diálogo com o protestantismo se ampliou, exatamente quando este começou a crescer, principalmente pelos pentecostais.³²⁰

3.1.1 Os diversos rostos do protestantismo brasileiro

O protestantismo não é simples de definir, justamente pelo caráter múltiplo e fragmentário, ampliado no último século. Antonio Gouvêa Mendonça o limita às igrejas que se originaram da Reforma, nas denominações luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, e que fariam parte historicamente do movimento reformador. Estas denominações, também segundo o pesquisador, jamais se identificaram com a cultura brasileira, e continuaram “sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e independência teológica”, razão pela qual ele prefere tratar de um “protestantismo no Brasil”, nunca em um “protestantismo brasileiro”.³²¹ Já o teólogo José Miguez Bonino trata em termos mais amplos, descrevendo o protestantismo na América Latina com muitos “rostos”:

A imagem evocada pelo título que escolhi é ambígua: são “rostos” distintos porque se trata de diferentes sujeitos? Ou são “máscaras” de um sujeito único e, neste caso, qual é o rosto que se oculta atrás dessas máscaras? É a busca de uma resposta que me levou a procurar uma chave hermenêutica que permita reconhecer a identidade única, a diversidade real e a convivência dessa identidade em cada uma das manifestações desse sujeito que é “o protestantismo latino-americano”.³²²

Assim, Bonino analisa o protestantismo latino-americano sob algumas manifestações que são caracterizadas como: 1) *o rosto liberal*, do qual emergiria afinidade entre o projeto liberal e modernizador de setores políticos latino-americanos (sob influência dos EUA) e a entrada do protestantismo na América Latina, especialmente

³¹⁹ DREHER, 2017, p. 484-485.

³²⁰ DREHER, 2017, p. 491-496.

³²¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, set/nov 2005. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13455/15273>>. Acesso em: 19 jan. 2018. p. 51.

³²² BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002. p. 7-8.

por meio do projeto educacional missionário;³²³ 2) o *rostro evangélico*, oriundo dos missionários norte-americanos e britânicos a partir da década de 1840 e que trazem a teologia do pietismo e do Grande Despertar do século XVIII, mas com ênfase no individualismo e na experiência da conversão;³²⁴ 3) o *rostro pentecostal*, o qual foi o protestantismo que de fato atingiu as massas populares latino-americanas;³²⁵ 4) e o *rostro étnico*, um termo ambíguo para designar as igrejas originadas da imigração de comunidades protestantes para a América Latina.³²⁶ Esses “rostos” não são, na opinião do autor, situações estanques em determinadas denominações, mas eventualmente simultâneos, superpostos, ou mesmo em confronto.³²⁷

Esses rostos que Bonino percebe na América Latina aparecem de forma semelhante nas divisões propostas por Antonio Mendonça, Prócoro Velasques Filho³²⁸ e Zwinglio Dias.³²⁹ Para esses pesquisadores, o protestantismo é classificado em três grandes blocos: o *protestantismo de imigração*, que corresponderia ao rosto étnico analisado por Bonino; o *protestantismo missionário*, que poderia ser entendido como a soma do rosto liberal e evangélico; e o *pentecostalismo* (que Mendonça reluta em chamar de protestantismo, mas Zwinglio Dias denomina como “protestantismo iluminista”), o qual abrangeria ainda seus desdobramentos do neopentecostalismo. Luiz Longuini Neto, por sua vez, apresentou um “novo rosto”, dividindo-o em dois grandes blocos: o evangélico e o ecumênico. Cada bloco forjou maneiras particulares de articular a ética social – o primeiro, optando pelo termo “missão”, enquanto o segundo distinguiu-se pela “pastoral”.³³⁰ Os evangélicos, segundo ele, são caracterizados principalmente pela fidelidade ao “ser bíblico”, um respeito pela Bíblia como regra suprema de fé e de ação eclesial,³³¹ enquanto os ecumênicos são o grande movimento de denominações históricas que tem por objetivo “a unidade dos cris-

³²³ BONINO, 2002, p. 21-22.

³²⁴ BONINO, 2002, p. 31-32.

³²⁵ BONINO, 2002, p. 53.

³²⁶ BONINO, 2002, p. 75.

³²⁷ BONINO, 2002, p. 97.

³²⁸ MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

³²⁹ DIAS, Zwinglio M. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina. *Numem: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 47-62, 2000. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/854/739>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

³³⁰ LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênicos e evangélico no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 11.

³³¹ LONGUINI NETO, 2002, p. 17-30.

tãos, a luta pela justiça e o diálogo com outras religiões”.³³² A definição de Longuini Neto seria bastante interessante para esta pesquisa se não excluísse de sua análise o movimento fundamentalista existente dentro dos dois movimentos,³³³ o que é essencial para a compreensão do fenômeno do sionismo cristão no Brasil.

Aqui, optou-se pela divisão tradicional. Segundo as classificações acima propostas, a gênese protestante foi com o **protestantismo de imigração**. Os primeiros foram os anglicanos, por ocasião dos tratados feitos entre D. João VI em 1810 com a Inglaterra.³³⁴ Mas, sem dúvida, o grupo mais representativo do protestantismo de imigração é o luterano, iniciado em 1824 com a vinda de imigrantes alemães para atuarem como soldados e agricultores, fundando a Colônia Alemã de São Leopoldo.³³⁵ As décadas em que viveram sem direito a voto, com matrimônios inválidos e proibição do uso de cemitérios públicos, por exemplo, levou o luteranismo a certo isolamento geográfico, étnico e linguístico.³³⁶ A língua alemã funcionou como elemento de integração entre os imigrantes, mas acabou separando-os da cultura brasileira, fato ampliado pela posterior relação com missionários e teólogos alemães (o que seria relativizado após os eventos da Segunda Guerra Mundial).³³⁷ Os luteranos de imigração estão organizados na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Outro grupo, norte-americano oriundo do Sínodo de Missúri, chegou ao Brasil em um projeto missionário no Rio Grande do Sul em 1900 – os quais poderiam ser classificados como igrejas de missão, dependendo do critério adotado. Eles estão organizados como Igreja Evangélica Luterana no Brasil.³³⁸

O **protestantismo missionário** teve o início de sua atividade no Brasil a partir de 1810, com o surgimento do *Conselho Americano de Comissários para Mis-*

³³² LONGUINI NETO, 2002, p. 39.

³³³ Como o próprio autor afirma em LONGUINI NETO, 2002, p. 68.

³³⁴ MENDONÇA, 2005, p. 53.

³³⁵ DREHER, 2017, p. 484.

³³⁶ DREHER, 2017, p. 504.

³³⁷ WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, 105-125, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/222/230>>. Acesso em: 23 jan. 2018. p. 117-118.

³³⁸ FERREIRA, 2013, p. 229-230. É preciso sempre recordar que estas divisões respondem a “tipos” bastante delimitados, aos quais a realidade teima a se enquadrar. Há igrejas de perfil étnico entre diversas outras denominações, como os batistas alemães do Sul, por exemplo. Além disso, há igrejas luteranas livres que não integram nem IECLB ou IELB. As divisões aqui expostas procuram compreender os tipos de igrejas que compõe os muitos rostos do protestantismo brasileiro.

sões Estrangeiras,³³⁹ seguida de outras agências missionárias de batistas, metodistas, episcopais, presbiterianas. Em 1893 foi fundada a *Conferência de Missões Externas da América do Norte*,³⁴⁰ seguindo a evangelização conversionista, redundando em um protestantismo de conversão e voluntário.³⁴¹ Um grupo confederado norte-americano chegou à região de Santa Bárbara d'Oeste (SP) após a Guerra Civil Americana (1861-1865), procedente de igrejas presbiterianas, metodistas e batistas.³⁴² O trabalho missionário congregacional começou no Rio de Janeiro em 1855, resultando em três denominações congregacionais. O trabalho presbiteriano iniciou em 1859 e resultou em 17 denominações presbiterianas e renovadas. Os metodistas chegaram em 1835, mas interromperam as missões em 1841, retomando-as a partir de 1867, havendo hoje quatro denominações metodistas.³⁴³ Batistas fundaram a primeira igreja em Santa Bárbara d'Oeste em 1871,³⁴⁴ mas o trabalho começou oficialmente em 1881 com a chegada dos missionários norte-americanos,³⁴⁵ e estão divididos em nove denominações.³⁴⁶ Para Leonildo Campos, o protestantismo missionário se definiu pelo contraste com o catolicismo, como um conflito entre opostos: a cultura já instaurada no Brasil, com uma amálgama de elementos indígenas, africanos e católicos ibéricos; e a cultura protestante, oriunda do eixo anglo-saxão, que procurou negar o que aqui existia.³⁴⁷ O confronto entre católicos e protestantes (especialmente batistas e presbiterianos) foi intenso entre 1890 e 1960, envolvendo padres, bispos, pastores e reverendos, os quais se atacavam mutuamente.³⁴⁸

O **pentecostalismo** chegou ao Brasil em 1910 por meio de dois pastores batistas, suecos de nascimento e residentes nos EUA: Gunnar Vingren (1873-1933) e Daniel Berg (1884-1963). Após sete meses entre os batistas, organizaram a *Mis-*

³³⁹ Orig.: "American Board of Commissioners for Foreign Missions".

³⁴⁰ Orig.: "Foreign Missions Conference of North America".

³⁴¹ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 31-33.

³⁴² MENDONÇA, 2005, p. 53.

³⁴³ FERREIRA, 2013, p. 230.

³⁴⁴ OLIVEIRA, Zaquie Moreira de. *Um povo chamado batista: história e princípios*. 3. ed. Recife: Kairos Editora, 2014. p.124.

³⁴⁵ OLIVEIRA, 2014, p. 128.

³⁴⁶ FERREIRA, 2013, p. 231.

³⁴⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa. *Estudos Teológicos*: São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 142-157, jan./jun. 2012. Disponível em:

<http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/284/333>. Acesso em: 19 jan. 2018. p. 143

³⁴⁸ SOUZA, Edilson Soares. *Cristãos em confronto: Brasil, 1890-1960*. Curitiba: CRV, 2014. p. 17.

são Fé Apostólica, mesmo nome da igreja fundada por Seymour em Chicago, oficializada em 1918 sob o nome de *Assembleia de Deus*.³⁴⁹ Outro grupo, pertencente ao pentecostalismo clássico, é a *Congregação Cristã*, fundada em 1910 pelo italiano, residente nos EUA, Luigi Francescon (1866-1964).³⁵⁰ Estes primeiros grupos foram definidos por Paul Freston como os “pentecostais da primeira onda”. A partir dos anos 1950 veio uma “segunda onda”, inaugurada pela *Igreja Quadrangular*, cujos métodos foram criados na Califórnia e trazidos para o Brasil, seguida de sua versão nacionalizada, a *Igreja O Brasil para Cristo*, criada em 1955.³⁵¹ A “terceira onda” ou “neopentecostalismo” iniciou no final da década de 1970 e teve como expoentes a *Igreja Universal do Reino de Deus* (1977), *Internacional da Graça de Deus* (1980) e *Igreja Mundial do Poder de Deus* (1998), *Apostólica Renascer em Cristo* (1986) e *Sara Nossa Terra* (1992).³⁵² Por ter se adequadado melhor à cultura brasileira, o pentecostalismo tornou-se o protestantismo que alcançou o coração do povo brasileiro. Mas não se trata do protestantismo idealizado, como lembra Ricardo Mariano, vinculado “à modernidade, à ciência, à secularização, ao capitalismo, à democracia, ao progresso, a virtudes éticas”, ou seja, ao protestantismo da Reforma.³⁵³ Segundo ele, no pentecostalismo clássico, a crença na segunda vinda de Cristo e na oposição entre material e espiritual marcava uma espiritualidade que rejeitava o mundo. Já a vertente neopentecostal transformou as antigas concepções em uma luta contra o Diabo que redundava em vitória e prosperidade neste mundo. Ou seja, no “crescente interesse pelas ‘coisas do mundo’, o fervor apocalíptico desses religiosos esfriou”.³⁵⁴

Os rostos do protestantismo brasileiro seguem se multiplicando. Entretanto, em todos eles há uma relação com o protestantismo norte-americano, seja esporádica, seja estreita, o que revela um rosto bastante perene, que será tratado adiante.

³⁴⁹ ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil, um país de fé: por que o maior país católico do mundo, também é o maior país pentecostal do mundo?* Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: EST/PPG, 2012. p. 48-50.

³⁵⁰ FERREIRA, 2013, p. 281.

³⁵¹ FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: Unipop, 1996. p. 20-21.

³⁵² FERREIRA, 2013, p. 282. Cabe ressaltar que Ferreira denomina essa “terceira onda” como um quarto grupo do pentecostalismo, uma vez que antes ele destaca as renovações carismáticas das denominações tradicionais, como a ocorrida entre igrejas presbiterianas, metodistas e batistas.

³⁵³ MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2153/842>>. Acesso em: 22 jan. 2018. p. 95.

³⁵⁴ MARIANO, 1999, p. 102.

3.1.2 O rosto norte-americano do protestantismo brasileiro

O sociólogo Jessé Souza, em severa crítica que faz aos intelectuais brasileiros, afirma que estes trabalham a serviço do 1% mais rico da nação, justificando a concentração de riqueza e criando uma ilusão de oposição entre Estado e mercado – isso no contexto de um mercado “concentrado e superfaturado” como o do Brasil.³⁵⁵ Tais concepções, para Souza, estariam ancoradas em uma construção intelectual que tem sua principal referência no pensamento de Gilberto Freyre (em *Casa-Grande & Senzala*, de 1933), e Sérgio Buarque de Holanda (em *Raízes do Brasil*, de 1936), resultando no conceito fundamental da intelectualidade brasileira. Este conceito é a ideia de que vivemos o confronto entre um Estado “patrimonialista”, apropriado por corruptos, e um mercado honesto e virtuoso por excelência – ambos sem ambiguidades a considerar.³⁵⁶ Esse pensamento teria dado origem ao discurso do liberalismo econômico conservador e antiestatal predominante na mídia nacional, fundado na “idealização dos Estados Unidos como uma espécie de ‘paraíso na terra’, com justiça social e igualdade de oportunidades, com o protestante pré-capitalista e, portanto, ‘mítico’, servindo de contraponto crítico da situação brasileira”.³⁵⁷ Essa idealização da sociedade norte-americana como a perfeição social possível neste mundo, e o protestantismo como arauto dessa utopia, é um dos elementos que legitimam como superior tudo o que vem dos EUA. Essa é uma característica geral da mentalidade brasileira. Ela atinge especialmente o meio protestante, como bem percebe o sociólogo Gedeon Alencar a respeito do “deslumbramento” evangélico com tudo o que vem do exterior, redundando principalmente em uma importação de estratégias eclesiais “*made in EUA*”.³⁵⁸ O primeiro aspecto do “rosto norte-americano” está, portanto, na idealização ingênua da sociedade norte-americana.

O segundo aspecto deste rosto está na própria origem eclesial da maioria das denominações brasileiras. Mesmo na exceção do luteranismo há vínculo em

³⁵⁵ SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015. p. 10.

³⁵⁶ SOUZA, 2015, p. 28-33.

³⁵⁷ SOUZA, 2015, p. 49.

³⁵⁸ ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005. p. 143.

pelo menos um de seus representantes, a IELB, que se originou do Sínodo do Mis-súri. Já o protestantismo missionário possui praticamente todas as suas vertentes como resultado de um impulso inicial norte-americano, presente entre congregacio-nais, presbiterianos, metodistas e batistas. Antonio Mendonça afirma que este pro- testantismo puritano veio para o Brasil por meio de duas ideologias: a que buscava estabelecer instituições americanas por meio da educação, e a que desejava trans- formar a sociedade pela conversão de indivíduos. Elas diferem no método, mas são espelhos da mesma ideologia: a ideia messiânica do *Destino Manifesto* de civilizar o mundo.³⁵⁹ Segundo Mendonça,

O protestantismo brasileiro segue sendo uma projeção do protestantismo norte-americano. Direta ou indiretamente, as Igrejas brasileiras, ao menos as de origem missionária, alimentam-se do ideário da religião civil norte- americana. [...] Hoje, quando movimentos neoconservadores e reformistas atingem a sociedade e as Igrejas norte-americanas, tentando recuperar anti- gos valores, as Igrejas brasileiras, na esteira desses movimentos, agitam- se na busca de valores que nunca fizeram parte da sociedade brasileira. Assim, se no passado o protestantismo brasileiro apontou para o futuro, ho- je ele aponta para o passado – aliás, um passado inexistente.³⁶⁰

Arturo Piedra concorda com uma origem norte-americana no protestantismo latino-americano, apresentando ainda outra razão, mas também atrelada ao Destino Manifesto: a *Doutrina Monroe*, um dos “motores” do nacionalismo norte-americano, que presava pela não-interferência dos europeus em assuntos das nações da Amé- rica. Isso inclui as questões religiosas, pois “os Estados Unidos e não a Europa de- vem liderar a introdução do protestantismo nesses países”.³⁶¹ O fato levantado por Piedra é que a evangelização protestante na América Latina foi frágil durante todo o século XIX e até o início do XX, especialmente porque o foco missionário estava apontado para os países “pagãos” da África e Ásia, além da tendência dos círculos teológicos liberais da Europa de respeitarem as igrejas Católica e Ortodoxa.³⁶² A Doutrina Monroe não impediu que europeus atuassem na América Latina ou no Bra- sil, mas contribuiu para que as sociedades missionárias daquele continente dessem bem menos atenção aos latino-americanos.³⁶³ Já a obra missionária de origem nor- te-americana teria um desenvolvimento mais intenso a partir da segunda década do

³⁵⁹ MENDONÇA, 1995, p. 173.

³⁶⁰ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 13.

³⁶¹ PIEDRA, 2006, p. 30.

³⁶² PIEDRA, 2006, p. 29.

³⁶³ PIEDRA, 2006, p. 33.

século XX, embora tenha sido mais uma continuidade e intensificação da prática das últimas décadas do XIX.³⁶⁴

Não é diferente com o pentecostalismo, que também teve uma de suas origens na América do Norte e encontrou no Brasil um excepcional desenvolvimento.³⁶⁵ Essa influência teria se ampliado a partir dos anos 1950, segundo Ricardo Mariano, especialmente na Assembleia de Deus, quando recebeu cada vez mais inovações teológicas e institucionais dos missionários norte-americanos que chegavam.³⁶⁶ A influência dos EUA na “primeira onda” do pentecostalismo é evidente. Já a segunda onda, como referido acima, também foi iniciada por missionários dos EUA na fundação da Igreja Quadrangular. Finalmente, a influência norte-americana no neopentecostalismo também foi profunda, especialmente por meio da importação da *Doutrina da Prosperidade*, formulada por Kenneth Hagin. Ele foi um dos muitos autores norte-americanos traduzidos no Brasil, como Thomas Lee Osborn, Frank Peretti, Don Gosset, Benny Hin, Peter Wagner e outros. Além disso, muitos brasileiros foram estudar em seminários teológicos nos EUA, e outros tantos pregadores foram trazidos ao Brasil para participar de congressos como preletores.³⁶⁷ Por isso, Mariano conclui: “Estes exemplos, não-exaustivos, são suficientes para mostrar a crescente influência e penetração de modismos teológicos e de instituições norte-americanos no pentecostalismo brasileiro recente”.³⁶⁸ David Bledsoe, ao fazer um levantamento da história do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, concorda que “o pentecostalismo brasileiro tem sido um receptor do pentecostalismo norte-americano desde seu início”, mas não sem remodelamentos.³⁶⁹ Por isso, “o movimento neopen-

³⁶⁴ Como no caso dos batistas, por exemplo. No livro *“Um povo chamado batista”*, Zaqueu Moreira de Oliveira principia apresentando a origem dos batistas na Inglaterra, sua história nos EUA e finalmente as missões norte-americanas no Brasil, seguido de seu posterior desenvolvimento, sempre ancorado às juntas da América do Norte. OLIVEIRA, 2014.

³⁶⁵ Este dado não pode ser considerado sem controvérsias: para Gedeon Alencar, as Assembleias de Deus, apesar de terem vindo dos EUA, foram trazidos por europeus, o que fez a diferença. Segundo ele, elas “não possuem qualquer ligação com o *american way of live*”, e acabaram trilhando um caminho distinto do caso norte-americano. ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismo clássico. Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus: construção e identidade. In.: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (Org.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p. 170.

³⁶⁶ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 39.

³⁶⁷ MARIANO, 1999, p. 40-41.

³⁶⁸ MARIANO, 1999, p. 41.

³⁶⁹ BLEDSOE, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro: IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 55-57.

tecostal brasileiro mostra semelhanças e interdependências com o pentecostalismo global e norte-americano. Não obstante, demonstra suas próprias peculiaridades e distinções locais”.³⁷⁰

Mas não basta verificar apenas a gênese no tempo e espaço: há que se considerar quais características se mantiveram nessa influência. Por isso, o terceiro aspecto de ligação com o protestantismo norte-americano a considerar está na coincidência na prática doutrinária e eclesial entre igrejas dos EUA e do Brasil. Tarefa simplificadora, mas necessária para sistematização. Para tanto, foram três as características levantadas nesta pesquisa, a seguir descritas.

A primeira é o **voluntarismo**. Mendonça ressalta que houve dois lados no processo missionário que aqui aportou: o institucional, no qual a mensagem foi centrada no dogmatismo doutrinário e na polêmica com o catolicismo; e o da crença do receptor, para o qual se apresentou como pietista, uma vez que a mensagem dos missionários americanos no Brasil foi derivada dos avivamentos da primeira metade do século XIX, no estilo wesleyano metodista.³⁷¹ Congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas “mantiveram o princípio geral de associação voluntária, e nem podia ser diferente”.³⁷² Mas, para Prócoro Velasques Filho, os verdadeiros e mais honrados herdeiros do avivamentismo tradicional norte-americano no Brasil foram os pentecostais, com sua tradicional ênfase no emocionalismo.³⁷³ O voluntarismo acaba produzindo certa distância entre o ensino dentro do cotidiano educacional da igreja e a crença de seus membros, muito mais abertos a influências para-eclesiais e, inclusive, de outras religiões.³⁷⁴ Essa característica do crente funciona à revelia das estruturas eclesiais; a paixão pelas Escrituras leva à busca individual do conhecimento bíblico em instâncias as mais diversas, mesmo fora da sua igreja.

A segunda, o **fundamentalismo**. Ele também se desenvolveu no ambiente brasileiro, embora não tenha produzido nenhuma obra substancial como *The Fundamentals*. No Brasil, ele pode ser verificado tanto no aspecto da afirmação, como da negação. A afirmação seria a manutenção dos fundamentos de fé, da ortodoxia

³⁷⁰ BLEDSOE, 2012, p. 58.

³⁷¹ MENDONÇA, 1995, p. 175.

³⁷² MENDONÇA, 1995 p. 190.

³⁷³ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 87.

³⁷⁴ MENDONÇA, 1995 p. 219.

protestante, que é caro a praticamente todo o movimento; a negação seria a tendência ao sectarismo, por considerar o “outro” divergente como impuro ou mesmo um “falso cristão”. Ambas as características estão presente no caso brasileiro, e se manifestam em momentos de crise.³⁷⁵ O fundamentalismo também pode ser percebido de maneira negativa no profundo sectarismo existente tanto no protestantismo missionário como no pentecostalismo, dada a grande quantidade de divisões em cada denominação. No caso pentecostal, a pulverização em diferentes vertentes é ainda maior, principalmente se for considerado o movimento neopentecostal como um desdobramento daquele. Essa tendência em julgar outras linhas teológicas como essencialmente nocivas e detratar seus defensores é comum no Brasil e, por vezes, atinge figuras respeitáveis do meio protestante.³⁷⁶

A terceira característica está vinculada ao fundamentalismo: trata-se da **escatologia pré-milenista**, importantíssima para o entendimento do sionismo cristão no Brasil. Para José Bonino, a grande virada que ocorreu no protestantismo norte-americano no início do século XX, no qual o progressismo social foi relegado ao mínimo e foi fixada a separação entre mundo evangélico e secular, ocasião em que as ideias pré-milenistas dispensacionistas ganharam novo fôlego, numa reação contracultural que transforma o mundo em um campo de batalha, onde homens e mulheres são “chamados a reunir-se na congregação escatológica que espera o ‘arrebatamento’, o começo do milênio ou a ‘aparição do Senhor’”.³⁷⁷ A partir de 1930, e depois da Segunda Guerra Mundial, intensificaram-se as missões em novas ondas de linha milenarista e fundamentalista da Grã-Bretanha e dos EUA.³⁷⁸ Essa tendência, para Bonino, está vinculada – como no caso norte-americano – a uma resposta

³⁷⁵ A preocupação com a ortodoxia pode ser concebida, por exemplo, na reação conservadora das igrejas presbiterianas durante os anos 1970, quando expulsaram de seus quadros a “juventude revolucionária” que adotara teologias liberais, fechando-se em fundamentalismo interno ou importado da América do Norte, segundo Mendonça. Mas, na ótica desta pesquisa, embora tenha sido uma reação ruidosa e injusta, ela demonstra uma forte matriz ortodoxa, “fundamental”, na igreja protestante brasileira. Mas também explicita o negativo pela expulsão dos discordantes. MENDONÇA, 2005, p. 61-62.

³⁷⁶ Como o fato ocorrido com o Rev. Augustus Nicodemus (presbiteriano), ao ter sua palestra cancelada na Casa Publicadora das Assembleias de Deus em 2016 em função de um boicote promovido em mídias sociais por causa de sua posição calvinista – lembrando que os assembleianos são, mormente, arminianos. JÚNIOR, Alcino. *A CPAD e o sectarismo seletivo*. Disponível em: <<http://alcinojunior.blogspot.com/2016/07/a-cpad-e-o-sectarismo-seletivo.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

³⁷⁷ BONINO, 2002, p. 38.

³⁷⁸ BONINO, 2002, p. 42.

segura contra a crítica do ateísmo e do modernismo teológico.³⁷⁹ A mesma característica pré-milenista e fundamentalista está no pentecostalismo latino-americano, cujos subtemas da ressurreição, segunda vinda e Reino Milenar, juízo e Reino Eterno são fundamentais,³⁸⁰ baseadas no apego pentecostal às Escrituras vinculado à adoção de uma hermenêutica literalista, típica do dispensacionalismo apocalíptico e sobrenaturalista da Bíblia de Scofield.³⁸¹

3.1.3 O rosto sobrenaturalista do protestantismo brasileiro

Há um aspecto relacionado ao pré-milenismo acima tratado que merece ser aprofundado, e que será chamado aqui de “rosto sobrenaturalista” do protestantismo brasileiro. Para o pesquisador José Bittencourt Filho, existe uma “mentalidade média dos brasileiros”, uma representação religiosa coletiva que foi gestada ao longo dos séculos iniciais da formação do Brasil, que ele chama de *Matriz Religiosa Brasileira*. Essa matriz teria em sua composição três elementos fundantes: os dois primeiros, o catolicismo ibérico, impregnado pela magia medieval, somado às religiões indígenas e a elas vinculado pela mestiçagem; o terceiro, a religião trazida pelos escravos da África, com a qual se articulou por meio do sincretismo. A esta “amálgama” de religiões, construída ao longo de três séculos, seria acrescido o espiritismo kardecista europeu, o qual concluiu, no século XIX, a configuração da matriz religiosa brasileira.³⁸² Uma das crenças que compõe esta matriz é o sobrenaturalismo, presente nas culturas que a formaram – a católica ibérica, a ameríndia, a africana e a kardecista. Ela produziu a convicção de que o mundo espiritual, natural e cotidiano estão interligados e mutuamente influenciados, o que atualmente é partilhado pela maioria dos brasileiros.³⁸³ Portanto, haveria certa predisposição brasileira a aceitar uma pregação que incluía a invasão de elementos sobrenaturais na realidade cotidiana.

Mas há que se considerar que esta “matriz” não é um fato dado, ao qual todo brasileiro simplesmente se adequa ou se contrapõe. Adilson Schultz, em leitura que

³⁷⁹ BONINO, 2002, p. 48.

³⁸⁰ BONINO, 2002, p. 60.

³⁸¹ BONINO, 2002, p. 71.

³⁸² BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 41.

³⁸³ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 50-51.

faz da tese da matriz religiosa brasileira,³⁸⁴ lembra que ela funciona com grande capacidade de “dissipação”, integrando elementos ancestrais, antigos e modernos de maneira eficaz, uma vez que “essa nebulosa paira sobre o país e não cessa de se repetir, num processo contínuo de ressignificação de seus valores e seus princípios”.³⁸⁵ Schultz chega a uma conclusão diferente de Bittencourt: para ele, ao invés de pensar no sucesso de uma religião na aceitação ou não desta matriz, seria melhor considerá-la um patrimônio comum que toda religião pode lançar mão quando necessário. Por isso, “talvez seja melhor falar em *nebulosa* em detrimento de *matriz* ou *ethos*: não se trata de uma base sobre a qual se constroem religiões, mas algo que transita entre elas”.³⁸⁶ As religiões não apenas reproduzem a nebulosa, mas operam em processos de reinterpretação. Um membro de igreja batista reproduz o que herdou da tradição, mas também reinterpreta o discurso oficial em sua experiência, refletindo no imaginário religioso, plural, em constante mutação:

Portanto, pode-se concluir que o imaginário religioso brasileiro é composto por diferentes significações religiosas, informadas pelas religiões instituídas e seus ritos, crenças e doutrinas e pela *nebulosa* religiosa que, embora transcendendo as religiões, está carregada de valores, princípios e crenças que movimentam não só a fé das pessoas, mas também agenciamentos ideológicos, culturais e políticos do país.³⁸⁷

Na conclusão de sua pesquisa, Schultz chega a um “vocabulário mínimo” para expressar teologicamente o imaginário religioso do Brasil, o qual concorda com o aspecto do sobrenaturalismo proposto por Bittencourt, uma vez que teria como fundamento o “dado Deus e a crença em Deus. O ponto central dessa crença é que, embora transcendente, Deus está imediatamente manifestado no mundo. O mundo *invisível*, de Deus, está imbricado com o mundo *real*.”³⁸⁸ Entretanto, há um paradoxo aí: o Diabo está no meio, ambigualmente misturado com Deus.

O Deus que *viceja* articula-se numa profunda ambiguidade com a percepção do mal. Daí poder-se afirmar que a inexorabilidade do mal e o desejo de salvação agenciado pelo anúncio da presença de Deus são os temas cen-

³⁸⁴ SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In.: BOBSIN, Oneide, et. al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Uma_religiao_chamada_brasil-E-BOOK.pdf> Acesso em: 2 mar. 2018.p. 29-62.

³⁸⁵ SCHULTZ, 2012, p. 30.

³⁸⁶ SCHULTZ, 2012, p. 33.

³⁸⁷ SCHULTZ, 2012, p. 34.

³⁸⁸ SCHULTZ, 2012, p. 61.

trais do imaginário religioso brasileiro. Pontuais agenciamentos dualistas que tentam separar Deus do diabo, opondo bem e mal, e mesmo os inúmeros ritos de proteção contra o mal, parecem claudicar frente à dinâmica dominante *ambígua*, agenciando o combate ao mal no convívio ou composição com ele. O mal não é apenas um elemento metafísico estruturante do discurso do bem, mas tem existência *real*, podendo manifestar-se como infelicidade, morte, finitude, dor, possessão, desemprego, doença, injustiça, desgraça, corrupção, descrença, pecado, etc. A irredutibilidade do mal exige um Deus irredutível, que está sempre ao lado do fiel para salvá-lo do mal.³⁸⁹

A inexorabilidade do mal e desejo de salvação como temas centrais do imaginário brasileiro remetem ao aspecto messiânico da religiosidade brasileira. É preciso um salvador que conduza o povo. Segundo Antônio Máspoli Gomes, os movimentos messiânicos (especialmente dos séculos XIX e XX) revelam uma “raiz mítica e religiosa” impregnando a alma portuguesa e brasileira. Essa raiz poderia ser encontrada em três fontes principais: o catolicismo popular, os mitos indígenas e o Sebastianismo português. O catolicismo popular trouxe uma interpretação particular do Messias e do messianismo, na ardente expectativa da vinda de um mensageiro divino que implementaria o justo Reino de Deus. A crença indígena da Terra sem Males, onde haveria fartura e paz, constituiu o universo religioso do sertanejo. Finalmente, o Sebastianismo, a crença portuguesa do século XVI, de que o rei D. Sebastião (morto em batalha em 1578) voltaria com uma miríade de anjos para salvar seu país, foi muito difundida no Brasil pelo padre português Antônio Vieira.³⁹⁰

Tais crenças se fazem constitutivas do imaginário do meio rural brasileiro, especialmente do Nordeste. É por isso que a pregação pré-milenista, que ganhou cada vez mais impulso a partir da segunda metade do século XX, reverberou na mentalidade messiânica. Como conclui Mendonça:

O clima propício do messianismo no Brasil, por causa de sua população dispersa no meio rural, relativamente anômica e desfavorecida, absorveu facilmente a mensagem Pré-milenarista da maioria dos missionários e expressou-a enfaticamente através dos cânticos que, em número abundante, foram sendo colocados nas mãos dos convertidos.³⁹¹

O sobrenaturalismo da matriz ou imaginário religioso brasileiro, manifestado, entre outras, na expectativa messiânica do povo, seria então um elemento que pode

³⁸⁹ SCHULTZ, 2012, p. 62.

³⁹⁰ GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. As fontes do Messianismo milenarista brasileiro em uma perspectiva mítico-religiosa. In.: ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton; VALLE, Edênio (Orgs.) Para onde vão os estudos da religião no Brasil? São Paulo: ANPTECRE, 2014. p. 139-184.

³⁹¹ MENDONÇA, 1995, p. 237.

estar compondo a estrutura teológica de pensamento em diversos segmentos conservadores do protestantismo brasileiro. Há, portanto, um rosto “sobrenaturalista” que pode ser somado ao “leque de rostos” do protestantismo brasileiro. Sua manifestação parece evidente se for considerado o neopentecostalismo, dada a sua “empedernida batalha cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade”.³⁹² Por outro lado, o protestantismo conservador é tratado pelos autores acima citados como contraculturalista, especialmente na pregação focada no “arrebatamento” da igreja. Aqui, discorda-se da interpretação: o pré-milenismo pode ter encontrado aceitação nas igrejas conservadoras justamente por se tratar de uma aproximação com sobrenaturalismo do brasileiro. O dispensacionalismo proporciona, aos membros de igrejas conservadoras e teologicamente ortodoxas, uma via para o anseio do mistério e da magia culturalmente impregnado em sua cosmovisão.

Daí relevância do sobrenaturalismo para esta pesquisa, pois o dispensacionalismo se posiciona como uma crença com todos os ingredientes sensacionalistas e mágicos, mesmo dentro de um contexto teológico contracultural. Primeiramente, ele se aproxima na questão do messianismo, pois trata da volta de Cristo para implantar o Reino de Deus, o que é doutrina amplamente compartilhada pelo protestantismo. Mas seus pressupostos envolvem outros aspectos apocalípticos – no sentido catastrófico do termo – que remetem ao sobrenatural. Deve-se lembrar que o arrebatamento pré-tribulacionista (com a fértil imaginação de carros e aviões desgobernados durante o rapto secreto da igreja) é central e talvez o aspecto popularmente mais invocado. As figuras do Anticristo, da besta que emerge do mar, do Dragão, de demônios em forma de gafanhotos e de todas as outras criaturas fantásticas descritas no Apocalipse de maneira tão vívida são tomadas em sentido literal por boa parte dos dispensacionalistas. Este literalismo catastrófico pode estar encontrando guarida em uma crença geral previamente estabelecida no imaginário religioso brasileiro, o que teria influenciado o sucesso da proposta dispensacionalista. A pergunta que impacta o brasileiro é: você está do lado de Deus ou do Diabo nesse conflito?

³⁹² MARIANO, 1999, p. 44.

3.2 As manifestações do dispensacionalismo e do sionismo cristão na cultura protestante brasileira

Não é possível analisar o sionismo cristão sem tratar da sua justificativa atual: o dispensacionalismo. Há uma razão para apoiar Israel incondicionalmente, e esta razão está ancorada em uma série de questões teológicas. O sionismo cristão ganhou caráter eminentemente dispensacionalista, e acabou unindo a teologia com os movimentos políticos pró-Israel nos EUA. Por isso, defende-se nesta dissertação que o sionismo cristão é a face política das proposições teológicas do dispensacionalismo. Eles não devem ser confundidos, mas se apoiam mutuamente. Essa doutrina desenvolveu algumas características nos EUA que podem ser assim resumidas: 1) alinhamento à ortodoxia protestante e ao movimento avivamentista, ganhando notoriedade entre os fundamentalistas; 2) independência das denominações, atuando em instituições para-eclésiásticas como os institutos bíblicos; e 3) habilidade midiática, o que garantiu popularidade conquistada por meio de literatura de caráter sobrenaturalista. O quanto essa capacidade de propagação tornou-se realidade no Brasil é o que será tratado nas próximas páginas.

3.2.1 Dispensacionalismo e sionismo cristão em livros publicados no Brasil

A principal característica da matriz religiosa brasileira, segundo Bittencourt, é a acomodação de elementos simbólicos variados e até mesmo contraditórios em uma mesma pessoa.³⁹³ Esta característica, presente em boa parte dos brasileiros, deixa por vezes transtornadas as lideranças das igrejas históricas, as quais veem muitos de seus membros migrarem para movimentos neopentecostais em busca de novas experiências. Mas ocorrem outras trocas: os membros que permanecem nas igrejas também estão abertos a influências religiosas as mais diversas, dado o voluntarismo tratado como uma das características do protestantismo brasileiro.

Segundo Mendonça, instituições para-eclésiásticas norte-americanas chegaram ao Brasil depois da metade do século XX.³⁹⁴ A partir dos anos 1970, o Brasil recebeu ainda mais organizações estrangeiras, tais como Jovens da Verdade, Pala-

³⁹³ BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 68.

³⁹⁴ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 142.

vra da Vida, Mocidade para Cristo e Sepal (Serviço de Evangelização para a América Latina), as quais “abriram caminho para que jovens de diferentes igrejas se reunissem e se conhecessem em congressos, acampamentos, campanhas, reuniões de estudo, Institutos Bíblicos e Seminários Teológicos”.³⁹⁵ A inauguração da informalidade e de certo “ecumenismo” entre projetos conservadores de igreja gerou um campo fértil para a divulgação de ideias e teologias de origem norte-americana. Foi justamente neste meio que o dispensacionalismo penetrou com sucesso. Dentre estes institutos de formação bíblica e teológica, por exemplo, o *Palavra da Vida* (talvez um dos mais influentes no meio protestante missionário) possui em sua base curricular o dispensacionalismo como disciplina obrigatória, tanto do curso de Formação Ministerial como de Formação Teológica.³⁹⁶

Entretanto, não se deve responsabilizar algumas poucas instituições missionárias pela propagação da doutrina dispensacional. A influência mais forte esteve e está na literatura. Segundo Antonio Mendonça, o fundamentalismo³⁹⁷ tem como marco inicial um livro publicado em 1921 por Alfredo Borges Teixeira, chamado *Maranata*,³⁹⁸ no qual o autor registra a conversão do pós-milenismo ao pré-milenismo. Outras obras foram acrescentadas: no meio presbiteriano, surgiram livros como *A Bíblia e o fim do mundo*, *A Bíblia e o tempo* (ambos de Antonio Alvarenga), *Profecias e dispensações* (de Samuel Ladeira) e *As coisas que em breve devem acontecer* (Francisco de Assis Ladeira).³⁹⁹ Mas o grande despertar da literatura dispensacionalista propriamente dita viria a ocorrer a partir do final dos anos 1960, após a Guerra dos Seis Dias. Os autores dispensacionalistas lançaram-se no mercado editorial, cujos campeões de vendas logo foram traduzidos para o Brasil. Os exemplos são vários. Um deles é o livro *O conflito árabe-israelense... e a Bíblia*, de Wilbur Smith.⁴⁰⁰ O autor, pastor presbiteriano, considera os árabes descendentes de Ismael e de

³⁹⁵ BELLOTTI, Karina. Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. In.: FERREIRA, João Cesário Leonel (Org). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009. p. 293.

³⁹⁶ SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA. Grade curricular dos cursos de formação ministerial (3 anos) e formação teológica (4 anos). Disponível em:

<<http://opv.org.br/portal/sbpv/cursos/graduacao/curso/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

³⁹⁷ Mendonça faz uma ligação direta entre o fundamentalismo e a doutrina do pré-milenismo dispensacionista, assim como o faz Sandeen, referido no segundo capítulo.

³⁹⁸ Esse livro foi republicado em 1971 em comemoração aos 50 anos de seu lançamento. TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Maranata ou O Senhor Vem*. São Paulo: Missão Brasileira Messiânica, 1971.

³⁹⁹ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 141-142.

⁴⁰⁰ SMITH, Wilbur M. *O conflito árabe-israelense... e a Bíblia*. São Paulo: Publicações IBR, 1970.

Edom e, por isso, em eterna luta contra o “povo de Deus”.⁴⁰¹ Outro *best-seller* norte-americano já citado nesta dissertação, *A agonia do grande planeta Terra*, de Hal Lindsey, foi publicado nos EUA em 1970 e traduzido no Brasil em 1973, também com enorme sucesso de vendas, e eventualmente listado entre os livros mais influentes da história entre os evangélicos brasileiros.⁴⁰²

Os exemplos são abundantes. Para verificar o impacto desta literatura no Brasil, o autor desta dissertação realizou um levantamento de publicações dispensacionalistas atualmente à venda no mercado editorial, de cunho dispensacionalista ou sionista cristão. Também foram assinalados os autores norte-americanos (ou que tiveram sua formação teológica nos EUA e ali atuam), a fim de verificar a influência norte-americana no contexto brasileiro.⁴⁰³ Foram encontrados 133 livros novos à venda nas mais diversas editoras, sendo que 116 deles são de escatologia dispensacionalista e outros 17 são explicitamente sionistas cristãos. Destes livros, 75 são traduções de autores norte-americanos, correspondendo a 56% do universo de publicações no Brasil. Muitos dos livros vendidos atualmente são publicados há muitas décadas, o que mostra a perenidade de sua influência. É o caso do livro sionista cristão de Abraão de Almeida, *Israel, Gogue e o anticristo*, com a primeira edição em 1977, e o dispensacionalista de Lawrence Olson, *O plano divino através dos séculos*, que já foi reimpresso pelo menos 40 vezes desde os anos 1960.⁴⁰⁴

⁴⁰¹ Afirmação basilar do capítulo 6, intitulado *O “ódio perpétuo” dos árabes*. SMITH, 1970, p. 75. Neste capítulo, o autor chega a afirmar: “Não se pode dizer que os árabes são reconhecidos como pessoas amáveis, amorosas e pacíficas. Sempre serão, pessoalmente, agressores contra os outros”. SMITH, 1970, p. 77.

⁴⁰² Um artigo da Editora Ultimato coloca este livro em quarto lugar entre 40 livros mais influentes em quatro décadas. O autor afirma: “Calcado no pré-milenismo dispensacionalista de Scofield, este ‘best-seller’ apocalíptico empolgou os profetas do fim do mundo no Brasil, com sua interpretação literalista imprudente e seu patriotismo norte-americano acrítico. Lindsay foi o arauto de três décadas das mais absurdas especulações escatológicas em nossas igrejas.” GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/315/quarenta-livros-que-fizeram-a-cabeca-dos-evangelicos-brasileiros-nos-ultimos-quarenta-anos>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

⁴⁰³ O resultado da pesquisa pode ser conferido no **Anexo II** (páginas 146-147). A pesquisa foi feita com critérios bastante restritos: apenas foram relacionadas obras de escatologia em que o autor tem certeza de tratar de doutrina dispensacionalista e de sionismo cristão, em editoras conservadoras. **Não foram listadas** obras sensacionalistas que surgiram fora do contexto conservador protestante e que partem de premissas diferentes das levantadas pela teologia aqui pesquisada (como defensores de “revelações proféticas” extra-bíblicas, por exemplo).

⁴⁰⁴ OLSON, N. Lawrence. *O plano divino através dos séculos: as dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à igreja e para o mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

Quanto às editoras, uma se destaca como a maior divulgadora desta teologia no Brasil, a *Chamada da Meia-Noite*. Ela é responsável por 56 livros dispensacionalistas e outros oito sionistas cristãos, correspondendo, em ambos os casos, a quase metade do número total de livros. Essa editora também distribui DVDs de teologia dispensacionalista (foram encontrados 16 títulos à venda no *site*) e de puro sionismo cristão (18 títulos). Além disso, publica a revista mensal *Chamada da Meia Noite*, que é assim descrita pela editora: “Revista mensal que trata de vida cristã, defesa da fé, profecias, acontecimentos mundiais e muito mais. Veja como a Bíblia descreveu no passado o mundo em que vivemos hoje, e o de amanhã também”.⁴⁰⁵ No mesmo *site*, são comercializadas edições antigas encadernadas da revista mensal *Notícias de Israel*, editada pelo menos desde 2007 até 2016, com o seguinte descritivo: “Revista mensal com artigos sobre Israel, profecias bíblicas, e notícias internacionais comentadas. Entenda como o que ocorre no Oriente Médio afeta sua vida e o futuro de todos nós”.⁴⁰⁶ A Chamada da Meia-Noite é, sem dúvida, a maior divulgadora do dispensacionalismo e do sionismo cristão no Brasil.

Outra editora relevante do cenário brasileiro possui uma quantidade significativa de livros dispensacionalistas e sionistas cristãos à disposição: a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), editora da maior denominação pentecostal do mundo. Neste caso, há maior presença de autores brasileiros, invertendo a relação: dos 20 livros (incluindo dois mapas escatológicos), sete são de autores norte-americanos. Esse fato demonstra que já é possível tratar de um dispensacionalismo autônomo brasileiro. Além das duas editoras mencionadas, há publicações na Vida e Batista Regular, outras editoras influentes, e uma potência editorial, a Record, publicando obras de ficção dispensacionalista de Tim LaHaye. Já as obras eminentemente sionistas cristãs estão pulverizadas entre diversas editoras. Mas a ligação entre dispensacionalismo e sionismo cristão fica mais evidente quando se observa que este aparece em maior quantidade nas editoras que possuem o maior acervo de obras daquele.

⁴⁰⁵ LIVRARIA CHAMADA. *Assinatura da Revista Chamada da Meia-Noite*. Disponível em: <<https://livraria.chamada.com.br/revista-chamada-da-meia-noite-assinatura.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

⁴⁰⁶ LIVRARIA CHAMADA. *Coleção Notícias de Israel 2016*. Disponível em: <<https://livraria.chamada.com.br/colec-o-noticias-de-israel-2016.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

É evidente a influência que o dispensacionalismo e o sionismo cristão mantêm no Brasil. Mas esta é uma influência que já vem de décadas, e não apenas contemporânea. Por isso, foi feita uma segunda pesquisa, anotando as obras publicadas no passado e que atualmente não estão mais disponíveis nos catálogos das editoras ou livrarias. Para tanto, foi feita outra pesquisa em duas bibliotecas de seminários batistas e no *site Estante Virtual* para anotar os livros dispensacionalistas e sionistas cristãos publicados no Brasil durante o século XX e início do XXI.⁴⁰⁷ Foram encontrados 128 livros publicados em um passado distante ou próximo, sendo que 113 deles são de escatologia dispensacionalista e outros 15 são sionistas cristãos. Destes livros, 77 são traduções de autores norte-americanos, correspondendo a 60% do universo de publicações no Brasil. Em relação à tabela de livros atualmente publicados e distribuídos, percebem-se números semelhantes ou aproximados. Quanto às editoras, a Chamada da Meia-Noite continua tendo destaque, mas com bem menos livros listados. Isso se dá provavelmente porque a maioria das publicações não é suspensão. Já nas demais editoras, percebe-se uma quantidade semelhante de publicações, especialmente entre as grandes: Betânia, CPAD e Vida. Chama a atenção a publicação recente (a partir de 1999) da aclamada série *Deixados para Trás*, da United Press (selo da Hagnos), que traduziu o *best-seller* norte-americano e trouxe uma espécie de “reanimação” do dispensacionalismo no contexto brasileiro. Além disso, outra percepção na pesquisa dos livros antigos merece destaque. Muitos deles eram quinta, sexta, oitava edição.⁴⁰⁸

Somando-se as tabelas de livros antigos e novos, chega-se ao resultado impressionante de 261 livros dispensacionalistas, sendo que 32 destes são de cunho sionista cristão, além da presença constante e predominante de autores norte-americanos (entre 55 e 60% dos livros). Assim, fica demonstrada a alta influência do

⁴⁰⁷ O resultado da pesquisa pode ser conferido no **Anexo III** (páginas 148-149). Foi mantido o mesmo critério restrito a obras escatológicas, utilizado na lista de livros novos. **Nesta tabela não foram listadas** obras que continuam sendo publicadas atualmente no Brasil. Ou seja, ela está restrita a obras que não são mais distribuídas pelas editoras, mas que eventualmente circulam em sebos ou em estoques de livrarias.

⁴⁰⁸ Não apenas foram encontrados livros em edições diferentes, mas publicados e relançados por outras editoras. Não foi objetivo desta pesquisa fazer uma arqueologia destas publicações, mas o fato de encontrar com frequência casos deste tipo mostra a penetrabilidade desses autores.

dispensacionalismo norte-americano, mesmo analisando apenas as obras escatológicas, sem considerar outro tipo de publicação.⁴⁰⁹

Finalmente, as Bíblias de estudo. Pelo fato de serem comentadas por autoridades teológicas ou eclesiásticas, caem no gosto popular como consulta rápida e tornaram-se verdadeiro filão comercial. São influentes e significativas para a popularização da doutrina nas igrejas. A mais famosa já foi referida: a *Bíblia de estudo Scofield*,⁴¹⁰ cujo autor sistematizou o dispensacionalismo e teve amplo sucesso no contexto norte-americano, sendo publicada no Brasil a partir de 1975.⁴¹¹ Outros comentaristas também assumiram a doutrina dispensacionista, todos eles norte-americanos: a *Bíblia de estudo anotada expandida*,⁴¹² de Charles Ryrie, professor do Seminário Teológico de Dallas; a *Bíblia de estudo profética LaHaye*,⁴¹³ do autor da série *Deixados para trás*; a *Bíblia de estudo Dake*,⁴¹⁴ de Finis Dake; a *Bíblia de estudo MacArthur*,⁴¹⁵ de John MacArthur; a *Bíblia de estudo do expositor*,⁴¹⁶ de Jimmy Swaggart; e a *Bíblia de estudo Plenitude*,⁴¹⁷ também de origem pentecostal norte-americana, apresentando todas as posições teológicas, mas com tendência a privilegiar o dispensacionalismo. As Bíblias produzidas no Brasil de cunho dispensacionista são a *Bíblia de estudo pentecostal*,⁴¹⁸ difundida na Assembleia de Deus; e a *Bíblia do pregador pentecostal*,⁴¹⁹ comentada pelo pastor Erivaldo de Jesus.

⁴⁰⁹ A lista de obras dispensacionistas está minimizada, pois a pesquisa se ateve apenas a livros do segmento escatológico. Muitas obras seguem uma hermenêutica dispensacionista, ou defendem seus princípios, sem serem necessariamente escatológicas. É o caso, por exemplo, da *Teologia Sistemática Pentecostal* e dos dois volumes de *Teologia Sistemática* de Norman Geisler, todas da CPAD, que são dispensacionistas em toda a sua estrutura. O mesmo ocorre, por exemplo, com as obras da editora Hagnos, *Foco e desenvolvimento no Antigo Testamento* e *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*.

⁴¹⁰ BÍBLIA de estudo Scofield. São Paulo: Holy Bible, 2009.

⁴¹¹ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

⁴¹² RYRIE, Charles. *A Bíblia anotada: edição expandida*. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri; Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

⁴¹³ BÍBLIA de estudo profética LaHaye. São Paulo: Hagnos, 2005.

⁴¹⁴ BÍBLIA de estudo Dake. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

⁴¹⁵ BÍBLIA de estudo MacArthur. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

⁴¹⁶ BÍBLIA de estudo do expositor. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

⁴¹⁷ BÍBLIA de estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. Ressalvando que a Bíblia Plenitude apresenta com honestidade e clareza as outras posições escatológicas, embora sua tendência de exposição seja dispensacionista.

⁴¹⁸ BÍBLIA de estudo pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

⁴¹⁹ BÍBLIA do pregador pentecostal. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

Em uma das Bíblias é possível verificar, de maneira mais explícita, a relação entre dispensacionalismo e sionismo cristão. É o caso da *Bíblia de estudo profética LaHaye*, onde é apresentado um artigo a respeito de Israel na tribulação:

A igreja faria bem em redescobrir o significado bíblico de Sião. Devemos redescobrir aqueles cristãos heroicos que têm zelo e compaixão por Jerusalém, que batalham contra o racismo, o preconceito e o ódio contra os judeus. Acima de tudo, que a Palavra de Deus nos convença daquilo que o Senhor investiu em Israel (Ez 36). A santidade de Deus e o retorno dos judeus à sua terra deveriam cativar cada crente em Cristo. Sombras de cegueira deveriam ser removidas dos olhos dos desinformados e mal informados. [...] A igreja, o povo judeu, políticos e nações do mundo estão se submetendo a um teste fundamental. **Sob o olhar atento de Deus, desempenhos são avaliados e destinos são determinados, com base não só no exercício da nossa fé, mas também no nosso relacionamento com o povo judeu.** [grifo nosso]⁴²⁰

Esta é a dimensão da convocação dos sionistas cristãos, mesmo em um comentário acrescentado ao texto sagrado: para LaHaye, não basta ter fé para ser aprovado por Deus; é preciso estar ao lado de Israel. É um caso extremo, mas que revela o quanto o dispensacionalismo pode orientar o crente em relação à política internacional. Como listado acima, entre as Bíblias comentadas, há pelo menos nove que defendem e interpretam o texto bíblico à luz do dispensacionalismo, todas de bastante visibilidade no contexto protestante brasileiro, das quais sete são traduções diretas de produções oriundas dos EUA.

Portanto, analisando as publicações do universo presente e passado na área escatológica, e a influência das Bíblias comentadas, pode-se verificar a influência profunda e permanente do dispensacionalismo e do sionismo cristão no Brasil.

3.2.2 Reflexos do predomínio do dispensacionalismo nas obras que não subscrevem a doutrina: explicações, oposições

O resultado desse investimento em literatura e informação midiática por parte dos dispensacionalistas aparece em igrejas e mesmo em convenções não associadas ao movimento, como o caso dos batistas históricos. A Convenção Batista Brasileira não subscreve qualquer detalhe do dispensacionalismo em sua Declaração Doutrinária; as questões relativas à volta de Cristo são restritas aos aspectos gerais como a ressurreição de mortos para o julgamento final, sem menção às questões

⁴²⁰ BÍBLIA de estudo profética LaHaye, 2005, p. 795.

envolvendo os milenismos.⁴²¹ Isso não impede que uma convenção estadual filiada acabe ensinando o dispensacionalismo em seus documentos oficiais, o que ocorreu, por exemplo, com a Convenção Batista Mineira, a qual publicou uma revista digital chamada *Fundamentos da nossa fé*,⁴²² na qual foram disponibilizados 52 estudos bíblicos, sendo que todos os cinco capítulos que tratam de escatologia, além do capítulo específico sobre o Apocalipse, seguem exclusivamente a proposta dispensacionalista de interpretação. O que é revelador da influência é o fato desta temática estar incluída naquilo que estes batistas consideram “fundamentos” da fé.

Não cabe aqui fazer um levantamento das manifestações dispensacionalistas nas mais diversas denominações. Basta a lista de livros acima encontrada e o exemplo do meio batista, o qual funciona como uma síntese do que ocorre em meio protestante histórico e também no pentecostal. Algumas outras “pistas” sobre o predomínio dispensacionalista podem ser verificadas nas obras escatológicas que não subscrevem a doutrina, ou mesmo nas que são frontalmente contrárias a ela, pela sua necessidade de uma espécie de apologia prévia. É bastante comum que obras escatológicas de linhas pós ou amilenistas tenham em sua introdução uma explicação ao leitor, a fim de que ele não seja surpreendido com uma interpretação pouco usual. Um exemplo pode ser visto no prefácio de Russel Shedd em um livro de escatologia, no qual ele “avisa” o leitor do que irá encontrar:

É verdade que os leitores convictos da posição pré-tribulacionista da Segunda Vinda de Jesus, se sentirão desapontados. Mas quem tem mente aberta e quer saber os dois lados da questão, terá das melhores fontes de estudo em língua portuguesa.⁴²³

Segundo Shedd, é preciso “ter mente aberta” para ler algo que não seja dispensacionalista. Quando se torna necessário conceder explicações sobre a ortodoxia das interpretações não populares, tem-se a percepção de que há um padrão estabelecido. É justamente por causa desta predominância que outros livros com obje-

⁴²¹ Como pode ser verificado em DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22>. Acesso em: 15 fev. 2018.

⁴²² FUNDAMENTOS DA NOSSA FÉ. Belo Horizonte: Convenção Batista Mineira, 2013. Disponível em: <http://www.brazil9.com.br/servidor/ibbripatinga/revista_fundamentos_fe.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

⁴²³ EWERT, David. *Então virá o fim: uma escatologia bíblica*. Campinas: Editora Cristã Unida, 1994. p. 3.

tivo de combater o dispensacionalismo também foram lançados. Um deles foi publicado no contexto batista em 1984: *O pré-milenismo dispensacionalista à luz do amilenismo*, de Harald Schaly. Na introdução, o autor faz uma crítica severa:

Hoje este sistema se infiltrou em quase todas as denominações, e é extremamente ativo, sendo propagado através de livros, artigos e programas sensacionalistas de rádio e televisão.

Como esta escola escatológica não foi aceita por nenhuma das grandes denominações históricas, mas encontrou, em todas elas, um número considerável de adeptos, entre eles muitos pastores, as tendências destes têm sido, sem se afastarem das fileiras denominacionais, formarem um interdenominacionalismo escatológico.

E, como nenhum dos seminários, geralmente credenciados pelas denominações existentes, aceitou este sistema escatológico estranho a toda história e tradição cristã, criaram um grande número de institutos bíblicos, dos quais o mais notável é o Moody Bible Institute. Só recentemente estabeleceram seu próprio seminário, que é o Dallas Theological Seminary. Mas ainda hoje o grupo dispensacionalista mantém fortes preconceitos contra a educação teológica clássica dos seminários em geral e tende a acusar, a todos que não rezam por sua cartilha, como teologicamente modernistas.

[...]

No Brasil, este sistema escatológico é adotado pelos Batistas Regulares, que são apoiados, financeira e doutrinariamente, dos Estados Unidos, pela organização lá conhecida como Mid-Missions.

Também encontramos este sistema escatológico adotado por vários pastores, alguns de projeção, da Convenção Batista Brasileira, apesar da Declaração de Fé das Igrejas Batistas do Brasil professar a escatologia tradicional aceita pela maioria da cristandade e em princípio expressa no Credo Apostólico.

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus tem publicado vários livros cuja posição é dispensacionalista, expressa nas obras de Orlando Boyer, **Daniel Fala Hoje**, **A Visão de Patmos**, e numa obra recente, **O Alinhamento dos Planetas**, de Nels Lawrence Olson, além de outros.

A organização interdenominacional Palavra da Vida ensina este sistema escatológico em seus institutos, e, ainda que um tanto discretamente, procura disseminá-lo através de seus acampamentos e sua literatura.⁴²⁴

A introdução de Schaly, encontrada no final do trabalho que envolveu esta pesquisa, confirma as premissas aqui levantadas, que justificam o sucesso do dispensacionalismo em contexto brasileiro. A percepção do autor combina precisamente com os dados aqui levantados: o caráter ativo do dispensacionalismo, propagado por meio de livros e programas sensacionalistas; a disseminação nas igrejas à revelia das confissões de fé, adotada inclusive por pastores; e a publicação e divulgação entre pentecostais e organizações norte-americanas como Palavra da Vida.

⁴²⁴ SCHALY, Harald. *O pré-milenismo dispensacionalista à luz do amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984. p. 13-14.

3.2.3 O dispensacionalismo e o sionismo cristão nas mídias brasileiras

Segundo os autores aqui pesquisados, há certa concomitância de acontecimentos ocorrendo no Brasil a partir da primeira metade do século XX, que se traduziram no avanço do fundamentalismo entre os protestantes, ao mesmo tempo em que houve um despertar midiático deste mesmo conservadorismo. É o segundo aspecto que o dispensacionalismo encontrou como ponto favorável.

As décadas posteriores aos anos 1950 marcam o despertar do uso das mídias pelos protestantes, o que coincide, segundo pesquisa de Karina Bellotti, com o avanço do crescimento pentecostal, associado a certa proliferação de uma “religiosidade evangélica transdenominacional”.⁴²⁵ Já foi tratado sobre este rompimento de fronteiras denominacionais que as agências norte-americanas promoveram. A escatologia veio embutida na nova onda midiática: o programa de rádio mais antigo transmitido pelos adventistas, a partir de 1943, era relacionado às profecias bíblicas e intitulado *A Voz da Profecia*, produzido por brasileiros e gravado nos EUA.⁴²⁶ Isto coincide com o tempo em que evangélicos dispensacionalistas acreditavam que o fim dos tempos estava próximo, dado o impacto que o mundo sofreu com a Segunda Guerra Mundial.⁴²⁷ O rádio também passou a ser usado como veículo de propaganda das grandes campanhas missionárias pentecostais a partir dos anos 1950.⁴²⁸

As agências interdenominacionais, somadas ao uso que as igrejas protestantes (especialmente missionárias e pentecostais) fizeram da mídia, geraram certa unidade entre protestantes ao longo das últimas décadas, ampliando o diálogo entre as denominações conservadoras. Nesse contexto, a mídia eletrônica e digital tornou-se grande difusora de doutrinas: “no centro dessa realidade está o consumidor-fiel, convertido ou curioso, que tem a possibilidade de crer no que lhe é apresentado ou buscar outras fontes de informação e formação. Muitas delas, presentes na própria

⁴²⁵ BELLOTTI, 2009, p. 272.

⁴²⁶ Lembrando que a escatologia adventista não está sendo incluída nesta pesquisa, dado seu caráter controverso e pouco aceito no meio conservador protestante, e seu caráter, em observação rápida, de pouco enfoque sionista cristão.

⁴²⁷ BELLOTTI, 2009, p. 276.

⁴²⁸ BELLOTTI, 2009, p. 288.

mídia”.⁴²⁹ Há, portanto, um interessante campo de pesquisa dos impactos da doutrina por meio das mídias, na busca de subsídios que apontem para a dimensão da influência do dispensacionalismo e do sionismo cristão. Essa influência será verificada na televisão e *Internet*.

A televisão e o rádio têm sido utilizados intensamente pelo meio protestante, especialmente pentecostal e neopentecostal. Na Rede Record, pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus, está sendo veiculada a novela intitulada *Apocalipse*.⁴³⁰ Esta novela demonstra o quanto o dispensacionalismo é a interpretação escatológica que predomina no imaginário pentecostal e mesmo neopentecostal. Os autores seguiram exatamente as premissas da doutrina na construção do enredo, a exemplo do que fizera Tim LaHaye na série *Deixados para Trás*. Embora a novela não tenha tido a audiência esperada, o episódio que narra o arrebatamento bateu recordes de audiência e o assunto ficou entre os mais comentados nas redes sociais, segundo o site evangélico *Gospel Prime*.⁴³¹ O interesse demonstra o quanto a ideia dispensacionalista do arrebatamento secreto e anterior à segunda vinda de Cristo ganhou popularidade no contexto brasileiro, a exemplo do norte-americano.

A *Internet* é outro ótimo “termômetro” para verificar o impacto popular das teologias. A repercussão é maior ainda quando se trata do sensacionalismo apocalíptico. No campo escatológico, há materiais das mais diversas correntes, muitas delas alinhadas ao dispensacionalismo, outros tantos dos milenistas de outras interpretações, como pós e amilenistas. Tudo pode ser encontrado, e provavelmente não seja possível determinar qual das linhas é predominante, além de que seria exaustivo listar tudo o que foi encontrado desta ou daquela linha. O fato dos princípios dispensacionistas também serem questionados pode revelar uma tendência de relativização de suas premissas nos últimos anos, como acontece por meio da *Revista*

⁴²⁹ BELLOTTI, 2009, p. 300. A tecnologia é usada de maneira curiosa no meio pentecostal: com entusiasmo nas mídias de rádio, televisão e *Internet*; e vista como marca da Besta quando se trata de tecnologia de informação comercial ou identificação civil. Não trataremos destas contradições aqui.

⁴³⁰ Uma sinopse da novela pode ser encontrado no site R7, pertencente à Rede Record S.A. R7 ENTRETENIMENTO. *Conheça a história de Apocalipse*. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/apocalipse/conheca-a-historia-de-apocalipse-20022018>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

⁴³¹ ARAGÃO, Jarbas. *Capítulo sobre arrebatamento faz Apocalipse bater recorde de audiência*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/capitulo-sobre-arrebatamento-faz-apocalipse-bater-recorde-de-audiencia/>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

Cristã Última Chamada,⁴³² site pós-milenista com artigos críticos ao dispensaciona-
lismo. De qualquer maneira, foram encontradas muitas publicações defensoras do
dispensacionismo em *fanpages* como *Dispensacionalismo Hoje*,⁴³³ na qual cristãos
apresentam artigos em oposição ao aliancismo e publicações ligando notícias de
Israel às profecias bíblicas, ou em *blogs*, como o *JP Padilha Sola Scriptura*,⁴³⁴ com
muitos artigos próprios e traduções de norte-americanos.⁴³⁵

Ainda é possível verificar o impacto da doutrina em *sites* e *fanpages* que
combatem o dispensacionismo observando os comentários. A pesquisa encontrou
defesas intransigentes dos princípios dispensacionalistas, não raro acusando o autor
do artigo de heresia ou de não crer na volta de Cristo. Qualquer busca rápida na In-
ternet já fornece uma imensa gama de fontes. Aqui será citada apenas uma: a publi-
cação no *blog* do pastor da Assembleia de Deus, Juber Donizete, em um artigo con-
trário ao ensino dispensacionalista do arrebatamento.⁴³⁶ Nos comentários, entre al-
guns elogios, ele pacientemente explica os princípios interpretativos aos opositores,
alguns agressivos, outros com dúvidas. Entre os agressivos, um exige: “Me prove
com propostas convincentes que não haverá o arrebatamento da Igreja antes da
Grande Tribulação. [...] Espero respostas convincentes”.⁴³⁷ As respostas não foram
“convincentes”, e a discussão se intensificou. Entre as dúvidas sinceras, esta:

É complicado, desde os 13 anos juber, aprendi no nosso ministério de Uber-
lândia que a igreja não passará pela grande tribulação. E até hoje é ensina-
do assim, milhares de pessoas aprenderam desta forma e estão a ouvir nos
púlpitos. Com certeza terá ou teve pastores te questionando sobre o assun-
to. Seria um erro dizer que a igreja não passará pela grande tribulação? Se
for deveria reunir todo povo evangélico os líderes e dizer à membresia [que
nos] equivocamos sobre este assunto?⁴³⁸

⁴³² REVISTA CRISTÃ ÚLTIMA CHAMADA. Disponível em: <<http://www.revistacrista.org/index.htm>>.

Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴³³ DISPENSACIONALISMO HOJE. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/DispensacionalismoHoje/>>. Acesso em: 13 Abr. 2018.

⁴³⁴ JPPADILHA SOLA SCRIPTURA. Disponível em: <<https://jppadilhabiblia.blogspot.com.br/>>. Acesso
em: 13 abr. 2018.

⁴³⁵ Não foi feito levantamento de sites propriamente dispensacionalistas, como no caso dos livros,
uma vez que a influência já está comprovada por meio da literatura. A concentração, no caso da In-
ternet, se dará no conteúdo essencialmente de sionismo cristão.

⁴³⁶ DONIZETE, Juber. *Questionamentos sobre o arrebatamento e a grande tribulação*. Disponível em:
<<https://juberdonizete.blogspot.com.br/2010/07/questionamentos-sobre-o-arrebatamento-e.html>>.

Acesso em: 11 abr. 2018.

⁴³⁷ DONIZETE, comentário de George Augusto em 22 out. 2010.

⁴³⁸ DONIZETE, comentário de Webster Ogessi em 21 jul. 2010.

A dúvida sincera de alguns e a combatividade de outros revela o quanto o tema traz polêmica. Quando surge a questão “Israel”, é comum esta discussão tornar-se ainda mais acalorada. Não raro, protestantes manifestam algo como “Israel é indestrutível”, ou “Israel sempre será o povo de Deus”, o que já demonstra a influência política que a doutrina exerce.

Para além da verificação de quanto o dispensacionalismo influencia o contexto virtual brasileiro, foi feito um levantamento em páginas que sejam eminentemente sionistas cristãs, ou seja, manifestem um apoio ao Estado de Israel diante do conflito com inimigos ou opositores de sua política.⁴³⁹ Foram encontrados 20 *sites*, *blogs* ou *fanpages* que tratam de protestantes apoiando Israel. Na maior parte dos *sites*, *blogs* e *fanpages*, foi encontrado um tripé de assuntos: as ações em relação a Israel e Jerusalém no contexto político (declarações de ministros israelenses, de Donald Trump e resoluções da UNESCO, por exemplo), críticas ao Islamismo (tanto teológicas, como denúncia da perseguição a cristãos em países islâmicos), e posicionamentos políticos conservadores (especialmente críticos a Lula, à esquerda e seu progressismo). Este tripé frequente em sites de sionismo cristão confirma a conclusão dos autores aqui pesquisados, que o pensamento pré-milenista dispensacionalista e o sionismo cristão estão ligados ao conservadorismo fundamentalista.

3.3 As ações sionistas cristãs dos protestantes brasileiros

Os dois capítulos iniciais dessa dissertação demonstraram como o pensamento teológico de protestantes na Grã-Bretanha e nos EUA acabaram por resultar em ações políticas efetivas, as quais garantiram etapas importantes na consolidação do nacionalismo judaico. No caso norte-americano, a influência dispensacionalista para um efetivo apoio incondicional ao Estado de Israel foi imensa, o que ocorreu por meio de viagens bíblicas a Israel, organizações sionistas cristãs com ações polí-

⁴³⁹ O resultado da pesquisa pode ser conferido no **Anexo IV** (página 150). Foram listados **apenas material evidentemente sionista cristão**, ou que publiquem quantidade tal de artigos pró-Israel que não possam ser ignorados (como o *Gospel Prime*). **Não foram incluídos**: os sionistas judeus (embora sejam “curtidos” ou “compartilhados” por cristãos), judeus messiânicos (cujas origens são diversas, inclusive no judaísmo), de adventistas (não compartilham do mesmo modelo escatológico), e de “profetas” que afirmam ter recebido revelações diretamente de Deus (o que contraria os princípios do dispensacionalismo). Trata-se da busca de uma manifestação mínima e objetiva.

ticas e econômicas as mais diversas, e pela presença de protestantes em postos-chave do governo norte-americano. O que este capítulo deverá verificar é a dimensão que o sionismo cristão pode ter tomado no meio protestante brasileiro, e como esse movimento influencia ou tenta influenciar a relação do Estado brasileiro com o Estado israelense. Essa influência será observada por meio das mesmas referências do contexto norte-americano: viagens a Israel, organizações sionistas cristãs e ações concretas dos políticos protestantes do Brasil.

3.3.1 Viagens bíblicas a Israel promovidas no Brasil

No segundo capítulo, foi apontada a importância das “viagens bíblicas” na construção de apoio político a Israel, as quais foram endossadas pelo próprio governo israelense e passaram a ser prática intensa entre os norte-americanos das mais diversas vertentes protestantes. No Brasil, não parece ser muito diferente. O sociólogo Gedeon Alencar, que é membro da igreja Assembleia de Deus, faz uma afirmação, em seu livro *Protestantismo Tupiniquim*, que serve para introduzir o tema. Para ele, há um “sionismo ingênuo”, uma “febre judaizante no mundo protestante brasileiro”, que produz cada vez mais viagens a Israel em uma verdadeira idolatria à Terra Santa e promotora de comércio pagão, cujo subproduto seria o “apoio incondicional a Israel”.⁴⁴⁰ Ou seja, o foco turístico de visitas a Israel, geralmente encabeçada por lideranças protestantes, é um dos mais importantes elementos de angariamento de apoio ao sionismo promovido pelo governo israelense.

É por esta razão que eventos protestantes em Jerusalém, como a *Marcha para Jesus em Israel*, contaram com apoio e participação de personalidades do governo israelense, nas quais foram feitas declarações como a do Ministro de Turismo de Israel, Uzi Landau: “O profeta Jeremias fala da volta do povo de Israel para Sião e hoje estamos aqui, saímos do exílio para construir o estado de Israel. Nosso Estado agradece o *apoio incondicional de vocês*” [grifo nosso].⁴⁴¹ Outro evento importante, dos quais participam brasileiros, é a *Marcha das Nações*, promovido anualmente por associações sionistas cristãs do mundo inteiro em parceria com o governo israe-

⁴⁴⁰ ALENCAR, 2005, p. 144.

⁴⁴¹ Esta marcha é realizada há mais de duas décadas no contexto brasileiro e ocorreu também em Jerusalém no ano de 2013. ARAGÃO, Jarbas. *Brasileiros promovem Marcha para Jesus em Jerusalém*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/marcha-para-jesus-2013-israel/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

lense, em cuja programação há palestras e seminários variados, com figuras relevantes do cenário judaico e cristão.⁴⁴² Esses são exemplos do uso político que é feito do turismo, o que não é, evidentemente, estratégia exclusiva de Israel. Todas as nações utilizam o turismo para promover seu nacionalismo e sua economia, pois é uma oportunidade à qual se recorre com sucesso. De qualquer maneira, não vem ao caso se o evento turístico de cunho religioso na Terra Santa é ou não promovido com intenção de angariar apoio político a Israel pelos seus organizadores; isso se dá como um dos efeitos de longo prazo, independente da motivação original.⁴⁴³

O próximo levantamento a ser apresentado tratou de verificar onde podem ser encontradas viagens a Israel promovidas por agentes brasileiros. Para garantir a ligação das viagens com a motivação teológica, a pesquisa não incluiu qualquer viagem a Israel (uma vez que todas as agências de turismo, religiosas ou seculares, as promovem, entre tantos outros roteiros), mas limitou-se a empresas especializadas em viagens de cunho religioso, em agências que promovem exclusivamente o que se convencionou chamar de “viagens bíblicas”, geralmente de caráter protestante, com exclusividade ou prioridade na Terra Santa.⁴⁴⁴

Foram encontradas 21 empresas especializadas em viagens bíblicas, as quais oferecem várias opções de roteiros e programações. Um fator muito interessante é que muitas das viagens são acompanhadas por pastores e teólogos importantes do contexto brasileiro. Algumas delas organizam grandes caravanas, muitas vezes ao ano; outras, as promovem anualmente. Mas o grande leque de possibilidades revela que há uma verdadeira “febre peregrinadora” entre protestantes.

⁴⁴² MARCHA PARA AS NAÇÕES. Disponível em: <<http://mon2018.com/pt-br/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

⁴⁴³ A estratégia de levar visitantes para verem a realidade de Israel para angariar apoio aparece com frequência, como na visita de parlamentares brasileiros ocorrida em fevereiro de 2018, publicada pela Confederação Israelita do Brasil. As associações israelenses “entendem que a melhor forma de conhecer a realidade local é estar lá presencialmente e ter acesso a diferentes pontos de vista, incluindo lideranças árabes-israelenses e palestinas”. CONIB. *Viagem a Israel muda a visão de parlamentares brasileiros*. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/noticias/4084/viagem-a-israel-muda-a-visao-de-parlamentares-brasileiros>>. Acesso em 17 abr. 2018.

⁴⁴⁴ O resultado da pesquisa pode ser conferido no **Anexo V** (página 151). Agências com outras viagens só foram mantidas quando ofereciam pacotes religiosos, eventualmente para católicos e para protestantes. **Não foram incluídas** agências de peregrinações exclusivamente católicas, pois fogem do escopo desta pesquisa.

Um dos versículos usados para promover caravanas a Israel é a profecia de Zacarias 4.17: “E acontecerá que aquele das famílias da terra que não subir a Jerusalém para prostrar-se diante do rei, lahweh dos Exércitos, para ele não haverá chuva”.⁴⁴⁵ Toma-se este excerto bíblico isolado e conclui-se que o crente deve adorar em Israel para ter prosperidade na vida. Assim, as viagens bíblicas são, para quem assim isola o texto, um fator importante a fim de alcançar a bênção de Deus; e, para o Estado de Israel, um imprescindível momento para angariar apoio político.

3.3.2 Organizações sionistas cristãs no Brasil

A maneira mais intensa de envolvimento do sionismo cristão nos EUA é por meio das agências que promovem a causa sionista, seja por meio de *lobby* junto a políticos, em auxílio a judeus para realizarem a *aliá* (imigração para Israel), ou em ajuda humanitária a judeus necessitados residentes em Israel. A questão que se levanta aqui é se essas agências possuem filiais no Brasil, e se há outras associações fundadas por brasileiros.

A principal destas organizações é a *Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém*,⁴⁴⁶ que realiza anualmente a *Festa dos Tabernáculos* em Jerusalém para celebrar antecipadamente, em um “ato profético”, aquele que será o cumprimento da profecia de Zacarias 14.16 segundo a interpretação dispensacionalista: “Então acontecerá que todos os sobreviventes de todas as nações que marcharam contra Jerusalém subirão, ano após ano, para prostrar-se diante do rei lahweh dos Exércitos e para celebrar a festa das Tendas”.⁴⁴⁷ O diretor brasileiro da ICEJ é Renê Terra Nova, ex-pastor batista que deixou a denominação e criou o *Ministério Internacional da Restauração*, do qual se intitula “apóstolo”.⁴⁴⁸ A influência desse pastor tem sido notória: anualmente ele organiza as caravanas brasileiras para a participação da Festa dos Tabernáculos e, em 2017, foi um dos palestrantes da festa em Jerusalém.⁴⁴⁹ No

⁴⁴⁵ BÍBLIA de Jerusalém.

⁴⁴⁶ A organização foi descrita no capítulo dois desta dissertação. No Brasil, pode ser encontrada em ICEJ Brasil. Disponível em: <<https://www.cityisrael.net/copia-city-1>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁴⁷ BÍBLIA de Jerusalém.

⁴⁴⁸ RENÊ Terra Nova. Disponível em: <<http://reneterranova.com.br/biografia-ap-rene-terra-nova/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁴⁹ COSTA, Franciene. *Festa dos Tabernáculos 2017 – Jerusalém – Cidade de Deus*. Disponível em: <<http://www.mir12.com.br/br/2017/congressos/tabernaculos/destaques/520-festa-dos-tabernaculos-2017-jerusalem-cidade-de-deus>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Brasil, além das viagens, a filial da ICEJ promove anualmente o *Prêmio City*, troféu dado quem se destaca em cinco categorias: Honra a Sião (pelo suporte, serviço e ação a favor de Israel), Oferta a Sião (a quem apresentar a maior doação financeira durante a Festa dos Tabernáculos), Liderança (ao que levou maior número de peregrinos à festa), Caravana (ao líder que levou a maior caravana) e Testemunho de Fé (a quem se destaca pela atitude e testemunho durante a caravana).⁴⁵⁰

Quanto às agências sionistas cristãs norte-americanas, a maioria delas é de cunho nacionalista, razão pela qual não buscam se expandir para outras partes do mundo. A influência e o debate é interno ao contexto dos EUA. Entretanto, há algumas tentativas de expansão, embora frágeis. A *Christian Friends of Israel* possui um representante registrado no Brasil, certo pastor Abeni Bastos,⁴⁵¹ sobre quem não se encontrou maiores atividades. A *Christians for Israel* realizou treinamento no nordeste brasileiro com o pastor Val Nogueira,⁴⁵² de quem também não se conseguiu obter maiores informações. Já a *International Fellowship of Christians and Jews* iniciou suas atividades no Brasil em junho de 2016, quando seu fundador, o rabino Yechiel Eckstein, visitou diversas igrejas na Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina.⁴⁵³ No mesmo ano, foram impressos folhetos solicitando donativos aos judeus carentes de Israel, os quais foram distribuídos como encarte na revista *Ultimato*. O site da associação não está mais publicado, a página no *Facebook* continua ativa, mas com a última publicação datada do início de 2017, o que indica a pouca receptividade da iniciativa entre os brasileiros.

Em termos de organizações sionistas cristãs, que atuem concretamente no levantamento de fundos para a causa do sionismo, nada foi encontrado além da ICEJ. Portanto, de maneira geral, pode-se concluir que as ações sionistas efetivas, de investimento financeiro em qualquer causa sionista, ou de pressão profissional sobre políticos (como o bem articulado *lobby* norte-americano), inexistem no Brasil, ou

⁴⁵⁰ PRÊMIOS City. Disponível em: <<https://www.cityisrael.net/copia-tabernaculos>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁵¹ CFI Brazil. Disponível em: <<http://cfijerusalem.org/web/about-us/representatives/230-cfi-brazil>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

⁴⁵² NOGUEIRA, Val. *Brazil shares message of hope*. Disponível em: <<http://www.c4israel.org/news/brazil-shares-message-of-hope/>>. Acesso em: 13 Abr. 2018.

⁴⁵³ UNIÃO Internacional de Cristãos e Judeus inicia atividades no Brasil. Disponível em: <<https://blogultimatrombeta.wordpress.com/2016/05/26/uniao-internacional-de-cristaos-e-judeus-inicia-atividades-no-brasil/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

é tão pequena que não se torna perceptível. A ação sionista cristã típica do Brasil está ligada ao entretenimento e à disputa ideológica. Ou seja, por meio das viagens a Israel e participação em uma “experiência bíblica” na terra em que Jesus viveu e para onde voltará a fim de governar o mundo; e por meio da fixação do Estado de Israel como povo eleito de Deus, por quem se deve disputar ideologicamente a relevância espiritual, seja na literatura, seja nas mídias sociais. Se isto significará um apoio de ordem institucional na política brasileira, é o que será visto adiante.

3.3.3 Manifestações sionistas cristãs no cenário político brasileiro

As relações históricas entre o Brasil e países do Oriente Médio foi de “equidistância não indiferente” desde a atuação de Oswaldo Aranha na Assembleia Geral de 1947, buscando soluções para o conflito entre árabes e israelenses. A partir dos anos 1970, houve uma intensificação de relações com os países do Oriente Médio em função do interesse pelo petróleo, não alterando o reconhecimento do direito de Israel, mas aumentando o apoio aos direitos palestinos. Nos anos 1990, houve distanciamento brasileiro da região em função da Guerra do Golfo, mas uma reaproximação a partir do final do segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, aumentando esta proximidade a partir dos governos de Lula, quando foram aprofundados os laços comerciais entre Brasil e nações árabes. Foi neste contexto que a diplomacia brasileira tentou colocar-se como interlocutora entre israelenses e palestinos a partir de 2005.⁴⁵⁴ Dentro dessa linha de atuação, houve apoio às demandas palestinas, como o reconhecimento do Estado Palestino pelo governo brasileiro em 2011, ainda no final do governo Lula, o que gerou mal-estar entre israelenses e a acusação do Brasil estar alinhado “unicamente aos palestinos”.⁴⁵⁵

Desde 2016 tem ocorrido o que tem sido chamado de “virada conservadora”, perceptível internacionalmente com a eleição de Donald Trump nos EUA, e a nível nacional com o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, além do resultado das

⁴⁵⁴ SILVA, André Luiz Reis; PILLA, Bruno. O Oriente Médio na política externa brasileira (1947-2011): aproximação, distanciamento e engajamento. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 51, p. 111-133, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/viewFile/144/140>>. Acesso em: 16 abr. 2018. p. 130.

⁴⁵⁵ MALTCHIK, Roberto; MALKES, Renata. *Brasil reconhece Estado palestino*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/brasil-reconhece-estado-palestino-2916276>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

eleições municipais no final do ano anterior, visivelmente conservador. É neste contexto de embate entre projetos políticos de direita e esquerda que a Bancada Evangélica tem ganho destaque no contexto nacional, sendo crescentemente mencionada na mídia. A questão dessa pesquisa é: este conservadorismo protestante está alinhado à causa do sionismo cristão por motivo religioso? No caso norte-americano, a resposta é afirmativa. Em uma crítica à escatologia dispensacionalista, o teólogo norte-americano Robert Clouse afirma que essa interpretação tende a atuar contra a manutenção da paz no Oriente Médio, e inclusive contribuir para empurrar os EUA para dentro de um conflito na região:

Além do fato de que a busca por sinais pode levar a um beco sem saída quanto à definição da data, a tendência de identificar a causa de Deus com o sionismo e a nação de Israel pode dar apoio a políticas que não contribuem para a paz para a Terra. Os Estados Unidos podem muito bem ser atraídos para a guerra no Oriente Médio e muitos evangélicos podem ser responsáveis pelas atitudes que podem levar a esse conflito.⁴⁵⁶

Os fatos aqui levantados apontam para uma tendência de engajamento político, da parte de um crente no dispensacionalismo, em favor do Estado de Israel. No caso norte-americano, estamos falando de uma política que envolve a maior superpotência militar do mundo, cujas consequências são determinantes. No caso brasileiro, qual o impacto? O missiólogo Marcos Amado, ex-missionário entre os muçulmanos e diretor para a América Latina do *Movimento Lausanne*, escreveu recentemente um artigo para o *Centro de Reflexão Missiológica Martureo*, no qual apresenta sua preocupação em relação à postura dos cristãos sobre as políticas que ocorrem na questão envolvendo palestinos e israelenses. Na opinião dele, o dispensacionalismo tem influenciado o meio protestante a um apoio acrítico ao Estado de Israel, independente da justiça do ato:

Mas quando o Estado de Israel recebe apoio sem reservas de líderes evangélicos bastante renomados e por meio de publicações que defendem certos aspectos teológicos promovidos, pelo menos inicialmente, pela hermenêutica dispensacionalista (ou, no mínimo, sionistas), é praticamente impossível que multidões de evangélicos não sejam influenciadas e mostrem-se indiferentes à situação dos árabes palestinos. [...] O que realmente pare-

⁴⁵⁶ Orig.: “Aside from the fact that seeking for signs can lead down the blind alley of date setting, the tendency to identify God’s cause with Zionism and the nation of Israel can lend support to policies which do not make for peace on earth. The United States could well be drawn into war in the Middle East and many evangelicals might be responsible for the attitudes that can lead to that conflict”. CLOUSE, Robert G. (Org.). *The meaning of the Millennium: four views*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1977. p. 211-212.

ce importar para alguns cristãos é que Israel seja protegido a qualquer preço. Ao fim e ao cabo, de acordo com os dispensacionalistas, o cumprimento das profecias escatológicas depende deles.⁴⁵⁷

A percepção de Marcos Amado não é sem justificativa. No Brasil, o número de parlamentares evangélicos tem crescido gradativamente nas últimas décadas, especialmente depois dos anos 1980, tendo uma tônica principalmente pentecostal e neopentecostal, além de contar com um gradativo interesse dos partidos políticos na filiação e candidatura de figuras importantes do cenário religioso protestante.⁴⁵⁸ Sua ação também tem recebido destaque nas mídias nacionais, o que revela um engajamento político igualmente ascendente no contexto nacional. A *Frente Parlamentar Evangélica*,⁴⁵⁹ mais conhecida como *Bancada Evangélica* na mídia nacional, une atualmente 199 deputados federais e quatro senadores para articular os interesses do meio protestante no que se refere ao debate de questões públicas e legislação.⁴⁶⁰ É a partir de notícias referentes a esta bancada que se pode verificar a influência do sionismo cristão na política brasileira.

A primeira verificação da influência – ou tentativa de influência – está na observação da participação de parlamentares autodeclarados evangélicos nos *Grupos Parlamentares*, ações realizadas entre o Congresso brasileiro e parlamentos de países estrangeiros, com o intuito de fortalecer as relações entre ambos. Há muitos grupos parlamentares organizados, listados no site da Câmara.⁴⁶¹ A maioria deles são pequenos, entre cinco e uma dezena de membros. Mas o que é relevante para esta pesquisa é o fato de que o maior deles é o *Grupo Parlamentar Brasil/Israel*, o qual conta com 37 membros e nove diretores. Cruzando os nomes deste grupo com

⁴⁵⁷ AMADO, Marcos. *A política internacional, as ramificações do pensamento dispensacionalista radical e a ausência de paz no Oriente Médio*. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/a-politica-internacional-as-ramificacoes-do-pensamento-dispensacionalista-radical-e-a-ausencia-de-paz-no-orientes-medio/>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

⁴⁵⁸ MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, n. 3, 2014, p. 601-631. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/00115258201419>>. Acesso em: 23 abr. 2018. p. 606.

⁴⁵⁹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁶⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Frentes e grupos parlamentares*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/deputados/frentes-e-grupos-parlamentares>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁶¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Grupos parlamentares*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/deputados/frentes-e-grupos-parlamentares/grupos-parlamentares>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

a Frente Evangélica, fica evidente o interesse da última na relação com Israel: na diretoria de nove membros, sete são componentes da Bancada Evangélica. Entre os 37 membros do grupo, 22 são evangélicos, e apenas quinze não fazem parte da bancada. Essa frequência não se repete em outros grupos, onde as proporções se invertem, ou ao menos ficam divididas equitativamente.⁴⁶²

Há, portanto, um interesse maior da Bancada Evangélica nas relações internacionais quando o assunto é o Estado de Israel. Esse interesse ficou mais evidente a partir do segundo governo de Dilma Rousseff, quando os evangélicos do Congresso Nacional partiram em defesa do governo israelense durante o ataque deste à faixa de Gaza, em julho de 2015. Na ocasião, a embaixada do Brasil condenou Israel por fazer “uso desproporcional da força” contra os palestinos. Como resposta interna, foi articulado um protesto pelo deputado federal Lincoln Portela (PR-MG) junto ao Ministério das Relações Exteriores, o qual contou com a fala da pastora Jane Silva, citada em notícia da BBC, a qual diz que os evangélicos ficam “ofendidos e magoados com a postura do governo brasileiro”, além de que “quando o governo fala mal de Israel, fala mal de nosso Jesus”.⁴⁶³

Desde então, a relação da Bancada Evangélica com Israel tem se intensificado. Em novembro do mesmo ano, a embaixada israelense promoveu o *II Seminário Brasil-Israel no Instituto Rio Branco*, em Brasília, com debates a respeito da diplomacia brasileira. No mesmo dia, a delegação israelense visitou a Câmara dos Deputados, onde foi recebida pelos membros da *Liga Parlamentar de Amizade Brasil-Israel*, presidida pelo deputado evangélico Jony Marcos, ocasião em que os evangélicos “demonstraram seu apoio a Israel em conversa com os participantes da delegação israelense”.⁴⁶⁴ A primeira metade do ano de 2016 foi intenso no debate e

⁴⁶² Exceto em pequenos grupos como o de Brasil/África, onde todos os seis membros são da Bancada Evangélica, e Brasil/Paraguai, onde cinco dos seis membros são evangélicos, por motivos que não serão analisados aqui. Outro grupo (dentre os maiores) também possui uma forte presença evangélica: no Brasil/Reino Unido, onde seis em oito membros da diretoria são da Bancada Evangélica – mas a proporção da presença protestante é bem menor entre os membros do grupo, se comparado com o de Israel.

⁴⁶³ FELLET, João. *Líderes evangélicos saem em defesa de Israel e criticam Dilma*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140806_evangelicos_israel_dilma_jf_kb>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁶⁴ EMBAIXADA DE ISRAEL NO BRASIL. *II Seminário Brasil Israel no Instituto Rio Branco*. Disponível em: <<http://embassies.gov.il/brasilia/NewsAndEvents/Pages/II-Seminário-Brasil-Israel-no-Instituto-Rio-Branco.aspx>>. Acesso em 16 abr. 2018.

nas articulações políticas que levaram ao impedimento de Dilma Roussef. Chamaram atenção as justificativas para o voto durante a sessão do dia 17 de abril. O deputado Ronaldo Fonseca, membro da Bancada Evangélica, votou “sim” em nome da “paz em Jerusalém”. Assim ele explicou em entrevista posterior:

O governo do PT virou as costas para Israel. Eles priorizaram os árabes. A única vez que um presidente da República foi ao Oriente Médio e não pisou em Israel foi o presidente Lula. A presidente Dilma rejeitou um embaixador indicado por Israel só porque ele foi colono na Palestina, na Faixa de Gaza.⁴⁶⁵

No mesmo ano, após o impedimento da presidenta, a Bancada Evangélica homenageou Israel no Congresso Nacional em sessão solene, comemorando os 68 anos da criação do Estado de Israel, contando com a presença de embaixador israelense e membros da Confederação Israelita do Brasil. Na ocasião, vários pastores declararam “a importância espiritual de uma boa relação entre os dois países, ecoando as promessas de Gênesis 12:3: ‘abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem’”.⁴⁶⁶ A citação deste texto bíblico como justificativa para o apoio a Israel já coloca a política ancorada em questão religiosa, e mais do que isso: dentro de uma perspectiva teológica dispensacionalista.

Em novembro do mesmo ano, o deputado Roberto de Lucena, pastor da igreja pentecostal *O Brasil Para Cristo* e membro da Bancada Evangélica, discursou no plenário da Câmara a respeito do trabalho realizado junto ao Ministério das Relações Exteriores no sentido de melhorar o texto do posicionamento brasileiro em relação às resoluções da UNESCO sobre os vínculos de judeus, cristãos e muçulmanos com os locais sagrados de Jerusalém. O objetivo do deputado era que o texto fosse melhorado, reconhecendo o vínculo dos judeus com Jerusalém. Ele afirmou:

Eu venho a esta tribuna registrar que fizemos, Sr. Presidente, uma intervenção junto ao Ministério de Relações Exteriores, junto ao gabinete do Chanceler José Serra, questionando o voto do Brasil favorável a essa resolução tanto em abril quanto agora em outubro. E quero aqui dizer da minha satisfação em identificar esse esforço do Brasil, falando em nome do seu po-

⁴⁶⁵ BARRUCHO, Luís. ‘Falei para chamar atenção’, diz deputado ao justificar o voto pela ‘paz em Jerusalém’. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160420_entrevista_ronaldo_fonseca_paz_jerusalem_lgb>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁶⁶ ARAGÃO, Jarbas. *Bancada Evangélica homenageia Israel no Congresso Nacional*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/bancada-evangelica-homenageia-israel-no-congresso-nacional/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

vo. Eu preciso aqui lembrar que Israel é a segunda casa de cada cristão. E 90% da população brasileira são cristãos. Quando eu me refiro aos cristãos evangélicos, estou falando de quase 50 milhões de cidadãos brasileiros que pagam seus impostos, que cumprem as suas responsabilidades com o País, que elegem ou são eleitos e que merecem ter as suas aspirações e as suas expectativas em relação à política externa e em relação ao relacionamento diplomático entre Brasil e Israel respeitadas. Em muitas das igrejas, Sr. Presidente, onde congregam esses quase 50 milhões de brasileiros cristãos evangélicos, em muitos dos templos, V.Exa. vai encontrar a bandeira do Estado da Federação onde está situado o templo, a bandeira da denominação a que pertence, a bandeira do Brasil e a bandeira de Israel, identificando Israel como a segunda pátria, a segunda casa de cada cristão. Por isso interpelamos o gabinete do Chanceler José Serra e identificamos esse esforço do Brasil em promover essa evolução no texto da resolução, até que nós tenhamos, no próximo encontro, na próxima reunião desse Conselho Executivo, que deverá acontecer no mês de abril, uma nova deliberação. E há uma disposição do Brasil de votar favoravelmente à resolução, desde que ela continue evoluindo.⁴⁶⁷

No mês de novembro de 2016, o deputado ainda estava em boas relações com o governo de Michel Temer, dentro das articulações de interesses comuns a momentos de “transição” e “incertezas” como os vividos naquele ano. Entretanto, no início de maio de 2017, a UNESCO votou a resolução final, no qual reafirmou a importância da Cidade Velha de Jerusalém para as três religiões monoteístas, considerando Israel potência ocupante e retirando do país qualquer direito a alterar o estatuto da cidade. A resolução foi muito mal vista pelo governo israelense, que considera Jerusalém sua capital.⁴⁶⁸ A reação do deputado Roberto de Lucena foi bastante diferente do discurso anterior, afirmando que o voto – ao qual o governo brasileiro se alinhou – não representa a nação brasileira. Assim ele discursou:

Esse não seria o voto dos brasileiros, se pudessem votar, pois 90% de nossa população é cristã, e Israel é a segunda pátria de todos os cristãos. O povo brasileiro ama Israel! Como é possível que isso não seja considerado pelo Itamaraty? Como é possível continuarmos virando as costas aos anseios do nosso próprio povo, ao nosso senso de justiça e verdade e às bênçãos advindas das promessas de Deus para os que abençoarem Israel? Levei pessoalmente essa preocupação aos Ministros Antonio Patriota e Mauro Vieira, do Governo anterior, e à própria Presidente Dilma; levei pessoalmente essa preocupação ao Ministro José Serra, ao Ministro Aloysio Nunes e ao próprio Presidente Michel Temer. Mas fui um João Batista, uma voz que clama no deserto, pois, mais uma vez, não me deram ouvidos. A

⁴⁶⁷ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Discurso de Roberto de Lucena em 01/11/2016*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=281.2.55.O&nuQuar=35&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=15:42&sgFaseSessao=GE&Data=01/11/2016&txApelido=ROBERTO DE LUCENA, PV-SP>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁶⁸ EURONEWS. *UNESCO adota resolução sobre estatuto de Jerusalém Oriental*. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2017/05/05/unesco-adota-resolucao-sobre-estatuto-de-jerusalem-oriental>>. Acesso em 16 abr. 2018.

Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional ontem esteve na Embaixada de Israel, levando ao Embaixador Yossi Shelley, a sua solidariedade e manifestando o seu descontentamento. E esse descontentamento não será um "segredo escondido", será perceptível! Continuaremos lutando para que o Brasil reveja seu posicionamento. Que Deus abençoe Israel! Que o Deus de Israel abençoe o Brasil!⁴⁶⁹

Cinco dias depois, o mesmo deputado apresentou o requerimento para uma Moção de Repúdio da Câmara dos Deputados à resolução da UNESCO,⁴⁷⁰ um dia depois do deputado Vinicius Carvalho, também da Bancada Evangélica, requerer uma convocação ao Ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira, para prestar esclarecimentos ao Congresso Nacional sobre o voto do Brasil.⁴⁷¹

No ano de 2017 continuaram as divergências entre Israel e UNESCO, as quais culminaram com a retirada do país da instituição, acompanhado de seu apoiador, os EUA. Em seguida, o governo de Donald Trump confirmou o estatuto de Jerusalém como capital de Israel, anunciando a transferência da embaixada norte-americana para a cidade. A notícia reverberou no Brasil, e a Bancada Evangélica novamente se manifestou: o deputado Lucena requereu uma *Moção de Aplaosos* pelo reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel pelos EUA.⁴⁷² E a luta continua: o desejo dos políticos da Bancada Evangélica é que o Brasil também transfira sua embaixada para Jerusalém, razão pela qual, conforme notícias dão conta, começarão a trabalhar nos bastidores. O que são estes bastidores, que tipo de *lobby* eles significam, o tempo dirá.⁴⁷³

⁴⁶⁹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Discurso de Roberto de Lucena em 04/05/2017*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=104.3.55.O&nuQ uar->

[to=46&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:15&sgFaseSessao=CP&Data=04/05/2017&tx Apellido=ROBERTO DE LUCENA, PV-SP](https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=104.3.55.O&nuQ uar-to=46&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:15&sgFaseSessao=CP&Data=04/05/2017&tx Apellido=ROBERTO DE LUCENA, PV-SP)>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁷⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 6422/2017*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2136450>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁷¹ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 197/2017 CREDN*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2136352>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

⁴⁷² CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 7940/2017*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2166360>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

⁴⁷³ SCHREIBER, Mariana. *Lideranças evangélicas querem que Brasil siga EUA e transfira embaixada em Israel para Jerusalém*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1941363-liderancas-evangelicas-querem-que-brasil-siga-eua-e-transfira-embaixada-em-israel-para-jerusalem.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

A questão vai ganhando popularidade, um assunto controverso, publicado e replicado em mídias sociais à exaustão, ao ponto da cantora evangélica Heloísa Rosa convocar seus fãs a votarem, nas próximas eleições, em candidatos que amem Israel.⁴⁷⁴ Gradativamente, aquilo que antes eram manifestações religiosas de simpatia pela causa sionista nas mídias sociais, em rádio, televisão e conversas pessoais, vai se tornando em um chamado ao engajamento político, inclusive como critério para eleger um parlamentar.

Neste momento, não é possível afirmar que o empenho de deputados e estrelas do espetáculo *gospel* tenha algum resultado efetivo em uma suposta transferência de embaixada brasileira para Jerusalém, por exemplo. É até bastante improvável, dada a solidez da política externa brasileira nas últimas décadas. Mas a mudança de paradigma político dos protestantes brasileiros está se reconfigurando, e um sionismo cristão politicamente engajado está despertando no Brasil.

⁴⁷⁴ JM NOTÍCIA. “Escolha um candidato que ame Israel”, aconselha Heloisa Rosa. Disponível em: <<http://www.jmnoticia.com.br/2018/01/09/escolha-um-candidato-que-ame-israel-aconselha-heloisa-rosa/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo fazer um resgate histórico do surgimento do sionismo cristão no contexto britânico do século XIX, seu desenvolvimento no meio norte-americano naquele século e no XX, bem como sua migração e consequente influência entre os protestantes brasileiros.

O sionismo cristão na Grã-Bretanha foi bastante ativo durante o século XIX, justamente no tempo em que o Império Britânico unia seu ideal expansionista com as missões protestantes, levando ao mundo a civilização segundo a sua proposta. Foram os protestantes britânicos que, com visões pós e pré-milenistas-históricas de implantação do Reino de Deus, influenciaram decisões políticas do alto escalão governamental. O ápice dessa ação de apoio aos judeus aconteceu na Declaração Balfour, em 1917, mas diminuiu sensivelmente nas décadas seguintes. Foi justamente no contexto britânico que surgiu a doutrina dispensacionalista, elaborada em sua forma definitiva por John Nelson Darby – embora ainda não tenha sido engajada politicamente, talvez mais pelas impossibilidades práticas do que por intenção. Sua atuação seria bem mais relevante quando atravessou o Atlântico.

Nos EUA o dispensacionalismo se tornou o motor fundamental do apoio cristão a Israel, chegando ao ponto de alguns de seus defensores afirmarem que somente é um sionista cristão quem subscreve integralmente as premissas da doutrina. Ele cresceu de forma lenta, mas constante, alinhado à ortodoxia protestante e ganhando notoriedade entre os fundamentalistas pelo seu suposto literalismo bíblico, fundando institutos bíblicos, mas principalmente por meio de abundante literatura de caráter sobrenaturalista. Sua influência cresceu significativamente a partir dos anos 1970, redundando em ações concretas de apoio político, mas também financeiro, seja por meio de organizações humanitárias, seja no financiamento de *lobby* junto ao governo. O principal resultado foi o desenvolvimento de uma “subcultura escatológica fundamentalista”, além de promover a doutrina escatológica dispensacionalista juntamente com sua atividade missionária.

Foi durante esta curva ascendente de influência que o dispensacionalismo e sua contraparte política, o sionismo cristão, vieram para o Brasil. A doutrina encontrou clima favorável, uma vez que o protestantismo brasileiro possui profundas ligações com o protestantismo norte-americano, gerado por meio das denominações missionárias, do pentecostalismo e do recente neopentecostalismo. As características do dispensacionalismo – o alinhamento à ortodoxia protestante do movimento avivamentista (especialmente fundamentalista), a independência das denominações e a habilidade midiática com intenso sobrenaturalismo – tiveram sucesso no Brasil, assim como ocorreu nos EUA. Foi o que a pesquisa empírica verificou, dada a grande quantidade de publicações desta doutrina e sua influência perene e determinante em mídias as mais diversas. Como resultado de seu pensamento escatológico, formou-se também no Brasil um sionismo cristão, embora não engajado financeiramente como o norte-americano. O resultado político desta influência foi verificado ao final do último capítulo, quando se percebeu uma ação política crescentemente articulada em prol do Estado de Israel no contexto congressista brasileiro.

A primeira conclusão que se pode aferir dessa história é a íntima relação que o tema escatológico guarda com a ação política dos protestantes, chegando à dimensão da política internacional. Tanto na Grã-Bretanha como nos EUA ocorreram ações concretas dos protestantes buscando influenciar a política externa de seus respectivos países, e em todos eles foram percebidas motivações teológicas para tanto – seja na busca da bênção divina para a sua própria nação, seja no desejo intrínseco de apressar a volta de Cristo, ou mesmo em um afeto no mínimo ambíguo para com os judeus (uma vez que eles voltariam à Terra Santa para sofrerem um novo holocausto, segundo a doutrina). No caso brasileiro, essa influência ainda é pequena e insípida, o que pode ser explicado primeiramente pela baixa presença protestante no passado político do Brasil, e em segundo lugar, pela pouca relevância diplomática brasileira no contexto internacional. O fato é que há um despertar, e ele acontece justamente no momento em que ocorre uma ascensão protestante na política nacional. E, nesta ascensão, já se percebe a influência da escatologia na política. Não há dúvidas de que muito ainda se ouvirá sobre a Bancada Evangélica e o Estado de Israel. O nome disso é sionismo cristão.

A segunda conclusão é que boas e sinceras intencionalidades podem levar ao radicalismo sensacionalista. Quando se pensa em um fundamentalista, não há que se considerar alguém truculento e destituído de boas intenções. Essa ideia é um espantalho colocado para diminuir opiniões e menosprezar atitudes em relação ao conhecimento de qualquer natureza. O fundamentalista está preocupado com aspectos importantes da fé e de uma cosmovisão, neste caso, a cosmovisão protestante ortodoxa. Entretanto, por vezes ele é conduzido a radicalismos por doutrinas fundadas em momentos de crise e marcadas pelas ambiguidades de sua época, as quais despejam uma literatura na qual o mundo está dividido em um grande conflito cósmico de proporções literalmente apocalípticas. E esta literatura tem influenciado esse crente simples e profundamente devoto.

A terceira conclusão é que as mesmas boas e sinceras intencionalidades podem levar a posições políticas unilaterais e injustas. Se Israel é a segunda pátria de boa parte do protestantismo brasileiro, e não a “pátria celestial” afirmada pelo apóstolo e cantada em hinos, então há um problema – ainda mais quando esta segunda pátria terrena está em uma disputa por território. Há um lado a tomar, e ele é inquestionável, pois é o lado de Deus e seus decretos eternos. Nessa medida, fica complicada a busca de soluções pacíficas com os *outros* envolvidos nesta questão, os árabes habitantes da Palestina, especialmente quando eles são tidos – pelos radicais do movimento, é verdade – como um povo ontologicamente em “ódio perpétuo” a Israel e que deve simplesmente se retirar da terra que tem dono.

Tendo em vista essas conclusões, alguns propósitos da pesquisa parecem alcançados. O primeiro foi de esclarecer. O membro fundamentalista da igreja protestante, que aprende o dispensacionalismo e crê nesta doutrina, acaba tendo pautado o seu posicionamento político com relação ao conflito na Palestina; mas raramente ele ouve a história das origens de sua crença e de quão recentes são as proposições dela dentro da longa história do cristianismo. Tampouco, ele reflete sobre as implicações que a escatologia apocalíptica exerce sobre o restante de seu pensamento teológico e prática eclesiástica. Esta dissertação é um meio de trazer pelo menos um esclarecimento da gênese histórica daquilo que molda boa parte de seu conhecimento teológico e de sua cosmovisão.

O segundo propósito foi trazer para os protestantes brasileiros um pouco da discussão que ocorre em torno do dispensacionalismo e do sionismo cristão no contexto anglo-saxão, e não apenas a versão acabada de um dos lados do debate – o lado dos dispensacionalistas. Há, claro, muitas versões de dispensacionalismo, bem mais “amenas” do que as descritas nesse trabalho, mas elas não parecem combater internamente as aberrações sensacionalistas cometidas pelos seus pares – ao menos, não naquilo que chega ao crente simples das igrejas. Mas há boas notícias. Em outros segmentos do protestantismo conservador pode ser percebida uma reação, especialmente ligada à tradição reformada, onde ocorre o retorno a escatologias tradicionais anteriores à que foi criada por John Darby, além da existência de outras propostas contemporâneas de pensar a volta de Cristo. Esta dissertação pretende se acrescentar a estes movimentos.

Evidentemente, ficaram diversas lacunas que não puderam ser preenchidas pela própria delimitação de páginas de uma dissertação de mestrado. Por isso, ela representa um passo inicial de uma pesquisa muito mais vasta e sujeita a ampliações e revisitações. Essa certeza vem pelo fato de que, ao longo do trabalho, foram percebidas outras questões que fogem ao escopo original, mas que suscitam novas perguntas. Entre elas, por exemplo, a existência de certa “paixão por Israel” que produz um mesmo sionismo cristão, não necessariamente vinculado à escatologia dispensacionalista, mas de cunho simbólico e estético, em uma imitação de ritos e símbolos judaicos. Como pode ser pensada e refletida esta relação? É uma das questões que ficam abertas para dar continuidade à pesquisa. Outro ponto que não foi verificado e que merece destaque é o judaísmo em si, em como ele recebe este apoio tão ambíguo por parte dos cristãos – tema que também é tratado no contexto anglo-saxão e silenciado no brasileiro.

Mas estas são outras perguntas; por ora, basta esclarecer a memória, compreender e saber as razões para tão entusiasmado sionismo cristão no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. Pentecostalismo clássico. Congregação Cristã no Brasil e Assembleias de Deus: construção e identidade. In.: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa (Org.). *Protestantes, evangélicos e (neo) pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil, um país de fé: por que o maior país católico do mundo, também é o maior país pentecostal do mundo?* Dissertação (Mestrado). São Leopoldo: EST/PPG, 2012.

AMADO, Marcos. *A política internacional, as ramificações do pensamento dispensacionista radical e a ausência de paz no Oriente Médio*. Disponível em: <<https://www.martureo.com.br/a-politica-internacional-as-ramificacoes-do-pensamento-dispensacionalista-radical-e-a-ausencia-de-paz-no-orientemedio/>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

AMMERMAN, Nancy T. North American Protestant Fundamentalism. In: MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. *Fundamentalisms observed*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAGÃO, Jarbas. *Bancada Evangélica homenageia Israel no Congresso Nacional*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/bancada-evangelica-homenageia-israel-no-congresso-nacional/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

ARAGÃO, Jarbas. *Brasileiros promovem Marcha para Jesus em Jerusalém*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/marcha-para-jesus-2013-israel/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

ARAGÃO, Jarbas. *Capítulo sobre arrebatamento faz Apocalipse bater recorde de audiência*. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/capitulo-sobre-arrebatamento-faz-apocalipse-bater-recorde-de-audiencia/>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARMAGEDDON BOOKS. West Jefferson: Cliffside Publishing House. Disponível em: <<http://www.armageddonbooks.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

ARIEL, Yaakov. An unexpected alliance: Christian Zionism and its historical significance. *Modern Judaism: a journal of Jewish ideas and experience*, Oxford, Inglaterra, Volume 26, Issue 1, p. 74-100, Feb. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/mj/kjj005>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

ASSEMBLIES OF GOD. Disponível em: <<https://ag.org>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

BALFOUR Declaration. Disponível em: <https://knesset.gov.il/lexicon/eng/BalfourDeclaration_eng.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017.

BARRUCHO, Luís. 'Falei para chamar atenção', diz deputado ao justificar o voto pela 'paz em Jerusalém'. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160420_entrevista_ronaldo_fonseca_paz_jerusalem_lgb>. Acesso em: 16 abr. 2018.

BASS, Clarence. *Backgrounds to dispensationalism: The historical genesis and ecclesiastical implications*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.

BATTALION OF DEBORAH. Disponível em: <<http://www.battalionofdeborah.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BELLOTTI, Karina. Entre a cruz e a cultura pop: mídia evangélica no Brasil. In.: FERREIRA, João Cesário Leonel (Org). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro*. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009. p. 267-310.

BENDER, Thomas. *Historia de los Estados Unidos: una nación entre naciones*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

BÍBLIA de estudo Dake. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.

BÍBLIA de estudo do expositor. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

BÍBLIA de estudo MacArthur. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BÍBLIA de estudo pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA de estudo Plenitude. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BÍBLIA de estudo profética LaHaye. São Paulo: Hagnos, 2005.

BÍBLIA de estudo Scofield. São Paulo: Holy Bible, 2009.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA do pregador pentecostal. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

BIBLIOTHECA SACRA ONLINE. Dallas Theological Seminary. Disponível em: <<https://www.dts.edu/publications/bibliothecasacra/online/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BIGALKE JR., Ron. *Problems with Progressive Dispensationalism*. Disponível em: <<http://www.pre-trib.org/articles/view/problems-with-progressive-dispensationalism>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003.

BLEDSOE, David Allen. *Movimento neopentecostal brasileiro: IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012.

BONINO, José Miguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BORGER, Julian; BEAUMONT, Peter. *Defiant Donald Trump confirms US will recognise Jerusalem as capital of Israel*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2017/dec/06/donald-trump-us-jerusalem-israel-capital>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

BRIDGES FOR PEACE. Disponível em: <<https://www.bridgesforpeace.com/>>. Acesso em 30 nov. 2017.

BUSH, Andrew F. The Implications of Christian Zionism for Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 144-150, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Discurso de Roberto de Lucena em 01/11/2016*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=281.2.55.O&nuQuarto=35&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=15:42&sgfaseSessao=GE&Data=01/11/2016&txApelido=ROBERTO DE LUCENA, PV-SP>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Discurso de Roberto de Lucena em 04/05/2017*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/SitaqWeb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=104.3.55.O&nuQuarto=46&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=16:15&sgF>>.

aseSessao=CP&Data=04/05/2017&txApelido=ROBERTO DE LUCENA, PV-SP>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Grupos parlamentares*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/deputados/frentes-e-grupos-parlamentares/grupos-parlamentares>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Frentes e grupos parlamentares*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/deputados/frentes-e-grupos-parlamentares>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 197/2017 CREDN*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2136352>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 6422/2017*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2136450>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Requerimento 7940/2017*. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2166360>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CAMPOS, Breno Martins. The Fundamentals: ontem, hoje e sempre. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 30, p. 124-141, jan./abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A inserção do protestantismo de missão no Brasil na perspectiva das teorias do imaginário e da matriz religiosa. *Estudos Teológicos*: São Leopoldo, v. 52, n. 1, p. 142-157, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/284/333>. Acesso em: 19 jan. 2018.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, set./nov. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13458/15276>>. Acesso em: 24 jan. 2018.

CAVIGLIA, Dolores. *Qual é a religião de Trump?* Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WBfrWKeCbpEJ:https://oglobo.globo.com/mundo/qual-a-religiao-de-trump-21385557+&cd=1&hl=pt->

BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 29 nov. 2017.

CFI Brazil. Disponível em: <<http://cfijerusalem.org/web/about-us/representatives/230-cfi-brazil>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

CHAPMAN, Colin. Premillennial Theology, Christian Zionism, and Christian Mission. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

CHRISTIAN FRIENDS OF ISRAEL. Disponível em: <<http://cfijerusalem.org/web/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CHRISTIAN FRIENDS OF ISRAELI COMMUNITIES. Disponível em: <<https://www.cfoic.com/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CHRISTIANS FOR ISRAEL. Disponível em: <<http://www.c4israel.org/c4i/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

CHRISTIANS UNITED FOR ISRAEL. About us. Disponível em: <<https://www.cufi.org/impact/about-us/mission-and-vision/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

CLOUSE, Robert G. (Org.). *The meaning of the Millennium: four views*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1977.

CONIB. *Viagem a Israel muda a visão de parlamentares brasileiros*. Disponível em: <<http://www.conib.org.br/noticias/4084/viagem-a-israel-muda-a-viso-de-parlamentares-brasileiros>>. Acesso em 17 abr. 2018.

COSTA, Franciene. *Festa dos Tabernáculos 2017 – Jerusalém – Cidade de Deus*. Disponível em: <<http://www.mir12.com.br/br/2017/congressos/tabernaculos/destaques/520-festa-dos-tabernaculos-2017-jerusalem-cidade-de-deus>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

COUCH, Mal. *Dictionary of premillennial theology*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1996.

CHRISTIAN TODAY. *Second coming of Christ nearer after Trump's decision on Jerusalem, claims US pastor*. Disponível em: <[https://www.christiantoday.com/article/second.coming.of.christ.nearer.after.trumps.d](https://www.christiantoday.com/article/second.coming.of.christ.nearer.after.trumps.decision.on.jerusalem.claims.us.pastor/120815.htm)>. Acesso em: 12 dez. 2017.

CROUZET, Maurice. *A época contemporânea*. 3º volume. O desmoronamento dos impérios coloniais; o surto das ciências e técnicas. In.: *História Geral das Civilizações*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958.

CRU BRASIL. Disponível em: <<http://cru.org.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2017.

DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Disponível em: <http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22>. Acesso em: 15 fev. 2018.

DIAS, Zwinglio M. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina. *Numem: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 47-62, 2000. Disponível em: <<https://numen.ufff.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/854/739>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

DISPENSACIONALISMO HOJE. Disponível em: <<https://www.facebook.com/DispensacionalismoHoje/>>. Acesso em: 13 Abr. 2018.

DONIZETE, Juber. *Questionamentos sobre o arrebatamento e a grande tribulação*. Disponível em: <<https://juberdonizete.blogspot.com.br/2010/07/questionamentos-sobre-o-arrebatamento-e.html>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

DREHER, Martin N. *História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana*. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

EMBAIXADA DE ISRAEL NO BRASIL. *II Seminário Brasil Israel no Instituto Rio Branco*. Disponível em: <<http://embassies.gov.il/brasilia/NewsAndEvents/Pages/II-Seminário-Brasil-Israel-no-Instituto-Rio-Branco.aspx>>. Acesso em 16 abr. 2018.

EURONEWS. *UNESCO adota resolução sobre estatuto de Jerusalém Oriental*. Disponível em: <<http://pt.euronews.com/2017/05/05/unesco-adota-resolucao-sobre-estatuto-de-jerusalem-oriental>>. Acesso em 16 abr. 2018.

EWERT, David. *Então virá o fim: uma escatologia bíblica*. Campinas: Editora Cristã Unida, 1994.

FEAST OF TABERNACLES. Disponível em: <<https://feast.icej.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

FELLET, João. *Líderes evangélicos saem em defesa de Israel e criticam Dilma*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140806_evangelicos_israel_dilma_jf_kb>. Acesso em: 16 Abr. 2018.

FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FERREIRA, Franklin. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica, e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FINKELSTEIN, Israel. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: Unipop, 1996.

FUNDAMENTOS DA NOSSA FÉ. Belo Horizonte: Convenção Batista Mineira, 2013. Disponível em: <http://www.brazil9.com.br/servidor/ibbripatinga/revista_fundamentos_fe.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 2001.

GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

GOLDMAN, Shalom. Christians and Zionism: A Review Essay. *American Jewish History*, Volume 93, Numer 2, p. 245-260, June 2007. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/220295>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. As fontes do Messianismo milenarista brasileiro em uma perspectiva mítico-religiosa. In.: ARAGÃO, Gilbraz; CABRAL, Newton; VALLE, Edênio (Orgs.) *Para onde vão os estudos da religião no Brasil?* São Paulo: ANPTECRE, 2014. p. 139-184.

GOODENOUGH, Stan. *Israel – Dividindo a Igreja, ou definindo-a?* Disponível em: <http://www.chamada.com.br/mensagens/israel_igreja.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

GONZÁLEZ, Justo. *Breve dicionário de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009.

GONZÁLEZ, Justo. *História ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos*. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/315/quarenta-livros-que-fizeram-a-cabeca-dos-evangelicos-brasileiros-nos-ultimos-quarenta-anos>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.

HOBSBAWM, Eric. *A era do capital, 1848-1875*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HUMMEL, Daniel G. A “Practical Outlet” to Premillennial Faith: G. Douglas Young and the Evolution of Christian Zionist Activism in Israel. *Religion and American Culture: A Journal of Interpretation*, Vol. 25, Issue 1, p. 37–81, 2015. Disponível em: <<http://rac.ucpress.edu/content/25/1/37>>. Acesso em 13 dez. 2017.

ICE, Thomas. Lovers of Zion: A History of Christian Zionism. *Article Archives*, Lynchburg, USA, Paper 29, p. 1-27, May 2009. Disponível em: <http://digitalcommons.liberty.edu/pretrib_arch/29>. Acesso em: 18 jul. 2017.

ICE, Thomas. *Sionismo cristão*. Porto Alegre: Actual Edições, 2010.

ICEJ Brasil. Disponível em: <<https://www.cityisrael.net/copia-city-1>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

INTERNATIONAL CHRISTIAN EMBASSY JERUSALEM. Disponível em: <<https://int.icej.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

INTERNATIONAL FELLOWSHIP OF CHRISTIANS AND JEWS. Disponível em: <<http://www.ifcj.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

JERUSALEM UNIVERSITY COLLEGE. Institute of Holy Land Studies. Disponível em: <<https://www.juc.edu/>>. Acesso em 14 dez. 2017.

JEWS FOR JESUS. Disponível em: <<https://jewsforjesus.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

JM NOTÍCIA. “*Escolha um candidato que ame Israel*”, aconselha Heloisa Rosa. Disponível em: <<http://www.jmnoticia.com.br/2018/01/09/escolha-um-candidato-que-ame-israel-aconselha-heloisa-rosa/>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

JPPADILHA SOLA SCRIPTURA. Disponível em: <<https://jppadilhabiblia.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

JÚNIOR, Alcino. *A CPAD e o sectarismo seletivo*. Disponível em: <<http://alcinojunior.blogspot.com/2016/07/a-cpad-e-o-sectarismo-seletivo.html>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

KARNAL, Leandro et. al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

LANGE, Nicholas de. *Povo judeu: odisseia através dos séculos*. Barcelona: Ediciones Folio, 2007.

LEFT BEHIND. Tyndale House Publishers. Disponível em: <<http://www.leftbehind.com/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

LINDSEY, Hal. *A agonia do grande planeta Terra*. 7. ed. São José dos Campos, SP: CLC Editora, 1984.

LINDSEY, Hal. *Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

LISSOVSKY, Alexandre. *2000 anos depois: o renascimento de Israel* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/tfhj9>> Acesso em: 18 jul. 2017.

LIVRARIA CHAMADA. *Assinatura da Revista Chamada da Meia-Noite*. Disponível em: <<https://livraria.chamada.com.br/revista-chamada-da-meia-noite-assinatura.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LIVRARIA CHAMADA. *Coleção Notícias de Israel 2016*. Disponível em: <<https://livraria.chamada.com.br/colecao-noticias-de-israel-2016.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênicos e evangelical no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.

MACHADO, Maria das Dores Campos; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, n. 3, 2014, p. 601-631. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/00115258201419>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MALHEIROS, Isaac. Teologia ou estereótipo: O que define o fundamentalismo cristão? *PLURA, Revista de Estudos da Religião*, vol. 6, n. 2, p. 256-277, 2015. Disponível em: <https://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1114/pdf_141>. Acesso em: 28 nov. 2017.

MALTCHIK, Roberto; MALKES, Renata. *Brasil reconhece Estado palestino*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/brasil-reconhece-estado-palestino-2916276>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

MARCHA PARA AS NAÇÕES. Disponível em: <<http://mon2018.com/pt-br/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. O futuro não será protestante. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 89-114, set. 1999. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2153/842>>
Acesso em: 22 jan. 2018.

MELANDRI, Pierre. *História dos Estados Unidos desde 1865*. Lisboa: Edições 70, 2000.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Aste, São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, set./nov. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13455/15273>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MOLTMANN, Jürgen. Fundamentalismo e modernidade. *Concilium: Fundamentalismo: um desafio ecumênico*, n. 241, p. 141-148, 1992-1993.

MOURA, Marcelo. *A franquia Left Behind – Deixados para trás (2000-2014)*. Disponível em: <<http://noset.com.br/franquia-left-behind-deixados-para-tras-2000-2014/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

NATIONAL CHRISTIAN LEADERSHIP CONFERENCE FOR ISRAEL. Disponível em: <<https://www.nclci.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

NOGUEIRA, Val. *Brazil shares message of hope*. Disponível em: <<http://www.c4israel.org/news/brazil-shares-message-of-hope/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Um povo chamado batista: história e princípios*. 3. ed. Recife: Kairós Editora, 2014.

OLSON, N. Lawrence. *O plano divino através dos séculos: as dispensações que Deus estabeleceu para Israel, à igreja e para o mundo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

OS FUNDAMENTOS: a famosa coletânea de textos das verdades bíblicas fundamentais. São Paulo: Hagnos, 2005.

OS FUNDAMENTOS para o século 21: examinando os principais temas da fé cristã. São Paulo: Hagnos, 2009.

PIEDRA, Arturo. *Evangelização protestante na América Latina: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960)*. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.

POCOCK, Michael. The Influence of Premillennial Eschatology on Evangelical Missionary Theory and Praxis from the Late Nineteenth Century to the Present. *International Bulletin of Missionary Research*, New Heaven, USA, v. 33, n. 3, p. 137-144, July 2009. Disponível em: <<http://www.internationalbulletin.org/issues/2009-03/>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

POZZI, Sandro; AYUSO, Silvia. *EUA decidem se retirar de novo da Unesco por seu "viés anti-Israel"*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/12/internacional/1507814408_360787.html>. Acesso em: 29 nov. 2017.

PRÊMIOS City. Disponível em: <<https://www.cityisrael.net/copia-tabernaculos>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

PRE-TRIB RESEARCH CENTER. Disponível em: <<http://www.pre-trib.org/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

R7 ENTRETENIMENTO. *Conheça a história de Apocalipse*. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/apocalipse/conheca-a-historia-de-apocalipse-20022018>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

RAPTURE READY. Disponível em: <<http://www.raptureready.com/rapture-ready-index/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

REVISTA CRISTÃ ÚLTIMA CHAMADA. Disponível em: <<http://www.revistacrista.org/index.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

RENÊ Terra Nova. Disponível em: <<http://reneterranova.com.br/biografia-ap-rene-terra-nova/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

ROSENBERG, Roy. *Guia conciso do judaísmo: história, prática, fé*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RYRIE, Charles. *A Bíblia anotada: edição expandida*. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri; Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

SALLEH, Mohd Afandi; ABU-HUSSIN, Mohd Fauzi. The American Christians and the State of Israel. *Journal for the Study of Religions and ideologies*, vol. 12, n. 34, p. 152-172, 2013. Disponível em: <<http://jsri.ro/ojs/index.php/jsri/article/view/628>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

SAND, Shlomo. *A invenção da Terra de Israel: de Terra Santa a terra pátria*. São Paulo: Benvirá, 2014.

SAND, Shlomo. *A invenção do povo judeu: da Bíblia ao sionismo*. São Paulo: Benvirá, 2011.

SANDEEN, Ernest. *The roots of Fundamentalism: British and American Millenarianism 1800-1930*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1978.

SCHALY, Harald. *O pré-milenismo dispensacionalista à luz do amilenismo*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

SCOTT, Bruce. *Anti-Sionismo Cristão: do lado errado da história, da justiça e da Bíblia*. Disponível em: <http://www.chamada.com.br/mensagens/anti_sionismo_cristao.html>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SCHNERB, Robert. *O século XIX: o apogeu da civilização europeia*. v. 1 e v. 2 (História Geral das Civilizações, tomo VI). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.

SCHREIBER, Mariana. *Lideranças evangélicas querem que Brasil siga EUA e transfira embaixada em Israel para Jerusalém*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1941363-liderancas-evangelicas-querem-que-brasil-siga-eua-e-transfira-embaixada-em-israel-para-jerusalem.shtml>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura Teológica do Imaginário Religioso Brasileiro. In.: BOBSIN, Oneide, et. al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/Uma_religiao_chamada_brasil-E-BOOK.pdf> Acesso em: 2 mar. 2018.p. 29-62.

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA. Grade curricular dos cursos de formação ministerial (3 anos) e formação teológica (4 anos). Disponível em: <<http://opv.org.br/portal/sbpv/cursos/graduacao/curso/>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SILVA, André Luiz Reis; PILLA, Bruno. O Oriente Médio na política externa brasileira (1947-2011): aproximação, distanciamento e engajamento. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 51, p. 111-133, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer3.fapa.com.br/index.php/arquivos/article/viewFile/144/140>>. Acesso em: 16 abr. 2018. p. 130.

SIZER, Stephen. *Christian Zionism: Road-map to Armageddon?* Downers Grove, Illinois, EUA: InterVarsity Press, 2004.

SMITH, Wilbur M. *O conflito árabe-israelense... e a Bíblia*. São Paulo: Publicações IBR, 1970.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: LeYa, 2015.

SOUZA, Edilson Soares. *Cristãos em confronto: Brasil, 1890-1960*. Curitiba: CRV, 2014.

TEMPLE MOUNT & LAND OF ISRAEL FAITHFUL MOVEMENT. Disponível em: <<http://www.templemountfaithful.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Maranata ou O Senhor Vem*. São Paulo: Missão Brasileira Messiânica, 1971.

THE MASTER'S SEMINARY JOURNAL. Disponível em: <<https://www.tms.edu/msj/>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

UNIÃO Internacional de Cristãos e Judeus inicia atividades no Brasil. Disponível em: <<https://blogaultima Trombeta.wordpress.com/2016/05/26/uniao-internacional-de-cristaos-e-judeus-inicia-atividades-no-brasil/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

UNITY COALITION FOR ISRAEL. Disponível em: <<https://unitycoalitionforisrael.org/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

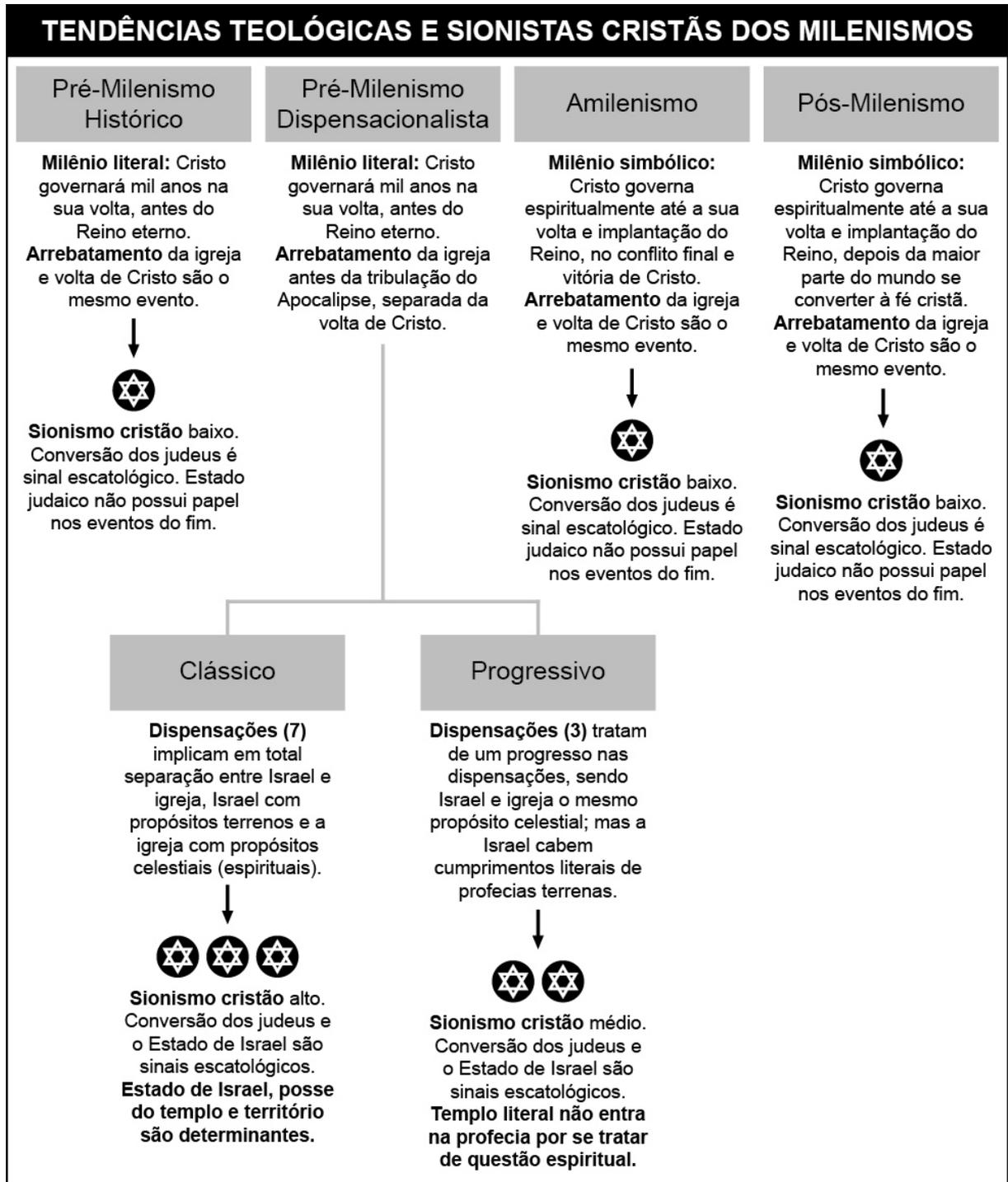
WEBER, Timothy P. *On the road to Armageddon: how evangelicals became Israel's best friend*. Grand Rapids, MI, EUA: Baker Academic, 2005.

WILKINSON, Paul Richard. *For Zion's sake: Christian Zionism and the role of John Nelson Darby*. Milton Keynes: Paternoster, 2007.

WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismos latino-americanos: entre o imaginário eurocêntrico e as culturas locais. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, 105-125, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewFile/222/230>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

ANEXOS

ANEXO I: Tendências teológicas e sionistas cristãs dos milenismos



ANEXO II: Livros dispensacionalistas e sionistas cristãos atuais

LIVROS DISPENSACIONALISTAS E SIONISTAS CRISTÃOS ATUAIS			
EDITORA	AUTOR	TÍTULO	CARACT.
Abba Press	Brian Bailey*	A jornada de Israel	D
	Thomas Ice*, Tim Lahaye*	Glorioso Retorno, o final dos tempos	D
Adib Editora	Erivaldo de Jesus	Escatologia Bíblica: um tratado sobre o fim do mundo	D
AD Santos	Cesar Cezar	Israel, profecias e acontecimentos extraordinários	✠
	Grady Shannon McMurtry	As festas judaicas do Antigo Testamento	D
Ágape	Paulo Edgard Machado	Entendendo as profecias	D
Arte Editorial	Magno Paganelli	E então virá o fim	D
Atos	Ari Sorko-Ram*	Por que abençoar Israel?	✠
Batista Regular	Edison Naves	Escatologia e a vida de santidade	D
	John Whitcomb*	O arrebatamento e além	D
	Michael Vlach*	Dispensacionalismo: crenças essenciais e mitos comuns	D
	Richard W. DeHaan*	A ressurreição do corpo	D
	Robert Brennan*, D. Correa	Profecias messiânicas	D
Betel	Noah W. Hutchings*	Arrebatamento e Ressurreição	D
	Orivaldo Prattis	Escatologia	D
Bom Pastor	David Yonggi Cho	O Apocalipse: visões de nossa vitória final em cristo	D
Central Gospel	Joá Caitano	Grandes temas do Apocalipse	D
	Joá Caitano	Os mistérios do Apocalipse	D
	Tim LaHaye*, Ed Hindson*	13 chaves para compreender o fim dos tempos	D
Chamada da Meia-Noite	Alexander Seibel	Existe profecia verdadeira? A prova bíblica	D
	Arno Froese*	Apocalipse 13: a última vitória de Satanás	D
	Arno Froese*	Como a democracia elegerá o Anticristo	D
	Arno Froese*	Preparação para a marca da Besta	D
	Arno Froese*	Profecia para os gentios	D
	Arno Froese*	Sete cartas do céu	D
	Christian Briem, Monard	As dispensações	D
	Dave Hunt*	A mulher montada na Besta v. 1	D
	Dave Hunt*	A mulher montada na Besta v. 2	D
	Dave Hunt*	Contagem regressiva para a volta de Jesus	D
	Dave Hunt*	Hitler, o quase-Anticristo	✠
	Dave Hunt*	Israel no centro do cenário profético	✠
	Dave Hunt*	Jerusalém, um cálice de tontear	✠
	Dave Hunt*	O dia do juízo! O Islã, Israel e as nações	✠
	Dieter Steiger	Venha o teu reino e a resposta de Deus	D
	Dirceu de Almeida	O reino messiânico, as nações, Israel e a Igreja	D
	Elwood McQuaid*, Herb Hirt*	A controvérsia sobre o monte do Templo	✠
	Freki Winkler	As festas judaicas	D
	Hal Lindsey*	O Messias, esperança para o futuro	D
	H. A. Ironside*	Estudos sobre o livro de Daniel	D
	H. L. Heijkoop	Eventos futuros, o porvir	D
	Joe Jordan	Beneficiando-se da profecia	D
	Johannes Pflaum, N. Lieth	A teologia da substituição	D
	Marcel Malgo	Oséias, o amor redentor de Deus	D
	Michael Urban*	Ecumenismo, o retorno a Babel	D
	Mark Hitchcock*	101 respostas às perguntas sobre o livro do Apocalipse	D
	Mark Hitchcock*	Afirmações impressionantes da profecia bíblica	D
	Mark Hitchcock*	Quem é o Anticristo?	D
	Meno Kalisher	Venha conhecer o que acontecerá no futuro	D
	Norbert Lieth	Amor: o que nos falta para o arrebatamento	D
	Norbert Lieth	As dispensações da Bíblia	D
	Norbert Lieth	A epístola de Judas: o último capítulo antes do arrebatamento	D
	Norbert Lieth	As profecias de Daniel	D
	Norbert Lieth	As profecias de Zacarias	D
	Norbert Lieth	Descobertas proféticas nos cânticos da Bíblia	D
	Norbert Lieth	Jesus salva, vive, voltará	D
	Norbert Lieth	Maravilhas proféticas: a restauração de Israel...	D
	Norbert Lieth	O pequeno Apocalipse	D
	Norbert Lieth	Salmos messiânicos	D
	Norbert Lieth	Vivendo a expectativa da volta de Jesus	D
	Panorama Bíblico	D	
	Peter e Paul Lalonde	301 provas e profecias surpreendentes provando que Deus existe	D
	Reinhold Federolf	A igreja sem Israel	D
	René Malgo	Lutero e o fim dos tempos	D
	Roger Liebi	Ezequiel	D

LEGENDA: * norte-americano ou de atuação nos EUA; D = Dispensacionalista; ✠ = Sionista Cristão

EDITORA	AUTOR	TÍTULO	CARACT.
Chamada da Meia-Noite (continuação)	Roger Liebi	Jerusalém, obstáculo para a paz mundial?	☼
	Ron Rhodes*	A cronologia do fim dos tempos	D
	Thomas Ice*	A batalha de Gogue e Magogue	D
	Thomas Ice*	Jesus e o fim dos tempos	D
	Thomas Ice*	Sionismo Cristão	☼
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre a tribulação	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre o Armagedom e o Oriente Médio	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre o arrebatamento	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre Jerusalém na profecia bíblica	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre o milênio	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre os sinais dos tempos	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	A verdade sobre o templo dos últimos dias	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	O Anticristo e o seu reino	D
	Thomas Ice*, Timothy Demy*	Profecias de A a Z	D
	Thomas Ice*, et al	Quando a trombeta soar	D
	Tim LaHaye*, Ed Hindson*	Alvo: Israel	☼
	Wilfred Hahn	O apocalipse financeiro mundial profetizado	D
	Wim Malgo	O arrebatamento	D
	Wim Malgo	Quem são os 144.000 selados e as 2 testemunhas do Apocalipse?	D
	Ed. dos Clássicos	Christian Chen	As grandes tendências mundiais e a palavra profética
CPAD	Abraão de Almeida	Israel, Gogue e o Anticristo	☼
	Antonio Gilberto	Daniel e o apocalipse	D
	Antonio Gilberto	O calendário da profecia	D
	Antônio Mesquita	Fronteira Final	D
	Ciro Sanches Zibordi	Erros escatológicos que os pregadores devem evitar	D
	David Jeremiah*	Agentes do Apocalipse	D
	David Jeremiah*	Antes que a noite venha	D
	Elinaldo Renovato de Lima	1 e 2 Tessalonicenses	D
	Elinaldo Renovato de Lima	O final de todas as coisas	D
	John Hagee*	Em defesa de Israel	☼
	Nels Lawrence Olson*	O plano divino através dos séculos	D
	Orlando Boyer*	Espada Cortante vol. 1	D
	Orlando Boyer*	Espada Cortante vol. 2	D
	Severino Pedro da Silva	Armagedom, a batalha final	D
	Severino Pedro da Silva	Apocalipse versículo por versículo	D
	Severino Pedro da Silva	Daniel versículo por versículo	D
	Severino Pedro da Silva	Escatologia, a doutrina das últimas coisas	D
Tim LaHaye*, Ed Hindson*	Enciclopédia popular de profecia bíblica	D	
	Mapa O Plano Divino	D	
	Mapa Os Juízos Divinos	D	
100% Cristão	Danny Bulanadi*, C. Cearley*	Apocalipse (<i>quadrinhos</i>)	D
	Casey La Scala*, et al	O arrebatamento (<i>quadrinhos</i>)	D
Danprewan	Jonathan Cash*	O despertar da escuridão (O fim do mundo v.1)	D
	Jonathan Cash*	A profecia verdadeira (O fim do mundo v.2)	D
	Jonathan Cash*	O mergulho no abismo (O fim do mundo v.3)	D
	Jonathan Cash*	As armas do Anticristo (O fim do mundo v.4)	D
	Jonathan Cash*	O juízo final (O fim do mundo v.5)	D
Dynamus	Mark Gabriel*	O Islã e os Judeus	☼
	Michael Evans*	Além do Iraque – a próxima jogada	☼
Livro Rápido	Mauro Alexandre	O verdadeiro Deus e a vida eterna	D
Graça Editorial	Derek Prince*	Guia profético para o final dos tempos	D
GOP Publicações	Gabriel de Oliveira Porto	Manual prático de escatologia	D
Holy Bible	H. I. Lehman	Apocalipse: a revelação de Jesus Cristo	D
Mundo Cristão	Charles Ryrie*	Teologia básica ao alcance de todos	D
Peregrino	Michael Vlach*	Dispensacionalismo	D
	John MacArthur*	Os planos proféticos de Cristo	D
Pereira	Finis Dake*	O Apocalipse explicado: mistérios eternos simplificados	D
Record (Best Seller)	Tim LaHaye*	A profecia da Babilônia	D
	Tim LaHaye*	O segredo do Ararat, a profecia da Babilônia v. 2	D
	Tim LaHaye*	A conspiração Europa, a profecia da Babilônia v. 3	D
	Tim LaHaye*	A era da escuridão, a profecia da Babilônia v. 4	D
Thomas Nelson	Daymond Duck*	Guia fácil para entender as profecias da Bíblia	D
	Daymond Duck*	Guia fácil para entender o Apocalipse	D
	Tim LaHaye*, Craig Parshall*	A beira do Apocalipse – o começo do fim	D
Vida	Benny Hinn*	Sangue na areia	☼
	Dwight Pentecost*	Manual de Escatologia	D
	Izes Calheiros	A próxima jogada	D
	John Walvoord*	Todas as profecias da Bíblia	D
	Sandra Teplinsky*	A unção de Israel	☼

LEGENDA: * norte-americano ou de atuação nos EUA; D = Dispensacionalista; ☼ = Sionista Cristão

ANEXO III: Livros dispensacionalistas e sionistas cristãos esgotados

LIVROS DISPENSACIONALISTAS E SIONISTAS CRISTÃOS ESGOTADOS			
EDITORA	AUTOR	TÍTULO e ANO DE PUBLICAÇÃO	CARACT.
AD Santos	Luiz Roberto T. Oliveira	O fim está próximo: você está preparado? (2011)	D
Batista Regular	Cyrus Scofield*	Manejando bem a palavra da verdade (1972)	D
	Donald Turner*	Exposição do Apocalipse (1983)	D
	H. A. Ironside*	Ira não... Arrebatamento! (1958)	D
	Haroldo Allison	A doutrina das últimas coisas (1971)	D
	Jacob Gartenhaus*	Para o que era seu (s.d.)	D
	Jacob Gartenhaus*	Apresentando o Messias (1984)	D
	Leon Wood*	A Bíblia e os eventos futuros (2003)	D
	Wilbur Smith*	O conflito árabe-israelense... e a Bíblia (1970)	✳
Betânia	Arthur Bloomfield*	Antes da última batalha: Armagedom (1981)	✳
	Arthur Bloomfield*	As profecias do Apocalipse: a verdade sobre o fim do mundo (1996)	D
	Arthur Bloomfield*	O futuro glorioso do planeta Terra (1980)	D
	Orlando Boyer*	A visão de Patmos (1968)	D
	Orzebal Siviero	... à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo... (1990)	D
	William Goetz*	Apocalipse já (1983)	D
	Peter e Paul Lalonde	Você está pronto para o novo milênio? (1999)	D
Candeia	Leon Wood*	A Bíblia e os eventos futuros (1993)	D
	David Jaffin	Israel no fim dos tempos (1994)	D
	David Dolan*	Guerra Santa para Terra Prometida: a luta de Israel para sobreviver no Oriente Médio (1993)	✳
	Enéas Tognini	O plano de Deus e o arrebatamento (1996)	D
Chamada da Meia-Noite	Arno Froese*	A misteriosa Babilônia: a Europa e a nova ordem mundial (2002)	D
	Arno Froese*	Descomplicando as profecias de Daniel (2005)	D
	Charles Ryrrie*	Vem depressa, Senhor Jesus (1999)	D
	Dave Hunt*	A sedução do Cristianismo (1999)	D
	Dave Hunt*	Quanto tempo nos resta? (1993)	D
	Gertrud Wasserzug	Auxílio para o estudo bíblico: o Apocalipse	D
	Holger Klaewer	Os últimos três minutos (2004)	D
	Norbert Lieth	A última mensagem de Jesus à sua igreja (1998)	D
	Norbert Lieth	Jesus voltará (2002)	✳
	Norbert Lieth	O Estado Judeu: de escândalo a necessidade mundial (1997)	✳
	Norbert Lieth	O futuro do cristão (1999)	D
	Norbert Lieth	Por que justamente Israel? (2009)	D
	Thomas Ice*	Ano 2000 e as previsões da volta de Cristo (1999)	D
	Thomas Ice*	Controvérsia por Sião, sionismo e anti-sionismo cristão (2004)	✳
	Thomas Ice*	Entendendo o dispensacionalismo – interpretação coerente da Bíblia	D
	Thomas Ice*, Robert Dean*	Triunfando na Batalha (1995)	D
	William Varner,* et al	Jerusalém no centro do furacão (2004)	D
	Wim Malgo	A crise mundial à luz da Bíblia (1991)	D
	Wim Malgo	Apocalipse de Jesus Cristo vol. 1 (2000)	D
	Wim Malgo	Apocalipse de Jesus Cristo vol. 2 (2000)	D
	Wim Malgo	Apocalipse de Jesus Cristo vol. 3 (2000)	D
	Wim Malgo	Apocalipse de Jesus Cristo vol. 4 (2000)	D
	Wim Malgo	Eis o noivo! (s.d.)	D
Wim Malgo	Não é possível contornar Jerusalém (s.d.)	✳	
Wim Malgo	O controle total – 666 (1984)	D	
Wim Malgo	O impressionante cumprimento das profecias em nossos dias	D	
Wim Malgo	O que aconteceu e acontecerá em breve (1982)	✳	
Wim Malgo	O que virá amanhã? (s.d.)	✳	
Wim Malgo	Quem são os 144.000 selados e as duas testemunhas do Ap.? (1999)	D	
Wim Malgo	Terá chegado o fim de todas as coisas? (s.d.)	D	
Wim Malgo	Sinais no céu e na terra: as constelações no plano de salvação (1979)	✳	
CPAD	Abraão de Almeida	Manual de profecia bíblica (1999)	D
	Abraão de Almeida	Assim vive Israel (1984)	D
	Claudionor Andrade	Jerusalém: 3000 anos de história (1996)	D
	David Wilkerson*	Toca a trombeta em Sião (1988)	D
	Eurico Bergstein	A doutrina das últimas coisas (1982)	D
	João de Oliveira	O milênio (1981)	D
	Nels Lawrence Olson*	A bomba atômica: precursora do Armagedom (s.d.)	D
	Nels Lawrence Olson*	Enoque: o arauto da vinda de Cristo (s.d.)	D
Nels Lawrence Olson*	Profecias Bíblicas (s.d.)	D	
Danprewan	Charles Swindoll*, et al	A estrada para o Armagedom (2001)	D
Devir	Tim LaHaye*	Revelações (2008)	D

LEGENDA: * norte-americano ou de atuação nos EUA; D = Dispensacionalista; ✳ = Sionista Cristão

EDITORA	AUTOR	TÍTULO e ANO DE PUBLICAÇÃO	CARACT.
DLC	Alfred Thompson Eade* G. Cutting Hendrik L. Heijkoop	Panorama Bíblico: as sete dispensações (2007)	D
		Detalhes da volta de Cristo (s.d.)	D
		O porvir: segundo as profecias da Palavra de Deus (1981)	D
Ed. Enéas Tognini	Enéas Tognini	O arrebatamento da igreja (1981)	D
Elo	Arno Gaebelein*	O rei está voltando (1979)	D
Escola Bíblia do Ar	David Gomes	Jesus Cristo está voltando (1979)	D
Ev. Esperança	James Kratz	A noiva triunfante (s.d.)	D
JUERP	João Korps Osvaldo Litz Synésio Lyra	Luzes divinas (1971)	D
		A estátua e a pedra (1985)	D
		O sionismo: análise à luz de Sião, cidade do Grande Rei (1977)	✪
Liv. Independente	Paul Guiley*	As sete épocas da história sagrada (s.d.)	D
Mapa Fiscal	Frederick Tatford*	O último momento (1971)	D
Missão Brasileira Messiânica	Alfredo Borges Teixeira	Maranata ou O Senhor vem (1971)	D
Moody Press	Charles Ryrrie*	Dispensacionalismo, ajuda ou heresia? (1995)	D
Mundo Cristão	Hal Lindsey* Hal Lindsey* John Hagee*	A agonia do grande planeta terra (1984)	D
		Satanás está vivo e ativo no planeta Terra (1979)	D
		O começo do fim (1997)	D
Provisão	Nilson Oliveira	A comovente história da humanidade no fim dos tempos (2001)	D
Record	Hal Lindsey* Hal Lindsey* Hal Lindsey*	A promessa de Jesus (1982)	D
		O arrebatamento (1985)	D
		Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final (1980)	✪
Thomas Nelson	LaHaye*, Craig Parshall*	Os sinais do céu (2011)	D
United Press (selo Hagnos)	Jerry Jenkins*, Tim LaHaye* Jerry Jenkins*, Tim LaHaye*	Os desaparecidos (Deixados para trás teen 1, 2005)	D
		Segunda chance (Deixados para trás teen 2, 2002)	D
		Através das chamas (Deixados para trás teen 3, 2002)	D
		Encarando o futuro (Deixados para trás teen 4, 2002)	D
		A volta à escola (Deixados para trás teen 5, 2002)	D
		O clandestino (Deixados para trás teen 6, 2002)	D
		Atrás das grades (Deixados para trás teen 7, 2002)	D
		A tragédia (Deixados para trás teen 8, 2002)	D
		A busca (Deixados para trás teen 9, 2002)	D
		A fuga (Deixados para trás teen 10, 2002)	D
		Deixados para trás (2014)	D
		Comando tribulação (Deixados para trás 2, 1999)	D
		Nicolae (Deixados para trás 3, 1999)	D
		A colheita (Deixados para trás 4, 2000)	D
		Apoliom (Deixados para trás 5, 2000)	D
		Assassinos (Deixados para trás 6, 2001)	D
		O possuído (Deixados para trás 7, 2001)	D
		A marca (Deixados para trás 8, 2000)	D
		Profanação (Deixados para trás 9, 2001)	D
		O remanescente (Deixados para trás 10, 2001)	D
		Armagedom (Deixados para trás 11, 2000)	D
		O glorioso aparecimento (Deixados para trás 12, 2004)	D
		Estamos vivendo os últimos dias? (2001)	D
O regime (2012)	D		
O rapto (2012)	D		
O nascimento (2012)	D		
Vida	Charles DeLoach* Ed Hindson* Hans Kristian*, Dave Hunt* Herbert Lockyer* John F. Walvoord* John Wesley White* Kay Arthur* Tim LaHaye* Williard Cantelon*	Sementes de conflito (1975)	✪
		O anticristo (2000)	D
		A invasão secreta (1990)	D
		Apocalipse, o drama dos séculos (1988)	D
		Armagedom: petróleo e crise do Oriente Médio (1975)	✪
		Retorno (1975)	✪
		Eis que Jesus está voltando! (1998)	D
		O começo do fim (1982)	D
		A morte do dólar (1973)	D
(Sem editora)	Antonio Alvarenga Antonio Gonçalves Eugeny Manvailer de Lima Francisco Ladeira João Korps João Korps Manoel Ferreira Leal Orlando de Oliveira Samuel Ladeira	A Bíblia e o fim do mundo (1977)	D
		Do Éden ao Juízo Final (1981)	D
		A noiva – a esposa do Cordeiro (s.d.)	D
		As coisas que em breve devem acontecer (1979)	D
		A revelação (1970)	D
		Provas do milênio real (1969)	D
		O sentido escatológico da Bíblia (1977)	D
		O Apocalipse em toda a Bíblia (2015)	D
		Profecias e dispensações (1973)	D
LEGENDA: * norte-americano ou de atuação nos EUA; D = Dispensacionalista; ✪ = Sionista Cristão			

ANEXO IV: Sites, blogs e fanpages de sionistas cristãos

SITES, BLOGS E FANPAGES DE SIONISTAS CRISTÃOS	
Armagedom às Portas – armagedomasportas.blogspot.com.br	Blog sobre escatologia com franco apoio a Israel como cumprimento de profecias.
As Tribos de Israel – www.facebook.com/DESCENDENTESDEISRAEL	Blog promotor de Israel, cristão, embora não se identifique como tal. Publicações semelhantes ao judaísmo messiânico, convocando verdadeiros cristãos a amar a Israel.
A última trombeta – blogultimatrombeta.wordpress.com	Blog com estudos bíblicos escatológicos, apoio a Israel e defesa de agendas da direita política.
Beth-Shalom – www.beth-shalom.com.br	Site de associação pertencente à Chamada da Meia-Noite, que promove congressos e viagens a Israel para promover apoio.
Chamada da Meia-Noite – www.chamada.com.br	Site da editora cristã com artigos e vídeos de espiritualidade, doutrina dispensacionalista, cerca de 80 artigos de cristãos apoiando o Estado de Israel e criticando a oposição, além de vídeos apoiadores a Israel e promotores de seus produtos.
Cristãos por Israel – www.facebook.com/cristaosporisraelbrazilamesul/?ref=br_rs	Fanpage de apoio a Israel com explícita motivação dispensacionalista.
Cristãos que apoiam Israel e a paz – www.facebook.com/Crist%C3%A3os-que-apoiam-Israel-e-a-Paz-891314760932207	Fanpage de apoio a Israel e contra o islamismo.
Cristãos Unidos por Israel – www.facebook.com/CristaosUnidosPorIsrael/?ref=br_rs	Fanpage com publicações de notícias e vídeos de apoio a Israel e de cunho político conservador.
Gospel Prime – noticias.gospelprime.com.br	Site protestante de notícias envolvendo cristianismo de maneira geral, mas com um espaço específico para Israel, onde há uma grande quantidade de notícias, sempre com apoio ao Estado israelense.
ICEJ Brasil – www.facebook.com/icejbr – www.cityisrael.net	Fanpage da Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém com notícias e artigos sionistas cristãos.
Israel em Português – israelemportugues.blogspot.com.br	Blog de mensagens evangélicas para judeus e apoio a Israel.
Judaísmo Cristão – www.facebook.com/JCYeshua	Fanpage com textos para evangelização de judeus e ensino de hebraico.
Liga Cristã Mundial Alerta – www.facebook.com/Liga-Crist%C3%A3-Mundial-Alerta-1733699696889593	Fanpage principalmente contra o islamismo, com apoio a Israel em segundo plano, mas presente.
Orai por Israel – www.facebook.com/Orai-por-Israel-1446222572315629	Fanpage de pedidos oração, artigos sobre Israel, além de notícias sobre perseguição de cristãos em países muçulmanos.
Ore por Jerusalém – www.facebook.com/oreporjerusalem	Fanpage pedindo oração por Jerusalém. Não se identifica como cristão, mas postagens de sites evangélicos revelam a origem.
Revival Times – noticias.revivaltimes.com.br	Site evangélico de notícias sobre o “fim dos tempos” que prioriza questões envolvendo Israel.
Sim Israel – simisrael.com.br	Site de divulgação de eventos para ensinar a igreja a amar Israel.
União Internacional de Cristãos e Judeus – www.facebook.com/UICJBrasil	Entidade filantrópica fundada por um rabino para solicitar doações de cristãos para auxílio de judeus necessitados em Israel.
Unidos por Israel – unidosporisrael.com.br – www.facebook.com/UnidosIsrael	Site e fanpage sionista cristão e judeu com palestras sobre Israel e pedido de ofertas para auxiliar judeus carentes em Israel. Fornece certificados de amizade com o povo judeu para igrejas e pastores.
Yeshua Israel – www.facebook.com/yeshuaisraelportugues	Fanpage com foco em evangelismo de judeus, promovido pelo ministério Diante do Trono (Igreja Batista Lagoinha).

ANEXO V: Empresas especializadas em viagens bíblicas

EMPRESAS ESPECIALIZADAS EM VIAGENS BÍBLICAS	
A Terra Santa – www.aterrasanta.com.br	Empresa especializada em viagens a Israel, com foco nos temas bíblicos.
Bei Tur – beittur.com.br/novo	Empresa especializada em organizar caravanas para terras bíblicas, especialmente Israel.
Bless Viagens e Eventos – www.blessviagens.com.br	Empresa de turismo especializada em roteiros bíblicos e viagens a Israel, entre outros.
Byblos Viagens – www.byblosviagens.com.br	Empresa especializada em viagens a terras bíblicas. Em 2017 promoveu o Congresso Celebrando Jerusalém.
Caravana Lagoinha – www.caravanalagoinha.com.br	Organiza caravanas para Israel e eventos evangélicos.
Chamada da Meia-Noite – www.chamada.com.br/viagem_a_israel/apresentacao.html	Editora dispensacionista e sionista cristã promove anualmente uma viagem a Israel.
City Israel – www.cityisrael.net	Empresa de Renê Terra Nova, especializada na promoção da Festa dos Tabernáculos em Jerusalém.
El Gíbor – www.elgibor.com.br	Empresa especializada em turismo de cristãos para Israel.
Eretz Tur – www.eretztur.com.br	Empresa especializada em roteiros religiosos, com grupos para evangélicos, católicos e judeus.
Follow Up – www.followupintercambios.com	Empresa de intercâmbios e turismo, com bastante foco nos eventos em Jerusalém, como a Festa dos Tabernáculos.
Milessis Turismo – www.milessisturismo.com.br/religioso	Empresa especializada em turismo religioso, tanto para judeus, como para católicos e evangélicos.
Montana Tur – www.montanatur.com.br	Empresa especializada em roteiros religiosos para a Terra Santa.
New Gênesis – www.genesisviagem.com.br	Operadora de viagens, foco principal em Israel e caravanas de evangélicos, especialmente para a Festa dos Tabernáculos.
Renova Turismo – www.renovaturismo.com	Empresa especializada em turismo cristão, com caravanas para evangélicos e católicos, com pastores e padres acompanhando os roteiros. Não é exclusivo para Israel, mas estes são um dos roteiros importantes no negócio.
Shalom Jerusalém – www.shalomjerusalem.com.br	Empresa especializada em viagens para Israel, para cristãos e judeus.
Terra Santa Viagens – terrasantaviagens.com.br	Empresa especializada em viagens a terras bíblicas, especialmente para Israel. Participa do evento Marcha das Nações.
Universal Travel – www.universaltravel.com.br	Empresa especializada em caravanas para a Israel, com acompanhamento de pastores famosos.
Us Travel – www.ustravel.com.br	Empresa especializada em caravanas de evangélicos ou católicos, contando com participação de pastores e padres.
Vered HaSharon – www.veredgo.com.br	Empresa especializada em turismo em Israel, com caravanas especiais para evangélicos ou católicos.
Viagens Bíblicas – www.viagensbiblicas.com.br	Operadora de turismo especializada em viagens a Egito e Israel. Promove a realização de batismos no rio Jordão.
Viaje para Israel – www.viajeparaIsrael.com.br	Empresa especializada em viagens para terras bíblicas, especialmente Israel.

